

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
MUSEU NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA EM DOIS JORNAIS CARIOCAS:

Uma abordagem etnográfica

Silvia Garcia Nogueira Pereira

Rio de Janeiro
1998

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
MUSEU NACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA EM DOIS JORNAIS CARIOCAS:

Uma abordagem etnográfica

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Aluna: Silvia Garcia Nogueira Pereira
Orientador: Marcio Goldman

Rio de Janeiro
fevereiro de 1998

*Para Yasmin e Erno Schneider.
À filhotinha, dedico também
minha vida. Ao fotógrafo,
minha admiração.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao Prof. Marcio Goldman, que além de ter exercido o ofício de orientador com competência e dedicação, extrapou esse papel ao revelar uma compreensão somente dispensada pelos grandes amigos.

Aos professores José Carlos Rodrigues, de quem tive a sorte de ser aluna na graduação, e Federico Neiburg, que participou do exame do projeto desta dissertação fazendo comentários valiosos, agradeço por terem aceitado participar da banca composta para a defesa deste trabalho. Sentindo-me em dívida com a Profa. Lygia Sigaud, agradeço a oportunidade de ter assistido a seu curso sobre trocas, que muito me auxiliou no entendimento das situações observadas no campo e, também, devo agradecer à sua participação no exame do projeto desta dissertação.

Se as portas das redações não tivessem sido abertas para mim, este trabalho não passaria de um simples plano de pesquisa. Assim, agradeço às direções dos dois jornais por terem permitido que eu tivesse livre acesso às atividades desenvolvidas em seus domínios. Da mesma forma, agradeço aos jornalistas da **Folha do Rio** e do **Correio da Cidade** a paciência de terem-me por perto sempre fazendo perguntas e observando-os. Espero encontrá-los para um chope qualquer dia.

A Maria Hortense e ao jornalista Marcos Sá Correa não só agradeço por terem tornada real a possibilidade de execução das etnografias dos dois jornais como também dedico todo meu trabalho de campo.

A Ana Cláudia Cruz da Silva, um obrigada do tamanho do mundo por ter lido, em plenas férias, os manuscritos deste trabalho; suas sugestões foram extremamente importantes.

Aos amigos e colegas do PPGAS agradeço a convivência e as discussões ao longo do curso.

Agradeço enormemente às professoras Maria Antonieta Leopoldi e Tânia Stolze Lima, grandes incentivadoras em minha incursão no curso de mestrado e nos caminhos da Antropologia Social.

Não posso deixar de mencionar as pessoas da secretaria, em especial Tânia e Aurora, e da xerox, Adílson e Jorge. A eles agradeço não só os serviços prestados como também a simpatia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior (CAPES), agradeço a concessão de bolsas de estudo, sem as quais este trabalho não teria se viabilizado.

Ao casal Azul e Fernanda agradeço a amizade e a disposição de terem confeccionado a parte gráfica deste trabalho, suprindo os limites de minha habilidade com computadores.

Aos meus pais, Heitor e Mirian, ao meu irmão Tande e a Marcos Callisto agradeço o afeto e o apoio incondicional. Sem eles, me faltaria suporte (prático e emocional) para realizar esta pesquisa.

RESUMO

Como as notícias são produzidas? O que faz com que determinados assuntos sejam abordados de uma forma e não de outra? Tendo estas perguntas como norteadoras, este trabalho se propõe a fazer uma etnografia analítica de dois grandes jornais cariocas, durante o período das eleições municipais de 1996. A partir do acompanhamento das atividades desenvolvidas nas redações, percebe-se que explicações de caráter puramente ideológico, ou, por outro lado, exclusivamente mercadológico, não são suficientes para o entendimento do processo de produção das notícias. A esses fatores acrescentam-se a rede de relações pessoais dentro e fora dos jornais, os limites de tempo e espaço inerentes à própria atividade, as regras formais contidas nos manuais de redação e aquelas, “informais”, que regulam as atividades jornalísticas. Este trabalho consiste em um primeiro esforço para abordar esse conjunto de variáveis, que tem sido deixado de lado nas análises sobre a mídia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – As Primeiras Experiências no Campo.....	12
1.1 – Primeiro Dia no Correio da Cidade	19
1.2 – Primeiro Dia na Folha do Rio	30
1.3 – Organização Hierárquica e Funcionamento das Redações.....	38
1.4 – Organização Espacial e Hierarquia Social.....	42
1.4.1– Organização Espacial do Correio da Cidade	45
1.4.2– Organização Espacial da Folha do Rio	47
CAPÍTULO 2 – O Caminho da Informação.....	51
2.1 – No Correio da Cidade	53
2.2 – Na Folha do Rio	58
2.3 – O Ritual Jornalístico.....	61
2.4 – A Pauta.....	65
2.5 – Reuniões.....	71
2.6 – Edição e Fechamento.....	81
CAPÍTULO 3 – Controle e Disciplina: Constrangimentos.....	91
3.1 – Manuais de Redação.....	95
3.2 – Formas de Crítica, Contabilização de Erros e Correções Públicas..	101
CONCLUSÃO.....	106
GLOSSÁRIO.....	110
BIBLIOGRAFIA.....	117

INTRODUÇÃO

Diante da imprensa, as pessoas costumam experimentar diferentes sensações: admiração (quando algum grande escândalo é denunciado, por exemplo), curiosidade (quem nunca se perguntou sobre como um jornalista ficou sabendo de um determinado fato?), fantasia (não apenas o que se imagina como sendo uma rotina do jornalista, como também uma grande quantidade de filmes e romances sobre esse profissional e seu *métier*) e revolta e medo (normalmente se já foi alvo de alguma matéria desfavorável ou que contivesse erro de informação). Esse conjunto de palavras integra um rol de muitas outras que ajuda a construir e sustentar a imagem da imprensa como um *quarto poder*.

Eu mesma, motivada pelos sentimentos de admiração e curiosidade, optei duas vezes por fazer do jornalismo a espinha dorsal da minha vida profissional. Primeiro, por tê-lo escolhido como profissão¹ e, agora, exercendo o ofício de antropóloga, como objeto de estudo e investigação, cujo resultado é esta dissertação.

Inicialmente, minha intenção era a de investigar como os “assuntos de política” estavam sendo abordados pela imprensa. Esta serviria mais como um meio do que como um objeto de investigação. A partir daí, eu procuraria fazer também uma análise de caráter mais formal através do mapeamento da distribuição das notícias pelas páginas de um jornal. Tal análise seguiria a lógica de importância própria aos veículos impressos de comunicação, nos quais a localização e o tamanho das matérias ao longo

¹ Eu me formei em jornalismo em 1990, na PUC-RJ. Comecei a exercer o ofício de jornalista, primeiro na condição de estagiária e, depois, como profissional. Minha área de atuação tem sido assessorias de comunicação social, assessorias de imprensa e divisões de comunicação interna em órgãos públicos, empresas privadas e mutinacionais. Além disso, atuei como free-lancer para o suplemento cultural de uma revista e fiz trabalhos de copidesque.

do jornal indicam o nível de relevância do assunto abordado.

De fato, esta pesquisa começou a ganhar corpo em 1996, ano em que se realizaram as eleições para prefeitos e vereadores no país. Vi nesse acontecimento uma boa oportunidade para analisar diferentes aspectos do trabalho da imprensa. Desenvolvi minha pesquisa nas redações de dois jornais diários de grande circulação² e com sede no Rio de Janeiro. A condição para que a pesquisa de campo pudesse ter prosseguimento foi a de respeito ao sigilo quanto aos nomes das empresas jornalísticas pesquisadas. Assim, substituí os nomes verdadeiros dos jornais, bem como os nomes reais de pessoas pertencentes aos seus quadros profissionais.

Durante o trabalho de campo, revi meus objetivos iniciais de análise. Em lugar de utilizar a imprensa como meio para a pesquisa, julguei ser mais interessante fazer da própria imprensa objeto de estudo. Se antes o trabalho etnográfico serviria como base para que a pesquisa se desenvolvesse, a partir de então ela passou a ser o objetivo e o conteúdo principal desta dissertação. Procurei investigar o funcionamento dos jornais, as práticas sociais e relações pessoais que se desenvolvem no âmbito das redações (e eventualmente fora delas), a existência de vários elementos que fazem com que determinada notícia seja publicada de determinada forma, enfim, uma etnografia desses dois jornais.

A opção pelo período eleitoral e pelo acompanhamento das campanhas dos candidatos a prefeito da cidade do Rio de Janeiro deve ser entendida *a posteriori* como a escolha de um caso privilegiado para o entendimento de como as notícias são produzidas, uma vez que quando ocorre um “grande evento”, como as eleições, é esse evento que será considerado dentro das redações o mais importante assunto do dia,

² Um dos jornais circula em âmbito nacional e o outro somente no Estado do Rio de Janeiro.

recebendo tratamento diferenciado dos jornalistas responsáveis por sua cobertura. Assim, como pude constatar ao longo do trabalho de campo, diante de um acontecimento considerado importante e extraordinário, as atividades do dia-a-dia do jornal tornam-se mais intensas e visíveis. Deslocam-se jornalistas de outras editorias que não a editoria responsável pela cobertura do evento; a corrida contra o tempo para o fechamento das matérias torna-se mais acelerada; o prestígio do jornal é colocado em jogo de forma mais evidente, uma vez que *dar notícia* errada ou pouco informativa em relação à concorrência pode significar perder a credibilidade de seus leitores, e os interesses variados que envolvem fontes de informação, jornalistas, leitores e dirigentes das empresas jornalísticas mostram-se de forma mais flagrante pela importância atribuída ao assunto abordado.

O recorte temporal estabelecido previamente para o trabalho de campo - de agosto a dezembro, período em que o assunto eleições ganhou destaque na imprensa - teve que ser revisto dada a dificuldade inicial de entrada no campo (ver capítulo 1). Deste modo, o trabalho nas redações teve início exatamente no dia das eleições do primeiro turno, 3 de outubro, e continuou sendo desenvolvido até fevereiro de 1997. Apesar do encurtamento do período de tempo a ser estudado, o fato de o segundo turno ter envolvido apenas dois candidatos tornou a tarefa de apreender as diferentes variáveis que interferem no processo de produção das notícias mais fácil de ser controlada.

A rotina adotada durante o período de trabalho de campo consistia em chegar nas redações de manhã, em torno das dez horas, e sair pelo menos depois do *primeiro fechamento*, por volta das dez horas da noite. A média de tempo dentro das redações variou entre 10 e 16 horas. Como não podia estar em dois jornais simultaneamente, optei por alternar os dias da semana em cada um deles. Deste modo, dispensei dois ou

três dias por semana em cada jornal.

Em certas situações, porém, julguei ser pertinente ir para a redação de um jornal na parte da manhã e, à tarde, me dirigir para a redação do outro jornal, a fim de acompanhar como um fato ou um assunto repercutiu nas duas redações. Além disso, a partir da segunda quinzena de dezembro, reduzi o tempo de permanência nas redações (entre 4 e 6 horas diárias) e a quantidade de idas aos jornais (uma ou duas vezes por semana), já que o ritmo das atividades nas editorias responsáveis e a quantidade de jornalistas dedicados a assuntos de “política” diminuiu depois das eleições.

Cabe esclarecer, para efeitos de melhor compreensão, que ao falar das redações estou me referindo ao que vi e ouvi a partir de um lugar junto às editorias dos dois jornais responsáveis pelas *matérias de política* (segundo a classificação dos jornalistas). Em ambos os casos, as editorias não eram exclusivamente de “Política”, mas de duas ou três áreas distintas, como “Política” e “Nacional” (*editoria Nacional*), e “Política”, “Polícia” e “Cidade” (*editoria Geral*). Assim, ao fazer uma etnografia das redações dos dois jornais, ressalto que ela foi feita a partir de um local preciso dentro das redações, que comportam mais de 100 jornalistas, no caso de um dos jornais, e mais de 300, no caso do outro. Imagino que se eu tivesse acompanhado o trabalho a partir de uma outra editoria, alguns dos dados que obtive³ seriam diferentes, uma vez que cada editoria apresenta especificidades.

Encerrado o trabalho de campo, a próxima etapa foi conhecer a literatura existente sobre Imprensa. O tema tem sido mais abordado por jornalistas, que, de modo geral, contam um pouco da sua experiência profissional, revelando fatos ocorridos nos

³ Como já no início do trabalho de campo tomei a decisão de abandonar os objetivos iniciais por mim estabelecidos, procurei observar e anotar a maior quantidade de dados possíveis, mesmo sem ter certeza do tratamento que seria dado ao material futuramente.

“bastidores das notícias” frente a cobertura de determinados acontecimentos ou referentes à rotina do trabalho de jornalistas. Já no campo das Ciências Sociais, que me interessa mais particularmente, há poucos trabalhos sobre o assunto, como já notara Torres (1994) e Spitulnik (1993). Mesmo assim, parte considerável deles diz respeito a uma história dos meios de comunicação de massa, à mídia como um fenômeno, à relação entre mídia e cultura popular ou mídia e sociedade de consumo e processos de globalização, ou a como determinado veículo de comunicação abordou um tema específico. Além disso, entre os meios de comunicação de massa, a televisão tem ganho mais atenção dos estudiosos do que outros veículos.

A imprensa tem se constituído como objeto de estudo para cientistas sociais há relativamente pouco tempo. Para Spitulnik (1993), ainda não existe o que chama de uma “Antropologia dos *mass media*”, apesar de existirem vários ângulos para abordar antropologicamente os meios de comunicação de massa - “como instituições, locais de trabalho, práticas comunicativas, produtos culturais, atividades sociais, formas estéticas e desenvolvimentos históricos”(293). Em sua opinião, os *mass media* deveriam ser integrados nas análises dos antropólogos como um “fato social total” da vida moderna, ou seja, poderia-se investigar, por exemplo, como representam e formam valores culturais em uma dada sociedade ou como podem estruturar sentidos de espaço e tempo nas pessoas (:293-294). Mostrando um panorama geral de como os antropólogos têm abordado o tema, Spitulnik indica que tem havido maior preocupação com a recepção da mensagem transmitida pelos meios de comunicação (a audiência) e que a atenção tem sido mais extensiva aos *mass media* no campo da antropologia visual e no filme etnográfico. Quanto às novas formas de mídia, os estudos realizados são da área de mídia indígena ou história da imprensa, além de figurarem em análises de cultura

global, imperialismo da mídia e determinismo tecnológico.

A revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, nº 101-102, de 1994 (*L'Emprise du Journalisme*), reúne artigos de pesquisadores que tratam do tema de diferentes perspectivas. As análises se detêm nas relações entre jornalismo e outros campos de saberes, como a Filosofia (Louis Pinto) ou o Direito (Michael J. Powell; Rémi Lenoir), ou algum grupo social, como as gangues (Loïc Wacquant; Martín Sánchez-Janckowski) e as autoridades locais (Olivier Roubieu). Há também um tipo de abordagem que analisa o tratamento dado pela imprensa a determinados assuntos, como o “escândalo do sangue contaminado” na França (Patrick Champagne e Dominique Marchetti) e dos acontecimentos da Praça Tian'anmen, na China, em 1989 (Jacques Andrieu). Nesse número da revista, existem ainda dois artigos escritos por Bourdieu, um sobre a submissão do campo jornalístico às exigências do mercado de leitores e anunciantes e de como esse campo afeta diferentes campos de produção cultural, e outro sobre as transformações pelas quais passou o jornal *Libération* nos últimos 20 anos. Além disso, outro artigo de Champagne versa sobre as medidas de audiência e as representações políticas do público.

No campo antropológico também têm sido relativamente comuns os estudos relacionando política e imprensa. Bonelli (1996: 85-101) trata em seu artigo da cobertura jornalística das eleições de 1990 feita por um jornal de Pernambuco, realizando uma análise das matérias publicadas sobre o assunto. E Kuschnir (1993), em um capítulo de sua dissertação, mostra um pouco das relações que se estabelecem entre a imprensa e os vereadores da cidade do Rio de Janeiro, na construção de uma “imagem” pública, em que prestígio e poder dos legisladores estão em jogo.

Dentro dos estudos que relacionam “Imprensa” com um tema específico, Galvão

(1992) escreveu sua dissertação “Aids e Imprensa”. Um pouco diferente, mas também constituindo uma análise a partir do que é publicado em um jornal, Burke (1996) fez um estudo da relação existente entre leitores de um jornal e o jornal, a partir da seção de cartas do veículo.

Dentre a bibliografia pesquisada com o duplo intuito de servir como base para analisar os dados ao longo do trabalho de campo e, ao mesmo tempo, conhecer o que já foi pesquisado sobre o tema imprensa, três trabalhos foram especialmente importantes: Darnton 1990, Travancas 1993 e Torres 1994. Darnton define seu livro como um “livro sobre história, os meios de comunicação e história dos meios de comunicação”. Meu interesse sobre ele recaiu em um capítulo em particular, onde o autor faz uma etnografia do *The New York Times*, contando um pouco de sua experiência como repórter. Do mesmo modo, Torres procura traçar paralelos entre algumas teorias antropológicas e seu trabalho de repórter em uma sucursal de um jornal de São Paulo. Com um enfoque um pouco diferente, Travancas descreve o que seria o “mundo dos jornalistas”, em que investiga como se constitui a identidade de jornalista e descreve de certa forma a rotina de trabalho de jornalistas de rádio, TV e jornal, fazendo também uma diferenciação entre jornalistas mais antigos e mais jovens na profissão.

O trabalho de pesquisa que se desenvolve ao longo desta dissertação se aproxima da linha adotada por esses três autores. O que se pretende aqui é fazer uma etnografia de dois jornais do Rio de Janeiro, a partir de uma editoria precisa (responsável pelas matérias de política), durante um certo período de tempo (de outubro de 1996 a fevereiro de 1997). No entanto, se por um lado há uma aproximação com os autores pelo tema e pela etnografia, de outro este trabalho de pesquisa se distancia não somente pelo objeto escolhido, como também pelo ponto de vista adotado pela analista

e pelas perguntas iniciais que nortearam o trabalho de campo.

De Darnton e Torres me diferencio por não ter exercido o ofício de jornalista nas empresas escolhidas para serem objetos de pesquisa. Nas duas redações sempre fui vista como “antropóloga”, o que nas palavras de mais de um repórter dos jornais estudados era o mesmo que “espiã” (pelo menos até se acostumarem mais com a minha presença observando-os e fazendo perguntas). O desconforto e a curiosidade dos jornalistas em serem observados e por suscitarem anotações foi tão grande no início que, em um dos jornais, tive meu caderno de campo tirado de minhas mãos por um jornalista e lido em voz alta para o resto da equipe⁴.

Essa minha posição em campo me trouxe vantagens e desvantagens. Como vantagem principal, percebi que vários jornalistas me contaram coisas que dificilmente fariam para colegas de trabalho pelo grau de envolvimento entre eles. Assim, por ser “de fora”, pude ouvir “desabafos” e “angústias” de alguns informantes, bem como ficar sabendo de informações mais restritas a algumas pessoas dentro da redação, como a dúvida da direção de um jornal sobre a demissão ou não de um repórter que havia realizado uma foto “armada” que acarretou um processo para a empresa; ou ouvir de um editor que uma parte da equipe que trabalhava com ele tinha ainda “uma mentalidade atrasada” no que concernia às relações de hierarquia dentro do jornal. Paradoxalmente, ser “de fora” também significou não contar com a confiança dos jornalistas em algumas situações específicas⁵, além de dificultar meu acesso ao trabalho

⁴ Nesta ocasião, achei por bem deixá-los acabar de ler o que estava escrito em uma parte da última página escrita e depois peguei o caderno de volta. Como no trecho lido havia um *palavrão* contido na reprodução literal da fala do próprio editor, quase um mês depois ainda era comum ouvir insinuações e brincadeiras do tipo: “cuidado com ela, que ela anota até palavrões”, “e aí, anda escrevendo muitos palavrões?”, etc. Em outra circunstância e no outro jornal pesquisado, ocorreu um fato semelhante: uma jornalista me perguntou o que eu “tanto escrevia” e, diante de meu sorriso sem resposta, disse dissimuladamente que eu tivesse “bastante cuidado” com o meu caderno pois ela poderia pegá-lo para ler. Depois desses dois episódios, tomei a decisão de levar o caderno de campo sempre comigo e, sempre que eu fosse perguntada sobre o conteúdo das anotações, responder parcial ou superficialmente o que acabara de escrever.

⁵ Por ocasião da reunião da editoria responsável pela cobertura da queda do avião da TAM em São Paulo,

de repórteres na rua (particularmente no período eleitoral, a credencial de imprensa se mostrava um item indispensável).

Quanto à diferença de análise com relação ao trabalho de Travancas, que também é jornalista, ela se dá basicamente pela autora ter se apoiado mais em entrevistas para a obtenção de dados e por ter centrado atenção especial sobre alguns jornalistas em particular, ao destacar os “eternos jornalistas” (1992: 57-80), por exemplo. Ao contrário, optei por priorizar a observação direta dos fatos, por entender que em uma entrevista mais formal o entrevistado está sempre levando em consideração a posição ocupada pelo entrevistador, fato que interfere em seu depoimento - é óbvio que o grau de interferência varia de pessoa para pessoa. Mesmo que a observação direta incomode aos jornalistas, devido à própria dinâmica do trabalho e à grande quantidade de horas em que estão expostos à observação do analista, é possível apreender uma maior quantidade de situações vividas de forma espontânea.

A maior distância em relação aos autores, no entanto, diz respeito aos objetivos do trabalho. Darnton reúne uma coletânea de textos seus escritos em situações diferentes, em que aborda temas como revolução francesa e história do conhecimento, passando pelos meios de comunicação. Segundo ele, seriam quatro os objetivos do livro: como o passado opera no presente, analisar o funcionamento dos meios de comunicação, esboçar a história do livro para servir como dimensão histórica dos meios de comunicação e discutir amplamente a história e outros campos de conhecimento dentro das ciências humanas (1990: 16). Travancas tem por objetivo examinar como se constitui a identidade de jornalista e mostrar em que base ela é construída. E Torres

onde todos os passageiros morreram, chegou-se a falar em “subornar alguém para obter a caixa preta do avião”. Ao se darem conta da minha presença, os presentes desconversaram, dizendo, em tom irônico, que era “preciso tomar cuidado comigo” por que eu iria pensar que eles estavam “falando sério”.

busca ver “espectros da Antropologia na Imprensa”, como sugere o título de seu trabalho.

Esta dissertação se pretende um trabalho etnográfico analítico, onde “descrição” e “explicação” não estão separadas. Foi realizada no espírito da concepção de sociologia [ou de antropologia] apresentada por Paul Veyne (1982: 142):

“A sociologia, quero dizer, a sociologia geral, não existe (...), não existe uma sociologia. A sociologia é uma ciência que gostaria de existir (...). Em compensação, a contribuição da sociologia para a experiência histórica, para a ampliação do questionário, é considerável, e o seria ainda mais se a perspicácia fosse melhor distribuída no mundo e se as preocupações científicas não a sufocassem por vezes; todo o interesse da sociologia está nessa perspicácia (...). Disso resulta que, num livro de sociologia, os desenvolvimentos que os profissionais reprovavam como literários ou jornalísticos são a melhor parte da obra, enquanto os profissionalmente qualificados são a parte morta (...).”

Nesse sentido, os principais objetivos deste trabalho são: descrever o funcionamento do processo de produção das notícias nos jornais estudados, mostrando o caminho da informação desde sua obtenção até sua publicação; apreender empiricamente os diversos fatores que podem agir no processo de produção das notícias e elaborar uma etnografia das redações a partir das editorias responsáveis pela cobertura de matérias políticas.

Esta dissertação está dividida em três capítulos, além da Introdução e da Conclusão.

O primeiro capítulo, *As Primeiras Experiências no Campo*, é uma descrição da minha entrada no campo, do caminho percorrido desde o instante em que defini o que seria pesquisado até o primeiro dia de pesquisa nas redações, em que foram estabelecidos novos objetivos e estratégias de pesquisa.

O capítulo seguinte, *O Caminho da Informação*, consiste basicamente na descrição e análise da organização e do funcionamento dos jornais estudados. Os vários agentes que interferem no processo de produção ou construção das notícias também

estão contemplados nesse capítulo.

O último capítulo, *Controle e Disciplina: Constrangimentos*, versa sobre os mecanismos de controle e constrangimentos aos quais os jornalistas estão submetidos no desenvolvimento de suas atividades profissionais.

CAPÍTULO 1

AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NO CAMPO

Ao começar a estabelecer os contatos necessários para a execução do trabalho de campo, a idéia inicial era freqüentar as redações de três jornais do Rio de Janeiro, para escolher um ou dois dentre eles com a intenção de fazer um exame mais aprofundado de sua rotina de atividades. Imaginava ser interessante entrevistar todos os profissionais na hierarquia das redações e, paralelamente, acompanhar o caminho das notícias dentro dos jornais.

Para entrar nos jornais era preciso ter autorização, que tentaria obter diretamente através de um encontro marcado ao telefone com os editores de política, a quem explicaria minhas intenções. Ingenuamente, pensava que nada poderia ser tão simples. Ledo engano. As primeiras dificuldades foram de ordem técnica. Os telefones das redações estavam sempre ocupados, ou os editores não estavam ou estavam em reunião. Ao longo de duas semanas, no início do mês de agosto, tentei exaustivamente entrar em contato com jornalistas dos três jornais escolhidos, os quais chamo ao longo desta dissertação de **Jornal Matutino**, **Correio da Cidade** e **Folha do Rio**, devido ao compromisso de sigilo.

O **Jornal Matutino** e o **Correio da Cidade** são jornais com sede na cidade do Rio de Janeiro, mas que possuem sucursais em outros estados. Ambos circulam em âmbito nacional e possuem redações que comportam mais de duzentas pessoas trabalhando. Nas redações dos dois jornais, os profissionais de cada uma das empresas tratam a outra como sua concorrente direta, ou seja, o **Jornal Matutino** concorre com o **Correio da Cidade** e vice-versa. Já a **Folha do Rio** também possui sede na cidade, mas

não possui sucursal em nenhum outro estado e sua circulação é restrita ao Estado do Rio de Janeiro. Entre os três, é considerado pelo campo jornalístico e por si próprio como um “jornal popular”. Concorre diretamente com o **Correio da Cidade**, que só o considera concorrente em algumas situações específicas.

Depois de muitas tentativas, finalmente consegui falar com o editor de Política do **Jornal Matutino**. Combinamos o encontro para dali a uma semana. No dia 19 de agosto de 1996, compareci à recepção do jornal, onde fiquei aguardando por cerca de 10 minutos, até me mandarem subir para o andar da redação. Fiquei aguardando na recepção do andar por mais de duas horas (o editor estava em uma reunião em outro andar), quando vi passar um repórter que havia trabalhado comigo em uma assessoria de comunicação. Nos cumprimentamos, disse o que eu estava fazendo ali e, para minha surpresa, ele era repórter da editoria política. Entramos juntos na redação e, por coincidência, estava chegando o editor, a quem fui apresentada por meu conhecido. Ele me chamou para ir à sua sala e, gentilmente, me pediu que esperasse ele ler as mensagens enviadas através do computador, assim como a crítica do jornal publicado no dia. Ao mesmo tempo, iam chegando e saindo da sala jornalistas de sua editoria, que falavam rapidamente sobre as matérias e *pautas* do dia. Fiquei ali calada, ouvindo e vendo a movimentação, quase sem chance de falar. Até que o editor me convidou para almoçar com ele e o subeditor, pois assim poderíamos conversar com mais calma.

Durante o almoço, o editor me explicou rapidamente como funcionava a editoria e disse que perguntaria ao editor-chefe, seu superior imediato, se eu poderia acompanhar o trabalho na redação. Encerrou nosso encontro pedindo para que telefonasse em três dias para me dar uma resposta e dizendo que por ele não haveria nenhum problema. Como combinado, liguei na data marcada. Disse-me que ainda não

tinha resposta e pediu que ligasse numa sexta-feira próxima, às oito da noite. Assim feito, mais uma vez disse que ainda não havia falado com o editor-chefe e que era para ligar depois. Após muitos telefonemas e algumas idas ao jornal, o que durou cerca de um mês e meio, finalmente o editor marcou um encontro comigo e o editor-chefe, em que ficou acertado que eu teria que levar uma carta oficial do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/MN) explicitando detalhadamente o que eu pretendia fazer, uma vez que “há coisas no jornal que fazem parte de um espaço reservado”. Mais uma vez segui a recomendação, levei a carta, e, poucos dias após inúmeros telefonemas veio a resposta dada pessoalmente: não seria possível realizar a pesquisa ali, pois eu estaria presente na redação em “um período tumultuado que é o das eleições”. Nesse momento comecei a duvidar da viabilidade de fazer o trabalho de pesquisa dentro de uma redação de jornal.

De qualquer modo, a experiência com o **Jornal Matutino** me ensinou duas coisas: que minha entrada no campo não havia sido feita de forma adequada, pois seria necessário conhecer alguém ligado a níveis mais altos na hierarquia do jornal, utilizando relações e indicações pessoais, e que devido à possibilidade de acesso a discussões e decisões internas das empresas seria importante enfatizar a garantia de que o nome das pessoas do jornal e, se fosse preciso, o próprio nome da empresa não seriam revelados. Além disso, levou-me a pensar no contraste existente entre a lentidão ou proibição de acesso às pessoas e informações na redação por quem está do lado de fora (é preciso ser anunciado e ter autorização para subir às redações) com a velocidade das atividades desenvolvidas dentro dos jornais e a obtenção de informações vindas “de fora” da redação pelos jornalistas.

Contando minha dificuldade de começar o trabalho de campo para uma amiga,

ela se prontificou a me ajudar e marcou um encontro entre eu e um renomado jornalista, editor de uma revista de grande circulação nacional, de quem era amiga de infância. Na redação da revista conversamos e, dizendo que eu estudaria “como não se deve fazer uma cobertura política (...) já que se apoiava em fontes oficiais e pesquisas eleitorais”, disse que iria falar de mim para um editor executivo da **Folha do Rio**, que também havia trabalhado na revista. Por fim, após telefonema combinando o dia em que eu iria começar o trabalho de campo no jornal, ficou acertado que isso ocorreria na segunda semana de outubro.

Nesse meio tempo, minha amiga me comunicara que havia encontrado por acaso com um amigo editor de Fotografia do **Correio da Cidade** e que tinha contado sobre minha pesquisa. Deu o número do telefone dele e marcamos o dia 3 de outubro, dia das eleições, para começar meu trabalho na redação. O editor de Fotografia disse que falaria com o editor de Política. No dia marcado, lá estava eu. Começava então meu trabalho de campo.

Antes de entrar mais detalhadamente na descrição do meu primeiro dia dentro das redações dos dois jornais, que julgo importante pois a partir dele várias estratégias foram definidas, cabe ainda apresentar algumas dificuldades iniciais para a execução do trabalho de pesquisa, *que muito dizem sobre o próprio funcionamento do jornal*. São elas o fato de que todos têm funções bem definidas e precisam estar sempre desenvolvendo alguma atividade (apurando matéria, escrevendo, assistindo aos noticiários da televisão, diagramando, fazendo reuniões, etc.), a alta velocidade da circulação de informações dentro das redações e o peso da evocação e da identificação da identidade de jornalista.

A primeira das dificuldades diz respeito à própria organização das redações: ao

entrar em ambas foi difícil encontrar onde me posicionar. Nos dois jornais pesquisados, o número de pessoas trabalhando é quase o mesmo que o número de mesas e cadeiras. Cada lugar está destinado a comportar determinadas pessoas, classes de pessoas ou pessoas agrupadas por editoria (por exemplo, um colunista especificamente, repórteres e redatores, editoria de Economia). Como minha intenção era acompanhar a editoria responsável pelos assuntos políticos, sentei-me próximo a essa editoria e, aos poucos, com a frequência de minha presença, fui ganhando um espaço também mais ou menos definido (no caso da **Folha do Rio**, uma cadeira ao lado do chefe-de-reportagem; no **Correio da Cidade**, numa mesa de reuniões em frente à editoria - o chamado *mesão* - e eventualmente em uma cadeira ao lado do coordenador).

A segunda dificuldade expressa o ritmo das atividades desenvolvidas dentro das redações, o que comprometeu meus planos iniciais de acompanhar todas as modificações pelas quais passavam as informações, a partir do ato inicial da sugestão dos assuntos a serem apurados (a *pauta*), passando pela *apuração* e pela *edição* até a *publicação* no primeiro, segundo e, se houvesse mais, até o último *clichê* (a cada *fechamento*, com a execução de cada *clichê* - chapas de metal que servem de matriz para a impressão das páginas do jornal -, vão sendo corrigidas, atualizadas e acrescidas ou substituídas matérias, a fim de tornar “mais vivo” o jornal). Como a quantidade de pessoas envolvidas no processo é grande, o clima na redação é tenso com os jornalistas preocupados com o horário de fechamento do jornal e tudo ocorre através do computador numa velocidade alta, além de não haver uma ordem pré-definida de qual repórter passa sua matéria para que redator ou sub-editor, tive que desistir de acompanhar o caminho das informações.

Outro problema encontrado está relacionado com o fato da evocação da

identidade de jornalista em vários casos servir como um meio de acesso a lugares e pessoas, ou, de outro modo, não enunciar essa identidade significa deixar de ter acesso. Isto foi o que constatei ao acompanhar uma repórter na rua, já no dia das eleições. Saímos do **Correio da Cidade** às 13 horas para acompanhar a votação em uma seção eleitoral de Copacabana, e depois a apuração dos votos da Zona Sul do Rio, consegui ficar junto dela até às 17h30m, quando o resultado da urna da seção havia sido divulgado. A partir daí, porém, me vi trancada dentro de um carro com o motorista do jornal durante aproximadamente três horas - o que não deixou de ser proveitoso devido às informações que dele obtive -, em frente ao local de apuração dos votos. Isso ocorreu porque eu não tinha credencial (identificação muito exigida para a cobertura dos eventos políticos durante as eleições), o que me impediu de acompanhar a repórter e o fotógrafo no ônibus do TRE que levou-os ao local da apuração e impossibilitou o acesso ao próprio local.

Ainda sem entrar diretamente na descrição da dinâmica das redações e do trabalho jornalístico, cabe também aqui dizer que presenciei e vivenciei situações em que pude perceber como são conflituosas e paradoxais as relações entre as pessoas que trabalham nos jornais. Ao mesmo tempo em que nota-se uma competição entre os jornalistas dentro de um jornal e destes com os jornalistas de outras empresas, percebe-se um forte espírito de corpo e ajuda mútua entre *colegas*. Essa ajuda mútua pode se traduzir em uma “carona” para voltar para as redações dada aos repórteres que estão sem carro e motorista da empresa em que trabalham ou a troca de informações entre jornalistas acerca de determinado assunto que está sendo apurado. Como já apontara Travancas (1993), é uma prática comum, quando a matéria não é exclusiva, os jornalistas trocarem informações a respeito de suas matérias e transmitirem o que já foi

dito em uma entrevista coletiva, por exemplo, aos *colegas* que chegaram atrasados.

As trocas que ocorrem entre os jornalistas podem ser interpretadas a partir do que Mauss (1974[1924]) já apontara acerca da troca de dons⁶, ao ressaltar o caráter ao mesmo tempo voluntário e obrigatório de dar, receber e retribuir dons⁷. No caso dos jornalistas, ajudar um colega de profissão tem o mesmo caráter de obrigatoriedade sob forma de generosidade. Não ajudar o colega significa “ser desleal”, “pouco companheiro”, além de significar que quando o jornalista precisar de ajuda correrá o risco de não ser ajudado.

Um exemplo dessa “deslealdade” ocorreu na ocasião em que uma bala perdida foi encontrada no Palácio da Cidade, próximo ao prefeito César Maia. Por conta desse acontecimento, repórteres de diversos veículos de comunicação estavam no local apurando suas informações. O assunto era um tema não exclusivo, fato que gera uma certa uniformidade de cobertura feita por todos os presentes. Só que um repórter do **Correio da Cidade**, não se sabe como, pegou a bala que quase atingira o prefeito e levou-a para a redação do jornal para o qual estava trabalhando, onde se fez uma foto exclusiva dela. Essa história foi ouvida na redação da **Folha do Rio**, onde duas repórteres comentavam o fato e diziam, revoltadas, como o *coleguinha* (designação pejorativa para os colegas de profissão) era “desleal” e merecia “ser queimado na praça”. No mesmo dia, fui ao **Correio da Cidade** e notei, no quadro da análise crítica, um sinal (+) para a foto da bala⁸.

⁶ *Dom* ganha aqui uma definição ampla, seguindo a linha de pensamento de Mauss: dom pode tanto ser um bem material, quanto pode ser uma gentileza ou um serviço.

⁷ Ver mais sobre as trocas que se desenvolvem entre os jornalistas no cap p. 89.

⁸ Este episódio também expressa um “conflito” a que estão constantemente submetidos os jornalistas. Estes têm que se ajustar tanto às atribuições exigidas e valorizadas do ponto de vista empresarial (o que a empresa espera de seus profissionais) quanto aos comportamentos necessários para que se integrem a uma rede de relações composta por seus colegas, o que também contribui para o próprio exercício profissional.

1. 1 - PRIMEIRO DIA NO CORREIO DA CIDADE

Ao chegar na portaria do jornal, às 11 horas da manhã, me dirigi à recepção, onde tive que me identificar e receber autorização para subir para o andar da editoria de Fotografia. Naquela hora da manhã, o movimento na portaria era grande e pude perceber que era quase impossível entrar na empresa sem passar antes pela recepção⁹. Na entrada da portaria, um ou dois guardas atentos; na recepção propriamente dita, dois ou três funcionários pedindo identificação e expedindo crachás descartáveis aos visitantes; perto da porta do elevador, mais um ou dois guardas. Como já notara Travancas (1993: 22), os jornais hoje pretendem ser “áreas de segurança máxima”. O ambiente da portaria, um ambiente impessoal e asséptico, assim como a própria redação.

Autorizada a subir, me dirigi ao andar da Fotografia, onde fui recebida pelo editor. Nos apresentamos e ele pediu que eu ficasse à vontade e que lhe desse licença, pois teria que ir a uma reunião na redação (que fica no andar de cima). Antes de sair, porém, me apresentou rapidamente à subeditora e a alguns fotógrafos que estavam por ali no momento. Sentei perto de uma mesa, sozinha, e comecei a reparar à minha volta. Havia ao lado uma sala, criada pela divisória parcialmente de vidro, em que os filmes eram revelados em máquinas sofisticadas. Onde eu estava, uma sala ampla, havia um local cheio de escaninhos relativos ao diversos cadernos do jornal (onde as fotos

⁹ Uma vez, distraidamente, passei pela portaria e segui direto para o elevador. Antes mesmo de apertar o botão, um segurança gentilmente me indicou, através de gestos, que antes seria preciso passar pela recepção. Ao longo de todo o período de pesquisa, a impressão que tive era que estava chegando ali pela primeira vez. Sempre tive que me identificar, como se ninguém ainda tivesse me visto e eu nunca tivesse explicado meu objetivo ao frequentar a redação. Diferentemente, na *Folha do Rio*, depois de duas semanas de trabalho, as recepcionistas já me mandavam subir direto, sem ao menos ser preciso portar um crachá de identificação. Os seguranças, em menor número do que no *Correio da Cidade*, também passaram a me cumprimentar, mesmo que discretamente, com um pequeno movimento de cabeça.

correspondentes a cada um deles eram separadas) e também um quadro contendo a programação daquele dia, definindo a cobertura dos fotógrafos, planejada no dia anterior:

“6h - Conde

7h - Cabral

7h - Chico

9h - Miro

7h - Zona Sul

7h - Zona Oeste

7h - Tijuca/Méier

7h - Baixada

7h - Madureira

7h - Barra

4:30 - Búzios

7h - TRE

7h - Voto Amorim

10h - Ciep/Rocinha

8h - Ensaio

Pautas extras

Planejamento à tarde

14h - Conde

14h - Cabral

Chico

16h - Apuração

16h - Pautas extras”

Um fotógrafo se aproximou de mim e perguntei se havia alguma diferença em cobrir as eleições e cobrir outros acontecimentos. Ele me disse que não, que era como se estivesse cobrindo um “evento qualquer, porque não tem polarização” dos candidatos, e comentou que com a votação eletrônica “não tem mais candidato beijando voto”. Perguntei em seguida se o fato dele ter preferência por algum candidato influenciava nas fotos que tirava. Ele me respondeu que “a ideologia do jornal é dada pelo lugar da matéria, pelo tamanho, e não aqui embaixo [no andar de baixo da redação, onde fica a Fotografia], no *baixo clero*”. Disse também que para os fotógrafos “tanto faz foto de alguém dando um beijo no Cabral ou um pontapé nele”.

Enquanto conversávamos, chegou um fotógrafo da *rua*¹⁰ dizendo que em alguns locais de votação as urnas eletrônicas estavam quebradas, com gente votando manualmente, e encerrou o assunto dizendo “temos fotos bem legais”. A existência de algum acontecimento fora do esperado ou que interrompesse uma certa normalidade era sempre motivo de satisfação para os jornalistas.

Imediatamente após a chegada do fotógrafo, surgiu na Fotografia uma pessoa - que depois descobri ser um jornalista da editoria *Nacional* - que disse algo a ele que não ouvi. O fotógrafo, então, perguntou ironicamente se ele era “o chefe da Fotografia”; o jornalista respondeu que ele “costumava dar sugestões”. O tom agressivo entre os dois já demonstrava a tensão que pode cercar a relação entre os jornalistas, sejam eles profissionais de texto ou de imagem.

De certa forma, e guardadas as devidas proporções, os jornalistas dentro do jornal têm um comportamento semelhante ao dos membros da *côrte* francesa no século XVII, analisada por Elias (1987). Estes almejavam aumentar seu prestígio e status junto ao rei, e, para isso, precisavam do reconhecimento real e de seus pares, obtido em boa medida através da utilização correta da etiqueta correspondente à posição social que ocupavam na hierarquia da *côrte*. Já no jornal, é como se os profissionais construíssem uma certa “forma de trabalhar” que levaria ao reconhecimento desejado de seus chefes e colegas de redação e de profissão.

A utilização de uma certa etiqueta é que, de modo geral, ajuda a sustentar boas relações entre as pessoas nas atividades diárias dos jornais. É comum fotógrafos passarem para os repórteres informações que eles não tiveram acesso por estarem

¹⁰ Estar “na rua” significa estar fora da redação, mas trabalhando. Se a pessoa estiver almoçando, por exemplo, apesar de estar fora da redação, as pessoas do jornal dirão que ela “está almoçando” ou “está no almoço”.

fazendo uma entrevista, por exemplo, ou, de outro modo, o repórter pode dar orientações de qual será a linha da matéria para que o fotógrafo possa fazer fotos adequadas. Além disso, como já foi dito, a divulgação de informações não-exclusivas a jornalistas da mesma empresa e de empresas diferentes, e concorrentes, também faz parte de uma certa etiqueta corrente entre os profissionais.

Entre os jornalistas, portanto, o acesso a informações, a divulgação e ordenamento dos dados obtidos de acordo com uma certa expectativa de chefes e colegas e a manutenção de uma rede de relações dentro e fora da empresa em que trabalham são os principais fatores que levariam ao reconhecimento profissional. Esse conjunto de variáveis é explicado por Darnton (1990: 72), tendo como base sua experiência como repórter, ao apontar que o principal grupo de referência dos jornalistas encontra-se na sala de redação, onde os repórteres são os “leitores mais vorazes” e também os mais expostos aos colegas de profissão. Assim, haveria uma necessidade diária de conquista de status, em que cada um deve se sobressair na comparação com os colegas. Enfim, as principais relações que se estabelecem entre os jornalistas são **relações de rivalidade e interdependência**.

* * *

Por volta das 11 horas, chega o editor de Fotografia do **Correio da Cidade** que, colocando-se à minha disposição, faz um balanço das atividades no jornal. Ele diz que cada vez mais a *pauta* do jornal é “planejada ou planejável” e que 80% das matérias previstas nas reuniões do dia são publicadas no jornal. Para ele, o grande “segredo” dessa previsão é ter acesso às pessoas que vão à *rua*, aumentando a comunicação entre

os profissionais (a comunicação se dá basicamente através de telefonemas regulares das pessoas na *rua* para a redação, que está sempre informada sobre como a matéria está se desenrolando). A média de *saídas* (quando os profissionais saem da redação a trabalho) dos fotógrafos é de 1.600 por mês e a editoria de Fotografia conta, segundo me informou, com 30 fotógrafos, cinco pessoas ocupando cargos de chefia e 11 no laboratório. Quase adivinhando a discussão presenciada momentos antes por mim, comenta que “sempre teve briga feia entre texto e fotografia”, pois diz que antigamente o nível cultural dos fotógrafos era inferior ao dos repórteres e redatores¹¹. E acrescenta que quem *fecha* a página é dono do espaço, no caso, o editor, e comenta o processo de edição: “o fotógrafo edita quando está fotografando, o editor edita quando está escolhendo as fotos tiradas pelo fotógrafo para enviar para o editor de área, que normalmente aceita para publicação as sugestões do editor de Fotografia”. Mas enfatiza que tudo dentro do jornal passa pelas “relações pessoais” e que dentro da empresa jornalística qualquer problema é resolvido através desse tipo de relação. Agindo dessa forma, ele diz que frente a situações de conflito ou de divergência de opiniões às vezes ganha, às vezes perde, e explica que normalmente os problemas que ocorrem envolvendo as pessoas na redação são causadas pela “falta de comunicação” entre elas.

Encerrando nossa conversa, o editor me leva para a redação, me convidando para sentar em uma mesa onde está se iniciando uma reunião da editoria de Política, da qual participam os subeditores, o coordenador de eleições, o próprio editor de Fotografia e um diagramador, que vai *fechando* o desenho das páginas dedicadas a eleições (ou seja,

¹¹ Segundo um funcionário do jornal, que não é nem repórter nem fotógrafo, mas que está sempre em contato com eles, “o fotógrafo é considerado mais *peão* do que o repórter. Existe uma briga feia entre repórter e fotógrafo. Às vezes o fotógrafo tem que sair às 15 horas e às 14 horas é convocado para sair para apurar matéria. Ai é claro que ele não vai sair às 15 horas... Então vai de mau-humor e briga com o repórter, faz fotos de má-vontade e acha o repórter uma *fdp* (...) Repórter tem mania de grandeza. ‘Eu sou repórter e acabou’. Como um policial, o jornalista acha que é autoridade e que as pessoas tem que atender a ele no ato”.

fazendo um esboço do aspecto gráfico das páginas).

Todos os presentes anotam as matérias que deverão sair no jornal e, simultaneamente, alguns repórteres vão chegando da rua e dando notícias sobre suas apurações. Outros fazem por telefone uma atualização de suas matérias ainda em andamento. O clima da reunião é agitado, fazendo lembrar um mercado, em que as pessoas falam em tom um pouco mais alto do que o normal e onde se fazem negociações, como se as páginas fossem mercadorias. “Eu quero uma página e dou uma para *fulano*”, “a página 7 é de *cicrano*, as páginas 8, 10 e 12 de *fulano*”, “quem administrar a [página]4, a 5 e a 11, vai administrar também as páginas ...” foram algumas das frases ouvidas durante a reunião. Nesse encontro fica claro quem comanda a discussão, apesar de todos darem sugestões e não concordarem necessariamente com o que o *chefe* determina.

O editor da *Nacional*, ciente de sua responsabilidade e da obrigação de *fechar* as páginas correspondentes à editoria, fez valer sua autoridade - reconhecida - em meio ao acirramento dos ânimos devido à preocupação com o fechamento do jornal com a sequência de duas frases que reestabeleceram a ordem na reunião: “acabou a discussão, aqui é a execução”, lembrando que eles tinham tarefas concretas para executar, e, logo depois, justificando sua intervenção, diz “é o centralismo democrático”, fazendo referência ao fato da última palavra quanto ao que se discute e o produto final da discussão (o planejamento da edição) caber a ele. Ao final da reunião, todos confrontam suas anotações, para que haja uma uniformidade de informações, e tratam imediatamente de ir para seus terminais de computador para dar início às suas tarefas.

Terminada a reunião, o editor de Fotografia me apresenta rapidamente ao *coordenador de eleições*, que, por sua vez, me apresenta ao editor da *Nacional*. É

curioso notar como apesar de ter participado da reunião, um encontro restrito à editoria, e apesar de ter sido percebida, ninguém em momento algum se dirigiu a mim perguntando o que eu estava fazendo ali. Devido ao esquema especial montado para a cobertura das eleições, a reunião que eu havia presenciado em torno das 13 horas só ocorreria normalmente por volta das 18 horas, segundo me explicou o editor.

Pouco depois de encerrada a reunião das chefias da editoria, o coordenador de eleições promove outra reunião com os repórteres escalados para fazer a cobertura à tarde. Ele dá orientações sobre o que devem ver, apurar e onde ir para obter as informações necessárias para a execução das matérias. Além disso, ele distribui credenciais de Imprensa e informa as placas dos carros do jornal e os motoristas que levarão repórteres e fotógrafos para a cobertura dos acontecimentos eleitorais. Um redator chega dizendo que foi votar e que aproveitará para fazer uma matéria sobre sua seção eleitoral. Dois assuntos circulam pela redação: o de um analfabeto que demorou a votar e que encontrava-se na frente do candidato Sérgio Cabral e o de uma mulher que confundiu a urna eletrônica com um forno de microondas. Conforme as pessoas vão chegando da *rua*, comentam se já votaram ou não e vão contando casos presenciados no exercício de suas apurações.

Encerrada a reunião, comecei a notar o ambiente à minha volta. A redação, um salão imenso onde trabalham mais de 300 pessoas, é dotada de algumas televisões, pequenos grupamentos de mesas que possuem terminais de computadores e telefones, uma mesa grande onde se desenvolvem reuniões (o *mesão*) e, em volta do amplo salão, salas que possuem divisórias com a parte de cima de vidro, onde se encontram os membros da direção da redação (o *Aquário*), além das salas do café (local onde os jornalistas fumam também, já que dentro da redação isso não é permitido) e do fax e

impressoras. Noto ainda nos computadores dos jornalistas uma série de pequenos papéis contendo recados, lembretes, telefones e *retrancas* (uma espécie de código que identifica a matéria na página do jornal). Depois de confirmadas ou redefinidas as *pautas*, os repórteres voltam para a *rua* ou começam a redigir suas matérias. O ambiente na editoria *Nacional* fica um pouco mais descontraído. O editor, diante de um programa que passa na televisão sobre dança, ensaia uns passos.

Ao longo da pesquisa é possível perceber nitidamente os picos de tensão próprios da atividade jornalística diária. Existe durante um dia de trabalho uma alternância marcante entre os momentos de nervosismo, em que os *colegas* gritam e falam rispidamente uns com os outros, e os momentos de brincadeira e descontração, nos quais se fala de problemas pessoais, de amenidades e se faz gozações. Os períodos de maior tensão são os relacionados aos fechamentos do jornal. Quando alguma página já está planejada e tem que ser mudada em cima da hora, ou uma matéria foi *vendida* (descrita persuasivamente) errada para o editor, que também *vendeu* errado na reunião com o editor-chefe, ou ainda quando há algum tipo de pressão maior por parte do *Aquário*, além de quando o sistema de computador dá problema, é possível ver o nervosismo no rosto das pessoas, em suas vozes ou em seus passos pela redação (é uma cena comum pessoas correndo para não atrasar o trabalho). O fator tempo é um dos principais responsáveis pela tensão nas redações.

Sentada ao lado do coordenador de eleições expressei meu desejo de acompanhar um repórter. Sendo possível, passo então a esperar chegar uma que cobriria a votação em uma seção em Copacabana, e que pertence à outra editoria mas está “emprestada” para a Política. A repórter tem uma característica comum ao meio profissional, que

Travancas (1993:40) classificou como uma certa atitude *blasé*¹².

Descemos para o pátio do jornal para pegarmos um furgão junto com dois fotógrafos e outra repórter. Esta e um fotógrafo ficariam no TRE. A rua do Tribunal estava interdita pela polícia e fomos obrigados a parar o veículo. Imediatamente os jornalistas disseram “Somos do **Correio da Cidade**”, e o guarda permitiu a passagem. Dentro do carro, brincadeiras sobre o ocorrido expressavam uma certa satisfação com a “carteirada” dada no guarda.

Antes de seguirmos para Copacabana, o fotógrafo que nos acompanhava parou para tirar umas fotos relativas a outra matéria que seria publicada no domingo. Terminada a sessão de fotos, fomos para nosso destino. No caminho, além de comentários de que eu estava ali fazendo “espionagem” do trabalho deles, repórter e fotógrafo conversavam sobre em quem iriam votar. O fotógrafo disse que seu voto era secreto, mas que “se estivesse com o Conde, diria que votaria nele. Se estivesse com o Cabral, que votaria no Cabral”.

Já em Copacabana, a repórter parou em um telefone público e ligou para um amigo, o presidente de mesa da seção que iria cobrir. Ao chegar no local de votação, os dois se cumprimentaram e conversaram alternadamente sobre uma festa que teria acontecido na noite anterior e a respeito de dados que constariam na matéria que estava sendo apurada. Fim da votação, após divulgado o resultado da seção eleitoral, repórter e fotógrafo me comunicaram que eu teria que ir para o local de apuração da Zona Sul do Rio com o motorista do jornal, pois eu não tinha credencial para acompanhá-los no ônibus do TRE, que os levaria até lá.

¹² Foi esse tipo de comportamento típico, já discutido por Travancas (1993: 40), que me levou a estar sempre correndo atrás da repórter, que parecia me ignorar, e que fez com que nas reuniões com outras editorias e com o editor-chefe, quase ninguém viesse me perguntar diretamente quem eu era ou o que estava fazendo ali, salvo raras exceções.

Chegando ao lugar marcado, fiquei dentro do carro com o motorista por cerca de três horas - estava chovendo e ao redor do clube onde estava sendo feita a apuração dos votos só havia edifícios residenciais. Ao longo do tempo da conversa, que estabelecemos desde o início, passamos de assuntos mais formais, como o trabalho do motorista na empresa, para “fofocas” relativas a pessoas do jornal, e daí para assuntos pessoais, como a dificuldade do motorista e de sua mulher de terem um filho.

O motorista, um profissional que presta serviços para o jornal há 11 anos disse que “o motorista tem por função dirigir e prestar atenção nas coisas, fofocar”. Ele justifica essas atribuições dizendo que, no jornal, “a única pessoa que não tem pressa de nada é o motorista e, por isso, tem tempo para saber de tudo, pois a única coisa que ele tem é tempo. Já os repórteres, estão sempre com pressa e estão sempre atrasados”. Ele me falou da vida pessoal de alguns jornalistas, pôs-se a fazer um “desabafo” sobre como os motoristas são tratados pelos jornalistas e sobre as relações entre repórteres e fotógrafos, a partir do que presenciava e escutava dentro de seu carro. Segundo ele, “jornalista vive de desgraça dos outros” e “para os repórteres, os motoristas têm que ser escravos deles, como se fossem motoristas particulares”. Além disso, de acordo com o motorista, para o repórter “a matéria que ele está fazendo é o mais importante, e não existe engarrafamento. (...) O repórter não vê que o trabalho é de equipe e que o motorista é parte importante. Nossa vingança é não fazer um favor a ele, tipo uma carona para um colega de outro jornal ou para ele ir para casa: a gente fala ‘dar carona não faz parte do serviço’”.

Por volta das 21 horas chegam a repórter e o fotógrafo logo após encerrada a apuração dos votos. Ao contrário da ida, no retorno à redação o silêncio era quase total, indicando cansaço e preocupação com o horário de fechamento do jornal. Na redação, a

repórter imediatamente foi se reportar ao coordenador de eleições, contando rapidamente o que havia apurado. O coordenador indicou que ela fosse logo escrever sua matéria.

Por volta das 22 horas, algumas páginas já estavam começando a ser fechadas. Como num pregão, os subeditores iam gritando: “Fechou a 11”, “Fechou a 13”, e assim por diante. As pessoas a todo instante olhavam para seus relógios, ou para o relógio visível em uma das paredes da redação. O editor de política lembrava a todo momento: “olha o tempo”. Quem acaba o trabalho, oferece ajuda para os que ainda estão desenvolvendo alguma tarefa. Os jornalistas pedem informações para os colegas e as chefias da editoria que ainda não fecharam as páginas demonstram angústia com o avançar dos ponteiros. O horário do primeiro fechamento é excepcionalmente 23h30 - o normal é que seja às 21h45. O editor-chefe dirige-se ao editor de Política e comunica que uma página prevista “caiu”[não seria mais utilizada pela editoria], sem deixar de lembrar que “tem que fechar às 23h30”. Alguns repórteres que já redigiram suas matérias, dedicam-se somente a pegar informações por telefone dos colegas que ainda estão na *rua*. O editor-chefe, bem próximo da hora do fechamento, volta a falar pausadamente com o editor de política: “eu vou falar bem seco: não pode atrasar”.

Em torno das 23 horas a equipe da editoria faz uma pequena pausa para um lanche. Pizzas e refrigerantes são encomendados pela chefia. A maioria dos jornalistas que fez a cobertura das eleições estava trabalhando desde de manhã e só havia almoçado. O *mesão*, que há poucas horas estava coberta de papel, servia agora como uma mesa de refeição. As pizzas foram divididas em pedaços iguais e todos foram perguntando uns aos outros quem ainda não havia comido. Uma subeditora insistiu para que eu aceitasse uma pedaço da pizza, pois eu “estava desde de manhã aqui, nessa

ralação”. As pessoas pareciam preocupadas umas com as outras, até alguém lembrar que já eram quase 23h30 e a maioria sair literalmente correndo para seus terminais. As pessoas que iam terminando seus trabalhos permaneciam na redação, segundo elas, “caso os que ficaram precisassem de ajuda”. O editor, frente à permanência desses repórteres, que são emprestados de outras editorias, diz que “no chicote só o pessoal da [editoria] *Nacional*”. Eles então vão embora.

Em plena agitação do fechamento, duas repórteres comentam que até o coordenador de eleições, que “é todo organizado, estava perdido, sem saber mais que repórter estava onde, apurando que matéria”. Um redator me pergunta se eu estava achando o fechamento “coisa de maluco”, uma indagação que ao longo do trabalho de pesquisa me foi feita várias vezes por diferentes pessoas. Outra repórter também vem me perguntar se eu conheço o MSS, o Movimento dos Sem Sexo. Diante da minha negativa, me explica que eles pertenciam ao movimento, porque sair do jornal na hora em que costumavam sair não era possível fazer mais nada, além de ser difícil ter um namorado.

Esse primeiro dia de trabalho para mim foi encerrado às 24h40, logo depois do segundo fechamento do jornal. Da equipe da *Nacional* ainda tinha gente trabalhando (segundo soube no dia seguinte, uma parte da equipe saiu da redação às cinco horas da manhã).

1. 2 - PRIMEIRO DIA NA FOLHA DO RIO

Antes de descrever meu primeiro dia na Folha do Rio, julgo relevante contar como se deu o primeiro contato com alguém da empresa jornalística, por ele indicar a

dimensão do significado de se fazer parte de uma rede de relações pessoais e de amizade dentro da redação.

No dia 4 de outubro de 1996 liguei para um editor-executivo da **Folha do Rio**, apresentando-me e explicando em que consistia meu trabalho de pesquisa, seguindo instruções do jornalista que se dispusera a me ajudar a *entrar* no jornal. Extremamente gentil, o editor disse que eu poderia fazer o trabalho lá, porque eu era “protegida de *Ricardo Dumont*”, mas que pediria que eu não divulgasse informações próprias do jornal antes que as notícias fossem publicadas, pois existia a concorrência com os jornais pesquisados. Garanti que a empresa e as pessoas não seriam identificadas e ele mais uma vez enfatizou que sendo “protegida do *Ricardo*” não haveria problema nenhum em fazer minha pesquisa lá.

Comecei no dia 14 de outubro. Ao chegar na recepção do jornal, já era possível ver que as diferenças entre o **Correio da Cidade** e a **Folha do Rio** eram significativas não só quanto ao produto final - o jornal publicado - como também à forma com que as pessoas se comportavam e se colocavam em relação umas às outras. A portaria, sem o luxo e a assepsia da portaria do **Correio da Cidade**, além de menor, parecia deixar mais à vontade quem passava por ela. Em um canto, quase chegando no elevador, exemplares do jornal empilhados estavam à disposição dos funcionários que entravam na empresa. Bem na porta da recepção, uma caixa havia sido colocada com o objetivo dos leitores do jornal colocarem lá dentro cupons de uma promoção publicada no jornal.

Conforme combinara com o editor-executivo, às 8h30 cheguei na empresa. Ele ainda não havia chegado, o que só aconteceu quase uma hora depois. Nesse intervalo foi possível observar que o perfil das pessoas que circulavam pelos jornais era bem

diferente. Na Folha do Rio, pareceu ser mais constante na portaria a presença de leitores do jornal e de pessoas que estavam lá para informarem aos jornalistas assuntos que poderiam servir como denúncia ou outro tipo de matéria a ser publicada. Também era constante a presença de pessoas que iam ao jornal - ou ligavam para lá, como percebi mais tarde ao longo da pesquisa - para contarem seus dramas pessoais. Ao meu lado, havia se sentado um assessor de comunicação de uma empresa privada que logo tratou de me contar que estava ali para reclamar de um enfoque dado pelo jornal a uma matéria relacionada à instituição que representava. Nervoso, disse estar esperando também para falar com o editor-executivo.

Com a chegada de quem aguardávamos, subimos os três à redação e fomos direto para a sala dos editores-executivos e do editor-chefe. Ele pediu que eu esperasse um pouco, atendendo primeiro ao assessor de comunicação. Como não havia lido a matéria que estava sendo discutida, não entendi direito a conversa. Ela foi encerrada, porém, com o editor dizendo que não podia fazer nada a respeito, pois todas as informações que estavam contidas na matéria estavam corretas - com o que o assessor acabou concordando -, mas enfatizou que se em qualquer outra matéria sobre a instituição houvesse algum erro, ele poderia procurá-lo novamente.

Colocando-se à disposição para responder minhas perguntas, passou a explicar rapidamente o funcionamento da empresa e as mudanças que haviam sido feitas no perfil do jornal há alguns anos, encabeçadas por *Ricardo Dumont* e com quem o editor-executivo havia trabalhado em uma revista de circulação nacional, além de ter levado o editor-executivo para trabalhar no jornal.

Ele me diz que sempre há um editor-executivo - são três - *abrindo e fechando* o jornal, e que a preocupação do jornal “é com a qualidade”, já que o jornal não tem

assinantes¹³, sendo necessário que os leitores saiam de casa para comprar o jornal na banca. Entre as atrações para o leitor estariam o preço - metade do que o dos jornais concorrentes - e as constantes promoções. Ele explica também que o jornal circula somente no estado do Rio e que são feitas seis edições diariamente, uma para cada região do estado. Em cada edição, as manchetes correspondem a assuntos locais, funcionando como jornais locais. Comparando o público do jornal com o público do **Correio da Cidade**, ele diz que enquanto o crescimento do número de leitores do **Correio da Cidade** faz o caminho centro-zona sul-subúrbio, o da **Folha do Rio** faz o caminho subúrbio-centro-zona sul. E aponta que o sucesso do jornal, que bate recordes de circulação e vendas de anúncio, é a combinação “qualidade, ser acessível e de grande vendagem”, conseguida em parte com uma redação “enxuta, de 80 pessoas no máximo”.

Depois dessas explicações, me pede licença para fazer a crítica do jornal produzido no dia anterior, que estava sob sua responsabilidade¹⁴. Segundo ele, as pessoas podem até contestar a crítica, pois a intenção é mesmo gerar polêmica. Antes de começar sua tarefa, no entanto, me acompanha até a mesa do *chefe-de-reportagem* e *pauteiro* de um grupo de áreas que está sob sua responsabilidade (uma delas é a Política). O editor nos apresenta, dizendo que o jornalista, um senhor aparentando mais de 60 anos, havia sido seu chefe quando ele ainda era estagiário em outro jornal. Pede licença e volta para sua sala (o *Aquário*).

Sentada ao lado do chefe-de-reportagem - lugar que se tornou cativo ao longo da

¹³ O editor-executivo ressalta que o assinante pode ler ou não o jornal que recebe em casa, mas que o leitor que compra na banca sempre o faz porque saiu de casa para isso.

¹⁴ Os editores-executivos e o editor-chefe se revezam na tarefa diária de fazer a crítica do jornal produzido no dia anterior. Nela, aponta-se os erros gráficos, de texto e de informações, faz-se elogios a matérias e discute-se encaminhamentos dados a matérias, além de fazer perguntas sobre determinados temas ou pessoas, como questões a serem apuradas.

pesquisa-, ele me conta que chega no jornal por volta das quatro horas da manhã, para ler todos os jornais e fazer a *pauta* do dia. Uma parte dessa *pauta* é feita no dia anterior, por outro chefe-de-reportagem, que o substitui no turno da tarde. Para o jornalista a *pauta* é “um toque inicial, um roteiro, um caminho para o repórter seguir, apesar de não ter obrigação de fazer isso”, pois às vezes “o repórter acha um *gancho* [um ponto de partida, uma linha a ser seguida] melhor”. Como material para a *pauta* ele aponta as matérias “boladas em cima do dia-a-dia, as matérias de criação”, os *releases* e alguns assuntos abordados pelos concorrentes.

Segundo o chefe-de-reportagem, “até a época da revolução, o forte dos jornais era Política e Esporte”. Depois, segundo ele, foram criadas as editorias, o que exigiu especialização dos profissionais. E, fazendo um paralelo com a Medicina, disse que “antes só existia o clínico geral e, com o tempo, foram surgindo profissionais especializados em catapora, apendicite, etc”. Ao ser perguntado sobre o que achava ser mais difícil em sua função, o jornalista apontou que era o cuidado na hora de escolher as pessoas para fazerem as matérias: “uns escrevem bem, mas apuram mal; outros apuram bem, mas escrevem mal; uns são esforçados, mas são ruins; outros são bons, mas não querem trabalhar muito”. Quanto ao mais difícil para os jornalistas, de modo geral, disse ser o fechamento do jornal - “o período mais difícil, mais tenso” -, onde não há mais tempo para “corrigir as coisas”, tornando a situação “dramática”.

Diferentemente do **Correio da Cidade**, na **Folha do Rio** o assunto eleições parece não mobilizar nenhuma atenção especial dentro da redação¹⁵. Dois repórteres

¹⁵ Nesse primeiro dia de pesquisa, em que o primeiro turno das eleições já havia passado e o segundo ainda estava relativamente longe, não ouvi nenhum comentário especial sobre o período eleitoral ou os candidatos a prefeito. Durante a pesquisa, raramente o assunto eleições teve grande destaque em conversas informais ou reuniões, exceto talvez o dia da votação do segundo turno e alguns dias após o evento. No intervalo entre o primeiro e o segundo turno, assim como a **Folha do Rio**, o **Correio da Cidade** também não deu muita atenção ao assunto eleições. Porém, nitidamente, o tema no **Correio da Cidade** causou uma mobilização maior na redação, seja pela quantidade de gente ou o número de páginas dedicadas à

foram escalados para cobrir a agenda (os compromissos políticos) dos candidatos. De acordo com o chefe-de-reportagem, “os repórteres são tão bons que se organizaram sem a interferência da chefia, ou seja, quando um não pode cobrir um candidato, o outro cobre por ele”. Para ele, o bom repórter é aquele que “não tem hora para ir para casa, que fica para cobrir matéria mesmo que passe do expediente”.

Entre meio-dia e uma hora, o chefe-de reportagem da manhã vai embora e, em seu lugar, assume o chefe-de-reportagem da tarde. Somos apresentados e mal temos tempo de conversar, pois o chefe da manhã explica o que ainda falta colocar na *pauta* e como está sendo feita a cobertura de alguns assuntos, além de começarem a chegar os repórteres da *rua* relatando o que apuraram e pedindo orientações sobre como encaminhar suas matérias. Ao mesmo tempo, a chefe-de-reportagem vai lendo mensagens enviadas pelo computador por diferentes pessoas na redação (prática comum e constante) sobre assuntos que variam de possíveis *pautas* ou complementação de informações para alguma matéria - a maioria das mensagens - até uma festa na casa de alguém ou um churrasco que será feito no estacionamento do jornal.

Em torno de 13h30 os editores ou seus representantes são chamados para uma reunião, onde um dos editores executivos ou o editor-chefe ouve dos presentes as *pautas* do dia e as registra em um computador. Nessa ocasião, os presentes discutem as *pautas*, dão opiniões e levantam questões e dúvidas relativas aos assuntos que provavelmente se tornarão matérias. Nela também são feitas críticas profissionais diretamente a pessoas, assim como se realizam críticas a um exemplar ou a uma tendência do jornal de forma mais geral. É realizada ainda uma pequena crítica sobre os

cobertura do assunto ou pelos debates internos e discussões informais entre os jornalistas ligados à editoria responsável por política. Ficou claro que o assunto “política” têm mais importância no **Correio da Cidade** que na **Folha do Rio**. A explicação para isso, segundo me explicou um jornalista da **Folha do Rio**, se deve ao fato de que os assuntos políticos só são interessantes na medida em que “afetem diretamente a vida do leitor do jornal”.

jornais concorrentes.

A partir de determinado momento da reunião, quase sempre chega para participar o diretora de redação - o mais alto cargo na redação -, que normalmente faz críticas e elogios aos jornais produzidos, sugere *pautas* e traz informações sobre a empresa jornalística, que pode ser a vendagem mensal do jornal ou uma mudança administrativa, por exemplo. Cabe ressaltar que, por ser a maior autoridade presente, ao entrar na sala, todos se calam para que ele possa falar.

Neste meu primeiro dia no jornal, ela iniciou dizendo para o editor-executivo responsável que a “crítica” do dia estava atrasada, o que foi bem-humoradamente justificado pela minha presença¹⁶. Além disso levantou a discussão sobre se uma foto feita pelo jornal deveria ser vendida para os concorrentes - prática comum em que mesmo publicado em outro jornal o crédito sai para o que vendeu a foto - e fez elogios sobre como o jornal tem sido feito “perto do ideal”, isto é, tem atendido às expectativas da direção do jornal quanto aos aspectos gráficos e de conteúdo, tendo por alvo o que os jornalistas convencionaram chamar “o leitor do jornal”.

Encerrada a reunião, todos voltam a seus afazeres. Por volta das 16 horas, aumentam o movimento e o barulho na redação. São as pessoas que estão chegando *du rua*. A meu lado, além da chefe-de-reportagem estão uma secretária e vários repórteres. Um deles, repórter especial que, poucos dias depois se tornaria editor de uma área considerada “importante” pelos jornalistas da redação, inicia comigo uma conversa em que faz uma análise da empresa em que trabalha e de como são os jornalistas. Para ele, o problema do jornal é ser restrito ao Estado e, por ter “um caráter popular”, é

¹⁶ Ao contrário do **Correio da Cidade**, em que ninguém me perguntou quem era ou o que estava fazendo ali, na **Folha do Rio** fui apresentada pelo editor-executivo a todos na reunião e à diretora de redação. Além disso, no **Correio da Cidade** o mais alto nível hierárquico dentro da redação não costumava participar das reuniões, diferentemente da **Folha do Rio**, onde sua presença era constante.

“esnobado pelas autoridades”, apesar de “ser respeitado pela sua tiragem”. Ele atribui também a esse “caráter popular” o fato de muitas pessoas procurarem a redação para contarem seus dramas e fazerem denúncias. Os leitores do jornal, segundo ele, são os aposentados, militares e funcionários públicos. Sobre os jornalistas, diz que há uma circulação grande entre os profissionais nos diversos veículos de comunicação e comenta que a disputa das empresas pelos profissionais faz com que os salários sejam aumentados¹⁷. Nossa conversa é encerrada com um “desabafo”, em que conta que já foi subeditor de um outro jornal, mas diz preferir ficar “na reportagem”, porque “não tinha jeito para mandar”.

Ao ver chegar uma pessoa na redação, que entra na sala dos editores executivos e do editor-chefe e não sai, dirijo-me para o local. Fico sabendo que a pessoa era o editor-chefe do jornal e que estava chegando de uma viagem a Los Angeles, onde ocorreu uma reunião de jornalistas cuja finalidade era discutir a liberdade de imprensa. Além dele, do jornal participaram um diretor da empresa e um repórter que foi premiado por uma matéria contendo uma lista de pessoas desaparecidas em delegacias. A conversa é interrompida pelo diretor de redação, que chama à sua sala os editores executivos e o editor-chefe para uma reunião a portas fechadas.

De volta a meu lugar na mesa da chefia de reportagem, a secretária me pergunta, assim como ocorreu diversas vezes no **Correio da Cidade**, se eu estava achando a redação “uma maluquice”. São 17h30 e os editores são chamados individualmente para “consolidar a *pauta*” com o editor-chefe. Nessa reunião por área, os editores ou representantes vão se reportando ao editor-chefe, atualizando a *pauta* que foi feita na

¹⁷ Os jornalistas, de um modo geral, têm salários variados, que dependem da competição entre as empresas jornalísticas, do reconhecimento de competência que os profissionais têm no mercado e, a partir disso, com sua capacidade de negociação.

manhã.

Neste dia, por ainda não conhecer a dinâmica do *fechamento* das páginas da editoria que eu estava estudando, não pude acompanhar o processo. O final do dia na redação mostrou-se pouco proveitoso: além de não ter ocorrido nenhum “grande acontecimento” a ser coberto pela editoria, sem acompanhar de perto o fechamento, a única coisa que pude fazer foi observar a agitação das pessoas, que a todo instante olhavam para um dos relógios suspensos no teto da redação. Por volta das 20 horas, uma grande parte dos repórteres se preparava para ir embora, enquanto para os que ficavam ainda havia muito trabalho por fazer.

1.3 - ORGANIZAÇÃO HIERÁRQUICA E FUNCIONAMENTO DAS REDAÇÕES

A hierarquia dos profissionais dentro das redações estudadas é claramente definida e reconhecida em termos de autoridade e função. As posições ocupadas representam formas objetivas de níveis de poder, prestígio e status profissional. Nas redações, todos sabem a quem cabe executar determinada tarefa ou tomar certa decisão. De um modo geral, aqueles que ocupam os níveis mais altos da hierarquia têm maior responsabilidade sobre o produto final, o jornal impresso, e detêm maior prestígio e status em relação aos colegas. Existe, porém, alguns casos em que um repórter pode ser detentor de maior status do que o seu editor, por já ter obtido muitos prêmios, ou ter “dado muitos *furos*” e ter boas fontes, ou ainda por ter optado permanecer exercendo a função de repórter apesar de já ter recebido propostas para assumir uma editoria.

Na base da hierarquia dos jornalistas nas redações encontram-se fotógrafos e

repórteres, seguidos, ascendentemente, por redatores, chefes-de-reportagem/pauteiros, subeditores, editores, editor-chefe e diretor de redação. Acima dos editores, os demais níveis formam o que se chama na redação de o *Aquário*, por ocuparem salas que possuem divisórias em parte de vidro, de onde podem ver toda a redação mas que possuem uma certa privacidade por contarem com persianas que podem impedir que quem está de fora veja o que ocorre lá dentro (ver esquema da hierarquia das redações na página 41).

As categorias variam um pouco de uma redação para outra. No **Correio da Cidade**, tendo como referencial a editoria *Nacional*, as categorias dos jornalistas na redação são: repórteres, redatores, coordenador (que equivale ao chefe-de-reportagem e pauteiro), subeditores, editor-adjunto e editor, que responde ao editor-chefe (ou ao editor-chefe adjunto, que o substitui), que por sua vez se reporta ao diretor de redação.

Já na **Folha do Rio**, a hierarquia da editoria *Geral* corresponde a repórteres, redatores/copidesques (ou o que chamam de filtro), pauteiros/chefes-de-reportagem, subeditores de área (Política, Cidade e Polícia) e editor, editor-executivo correspondente, editor-chefe e diretor de redação.

Partindo da descrição feita por Travancas (1993: 24-25) e da observação das funções particulares de cada categoria em cada jornal, as atribuições profissionais dos jornalistas dentro das redações são as seguintes:

Repórteres: responsáveis por apurar informações na rua ou por telefone e depois redigir os dados em forma de uma *matéria* (nome dado ao texto jornalístico, elaborado a partir de uma reportagem). Normalmente chegam de manhã, lêem no computador as *pautas* destinadas a eles e partem para a apuração das informações. Saem do jornal em torno das 20 horas, apesar de não terem horário muito rígido para deixarem a redação.

Redatores: fazem o texto final a partir da matéria escrita pelo repórter. São os responsáveis também por fazer os títulos, subtítulos e entretítulos das matérias, além das legendas para as fotos a serem publicadas. Eventualmente podem fazer uma matéria, desde que não precisem ir para a rua. Chegam normalmente na redação por volta das 16 ou 17 horas e só saem depois do fechamento de todos os clichês.

Chefes-de-reportagem: muitas vezes acumulam a função de *pauteiros*, ao prepararem a *pauta*. São os responsáveis por determinar que repórter cobrirá que assunto, tarefa que exige o conhecimento das limitações e qualidades individuais dos repórteres de sua equipe. Normalmente são os primeiros a chegar na redação.

Subeditores: são os assistentes dos editores, interagindo com os redatores e os diagramadores. São os responsáveis, junto com os editores, pelo fechamento das páginas, enviando-as por computador diretamente para o *processo industrial* (fase final realizada por não jornalistas que prepara o jornal para ser impresso). Assim como os redatores, são os últimos a chegar e a sair da redação.

Editores-adjuntos: substituem os editores em caso de ausência e fazem um trabalho parecido com o dos subeditores e o dos editores.

Editores: são os chefes das editorias, responsáveis pelas matérias publicadas e os espaços destinados a elas. Estão sempre em contato com o editor-chefe, recebendo instruções ou negociando a quantidade de páginas para suas respectivas editorias. Além das equipes com quem trabalham diretamente, se o jornal tiver sucursais em outros estados mantêm sempre a comunicação com as sucursais pedindo a apuração de determinados assuntos e recebendo matérias locais a serem publicadas nos jornais.

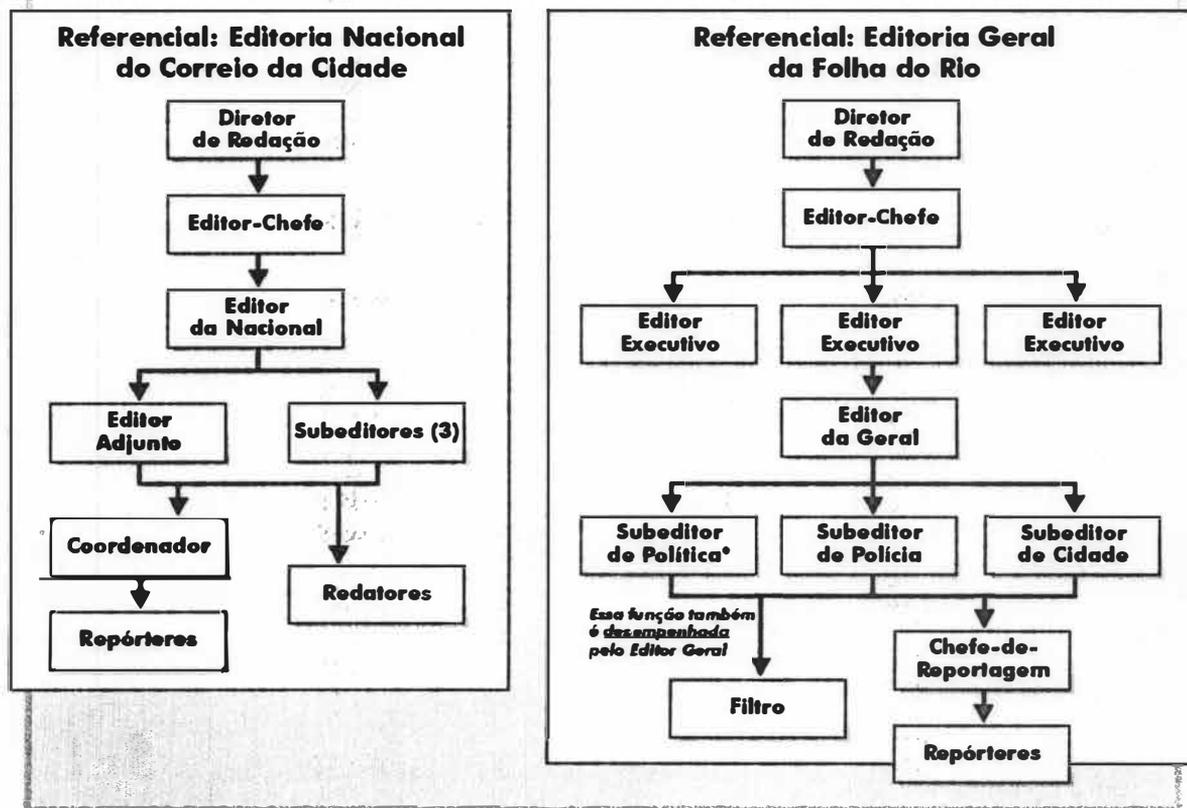
Editores-executivos (no caso da **Folha do Rio**): são os responsáveis por um determinado grupo de áreas do jornal (uma ou mais editorias), discutindo com os

editores de área a linha das matérias e os assuntos a serem abordados. Fazem as críticas diárias do jornal e estão sempre interagindo com o diretor de redação. Coordenam as reuniões do dia no jornal, se revezando com o editor-chefe.

Editores-chefe: são os encarregados por toda a redação. Estão constantemente em contato com os editores, discutindo matérias e dando a “última palavra” sobre o jornal, além de tratar diretamente com o diretor de redação.

Diretores de redação: são os responsáveis finais pelo que sai publicado no jornal. Fazem a ponte entre os diretores e proprietários das empresas jornalísticas e a redação.

Hierarquia das Funções



Nas redações existem também jornalistas responsáveis pelo fechamento da primeira página do jornal, que podem ser profissionais que se dedicam quase exclusivamente a isso ou, o que é mais comum, que acumulam outras funções (diretor

de redação, editor-chefe, editor-chefe adjunto, editor-executivo, etc.). Trabalham ainda nas redações os **diagramadores** (que são responsáveis pelo “desenho” das páginas dos jornais e por alocar as matérias no espaço das páginas), os **fotógrafos**, os profissionais da **radioescuta** (que sintonizam as estações de rádio da polícia e de outras emissoras e passam as principais informações para a redação), os **editorialistas** (que fazem os editoriais expressando a posição do jornal em relação a determinados assuntos) e os **colunistas** (que são responsáveis por uma coluna no jornal, possuindo autonomia para decidir o que divulgar e o que não divulgar). Em quase todas essas categorias, há sempre um editor responsável. Circulam também pela redação, principalmente durante o período de *fechamento*, contínuos e profissionais especializados em Informática.

1.4 - Organização Espacial e Hierarquia Social

A configuração do espaço físico das redações tem uma forte correspondência com os tipos de relações que se estabelecem em seus limites. É possível apreender dados sobre a atividade jornalística e o “mundo” dos jornalistas a partir da disposição de móveis, equipamentos, divisórias e pessoas nas redações. Mudar de uma mesa para outra pode significar subir vários degraus numa escala ascendente de níveis hierárquicos. Do mesmo modo, derrubar uma divisória pode ser uma forma da direção da empresa manifestar um desejo de diminuir a distância entre níveis hierárquicos diferentes.

A disposição de objetos pela redação pode ser útil também para mostrar a todo instante àqueles que lá trabalham o que a empresa considera mais importante, ou a que os funcionários devem ter sempre em mente. A presença de relógios pendurados

estrategicamente no teto ou nas paredes de forma a que todos sempre possam ver “que horas são” indica em que medida o fator *tempo* é fundamental no cotidiano do exercício da profissão.

Os jornalistas estão sempre olhando para seus relógios ou para um dos pendurados na redação. Os horários de fechamento das páginas programados pelo *processo industrial* devem ser seguidos fielmente, mesmo que as edições contenham alguns equívocos. Os erros serão corrigidos no próximo *clichê*. Atrasar o jornal pode significar causar prejuízo financeiro para a empresa - e ninguém quer ser responsável por isso.

Durante o período de pesquisa só testemunhei um atraso de jornal. Ocorreu na **Folha do Rio**, quando a primeira edição já estava sendo impressa. Alguém, um pouco após o primeiro fechamento, constatara um erro grosseiro na primeira página, “o cartão de visitas do jornal”. Imediatamente, o editor-chefe, visivelmente tenso, deu ordens para que “parassem as máquinas [de impressão]”. Sanado o erro, o jornal voltou a ser *rodado*.

O respeito aos horários do processo industrial se justifica se for pensado que existem horários rígidos para a distribuição dos exemplares para os assinantes e para as bancas de jornais. Um atraso pode significar perder os assinantes, que gostam de ler cedo seus exemplares, ou seus leitores que compram os jornais no caminho de ida para o trabalho, por exemplo.

Outra norma das empresas jornalísticas é a proibição de se fumar na redação. A solução para os fumantes foi a criação de um espaço reservado para tal fim, o que reforça a proibição. No **Correio da Cidade**, existe a “sala do café”, um espaço aberto que fica junto às escadas e à redação; na **Folha do Rio**, não existe nenhum local

específico para isso, mas é possível fumar nas escadas do lado de fora da redação. É curioso observar que coincidentemente são nesses espaços que muitas vezes se conversa sobre assuntos que não podem ser mencionados dentro da redação, como comentários sobre colegas ou chefes.

As divisórias dentro da redação servem tanto como delimitadores de espaços de acordo com as funções desenvolvidas quanto, mais marcadamente ainda, como delimitadores dos níveis hierárquicos existentes entre os jornalistas. Assim, ocupar determinadas salas formadas por divisórias significa fazer parte do *Aquário*, ou seja, ocupar as mais altas posições na hierarquia da redação. Fazer referência ao *Aquário* é o mesmo que falar de um lugar específico dentro da redação e de uma posição social dentro do grupo dos jornalistas. Fazer parte do *Aquário* significa ser detentor de status e poder. Com ele, de modo geral só se relacionam diretamente os mais altos níveis dentro da redação.

As divisórias servem como barreiras físicas e sociais entre pessoas que ocupam posições diferenciadas. Além disso, por serem em parte de vidro, permitem que quem está dentro possa observar quem está do lado de fora. Quando não é desejável que o resto da redação observe o que se desenrola do lado de dentro das salas, uma persiana é acionada. Assim, pode-se dizer que um dos únicos lugares onde é possível ter uma certa privacidade é o *Aquário*. Outro fato peculiar é que de dentro do *Aquário* é possível observar toda a redação, por maior que esta seja.

Dentro das redações dos jornais, normalmente salões enormes, vê-se diversos grupos de mesas com cadeiras, telefones e terminais de computador, que são chamados de *ilhas*. De modo geral, jornalistas da mesma editoria sentam-se próximos uns dos outros, formando quase um território próprio a cada uma delas. Assim, Esportes pode

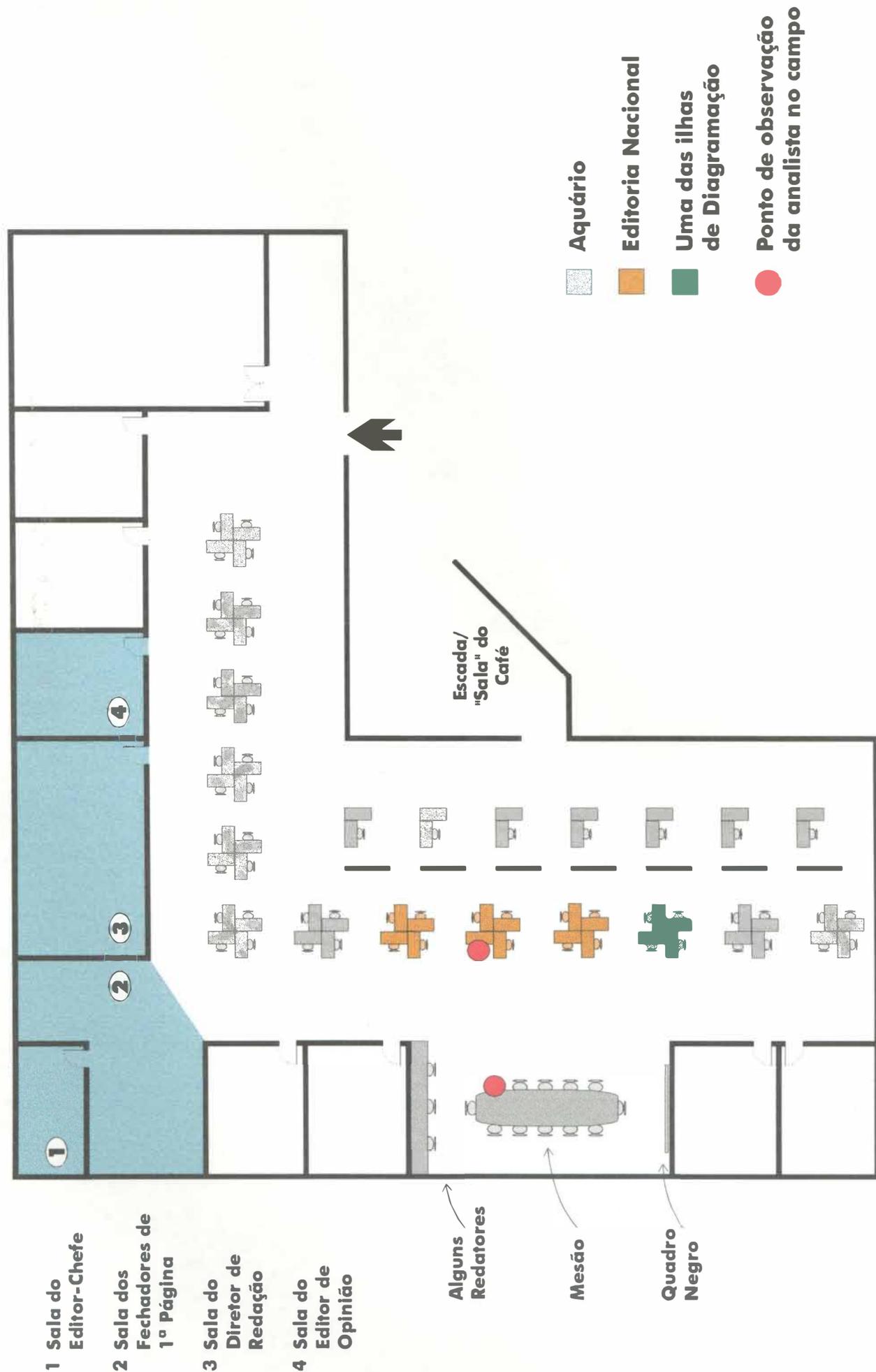
ficar no fundo da redação, Economia mais para o meio, e assim por diante. A arrumação por editoria tende a variar de jornal para jornal. A proximidade das pessoas da mesma área facilita a comunicação entre elas, fazendo com que ganhem tempo por não precisarem se deslocar para longe ou terem que a todo momento mandar mensagens pelo computador.

A configuração da redação em um imenso salão sem paredes ou divisórias separando os espaços destinados aos jornalistas - com exceção do *Aquário* - parece insinuar a importância da circulação de informações, que não deve encontrar obstáculos pela frente. O espaço da redação deve ser entendido como um espaço coletivo, onde as individualidades e a privacidade de cada um não têm lugar. O ar-condicionado forte, a iluminação fria e os móveis padronizados e simétricos contribuem para compor uma imagem de assepsia.

1. 4. 1 - Organização Espacial do *Correio da Cidade*

A redação do **Correio da Cidade** comporta mais de 300 profissionais, ocupando um andar inteiro. Em forma de “L”, é contornada em um dos lados pelo *Aquário*, por salas de xerox, fax, etc., e de alguns colunistas (*ver esquema da redação na próxima página*). Pelo outro lado, tem anexada a “sala do café”, um espaço entre a redação e as escadas do prédio, os banheiros e a saída com escadas e os elevadores. Em uma das extremidades, uma sala anexa comporta o setor de arte, com todos os equipamentos necessários. Espalhadas pela redação, existem quatro *ilhas de diagramação* - uma ilha comporta dois ou três diagramadores, mesas, cadeiras e computadores individuais. Cada

Esquema da Redação do Jornal Correio da Cidade



ilha atende a um grupo de editorias, isto é, é responsável por *fechar* determinadas páginas do jornal.

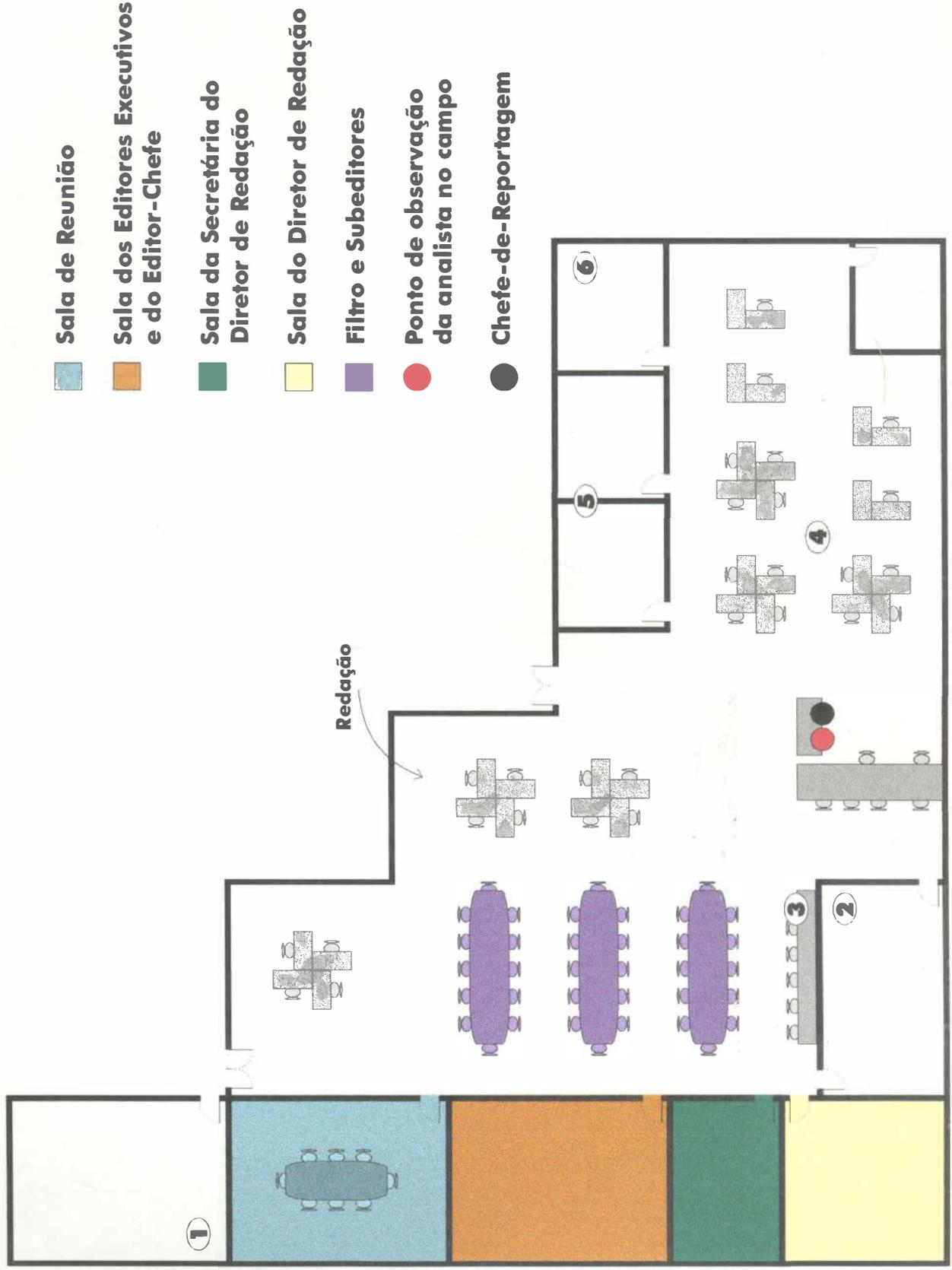
Em frente à editoria *Nacional*, como se fosse um apêndice, sem divisórias, uma grande mesa - o *mesão* - serve como local próprio para reuniões da editoria e de todos os editores com o editor-chefe. Apesar de ninguém além das pessoas autorizadas poder participar das reuniões, qualquer um pode passar pelo local e ouvir o que está sendo dito. Além disso, em um quadro na parede ficam registradas a análise crítica do jornal do dia anterior e a *pauta* do dia, realizadas pelos presentes na reunião da manhã entre editores e o editor-chefe. Segundo um jornalista que trabalha há muito tempo no jornal, a criação do *mesão* nos atuais moldes tinha a intenção de acompanhar uma mudança de política da empresa, estimulando cada vez mais a comunicação e a integração entre os diversos níveis hierárquicos na redação.

Foi utilizando essa mesma justificativa que outro jornalista explicou a derrubada da divisória que separava a sala dos *fechadores de primeira página* - dentro da qual fica também a saleta do editor-chefe, cercada por paredes - do resto da redação. Segundo ele, essa modificação foi uma forma de expressar uma certa modernização da empresa quanto ao desenvolvimento das relações interpessoais entre os diversos níveis profissionais.

1. 4. 2 - Organização Espacial da *Folha do Rio*

A redação da *Folha do Rio* também possui formato de “L”, mas, comparada ao *Correio da Cidade*, é bem menor, comportando quase 100 pessoas (*ver esquema da redação na próxima página*). Em termos de disposição dos móveis, em alguns trechos

Esquema da Redação do Jornal Folha do Rio



- 1 Sala do Suplemento Cultural
- 2 Sala da Produção de Arte
- 3 Diagramação
- 4 Ilhas
- 5 Rádio Escuta
- 6 Fax

- Sala de Reunião
- Sala dos Editores Executivos e do Editor-Chefe
- Sala da Secretária do Diretor de Redação
- Sala do Diretor de Redação
- Filtro e Subeditores
- Ponto de observação da analista no campo
- Chefe-de-Reportagem

são formadas também *ilhas*, reunindo mesas, cadeiras, computadores e telefones, enquanto em outros, esses objetos formam linhas retas, tanto contendo pessoas de um só lado quanto dos dois lados dessas fileiras, além de serem encontradas mesas e cadeiras isoladas ou umas atrás das outras. Esteticamente, a arrumação de mesas e cadeiras é menos padronizada do que no **Correio da Cidade**.

O caderno cultural do jornal é produzido em uma sala anexa à redação por uma equipe própria (no **Correio da Cidade**, ele é feito por uma equipe que fica dentro da redação, sem nenhum destaque aparente). Dando seguimento a essa sala, vem a sala de reuniões, dentro da redação, mas separada por uma divisória com vidro na metade de cima e que está permanentemente com as persiana abaixadas, impedindo a visão de fora para dentro. Ao lado, fica a sala do editor-chefe e dos editores-executivos, seguida da sala da secretária do diretor de redação e da sala do próprio. Depois, perpendicular mas encostada a ela, vem a sala da editoria de arte, com divisória em parte de vidro, mas que não chega até o teto.

O *Aquário* causa uma certa intimidação aos jornalistas que não ocupam altos cargos de chefia, o que faz com que, de modo geral, só entrem editores, chefes-de-reportagem e poucos repórteres. Na **Folha do Rio**, por diversas vezes presenciei alguns repórteres tidos como “bons” entrarem na sala do editor-chefe e dos editores-executivos para comentar algum fato ou tecer elogios a seu próprio trabalho. Apesar da “visita” ser breve, isso só parece ter sido possível devido a um grau de informalização permeando as relações na redação. A presença do diretor de redação nas *reuniões de pauta* e a forma como o diretor se dirige às pessoas e vice-versa também confirmam uma maior informalidade no ambiente da redação.

Um ponto de encontro é a sala do fax, que fica em um canto no fundo da redação,

onde as pessoas lancham (o responsável pelo fax vende informalmente comida e bebida lá dentro) e conversam de forma breve. Ao lado, a radioescuta e uma saída que dá para o corredor¹⁸. Os relógios, típicos das redações dos jornais, encontram-se aqui suspensos no teto, aproximadamente no meio da redação, sendo que cada um está virado para uma metade da sala. De qualquer ponto é possível enxergar as horas.

¹⁸ O andar ocupado pela redação é dividido também por outros setores do jornal, ao contrário do **Correio da Cidade**, em que a redação ocupa um andar inteiro.

CAPÍTULO 2

O CAMINHO DA INFORMAÇÃO

As notícias lidas nos jornais são o produto final de um processo envolvendo pessoas de diferentes níveis sociais e profissionais, equipamentos e tecnologia que, combinados, atuam sobre as ocorrências da vida cotidiana. Norteados esse processo de construção das notícias, estão normas, regras e convenções estabelecidas pelas empresas jornalísticas em particular e pelo *métier*, de modo mais amplo.

Notícias são entendidas pelos jornalistas como acontecimentos que engendram novidade e relevância social. Citando Ericson (1994), Gómez (1997) aponta que a realidade das notícias está relacionada à natureza e ao tipo de relação que se estabelece entre os jornalistas e suas fontes, além das políticas de conhecimento que emergem sobre o tratamento de cada notícia especificamente. Para Gómez (idem: 63), as instituições de notícias são agentes de um processo social de produção de sentido ao qual ele chama de “mediação informativa”.

“As notícias enquanto processo social no qual diversos atores sociais fazem circular seus discursos, constituem âmbitos de exercício e disputas de poder. Neste sentido, os meios de notícias podem ser entendidos como lugares onde cotidianamente se produzem discursos que buscam legitimar ações e situações. [Nota do autor: A hegemonia é definida como um processo contínuo que implica em um nível de tensão entre discursos que constroem visões do mundo. O sentido hegemônico do mundo opera como resultado desta tensão e implica determinado estado de relações de força, implica uma aceitação ou imposição de significados] (Idem: 66).

Segundo uma colunista da **Folha do Rio**, as relações que se estabelecem entre os jornalistas e suas fontes corresponde a uma relação de poder onde o jornalista (em particular o colunista) tem o poder de decidir o que publicar e a fonte o poder de

informar. Esse jogo de poder ou disputas de poder envolve o uso de uma etiqueta particular em que são constantes artifícios de sedução e provocação de ambas as partes.

Em mais de uma circunstância, encontrando-me ao lado de repórteres apurando matérias por telefone, ouvi deles: “agora você vai assistir a um show de falsidade” ou, como me disse um fotógrafo *coabrindo* as eleições, se estivesse com qualquer um dos candidatos a prefeito do Rio certamente diria que votaria em quem estivesse com ele no momento. A intenção dos jornalistas é obter a maior quantidade de informações possíveis da fonte, deixando-a à vontade para falar.

Essa forma de tratamento e procedimento dispensado às fontes ultrapassa os âmbitos das redações. De acordo com uma colunista da **Folha do Rio**, o hábito e o ofício de se relacionar com *fontes* faz com que os jornalistas tratem as pessoas “como se estivessem conduzindo a apuração de uma matéria”. Informações sobre a vida pessoal dos jornalistas se misturam com informações obtidas em apurações de notícias, e ambos os tipos de informações circulam com grande velocidade pelas redações.

Nos jornais pesquisados, o caminho que a informação percorre até chegar às mãos do leitor é semelhante. As variações existentes correspondem a diferenças de horários para cada etapa do processo e à própria organização interna das empresas - levando-se em consideração apenas o ponto de vista técnico da manipulação¹⁹ da informação. Já a partir de uma abordagem que considere os objetivos das empresas e dos jornalistas envolvidos na produção das notícias, bem como o funcionamento efetivo das redações (que comporta relações pessoais e experiências profissionais distintas) e o “perfil”²⁰ dos

¹⁹ O termo aqui não possui nenhum caráter pejorativo. Ao contrário, o sentido de manipular está ligado à idéia de manuseio, trabalho e modelagem. Manipular a informação, portanto, se assemelha metaforicamente ao trabalho de lapidação de uma pedra preciosa, que passa de um estado bruto para um estado final, em que poderá ser comercializada.

²⁰ Os jornais estão sempre trabalhando com um público alvo, ou seja, com a idéia de um leitor médio do

leitores dos respectivos jornais, o processo de produção de ambos os jornais é bem diferente. Como me “alertou” o editor-chefe do **Correio da Cidade** em uma conversa sobre meu trabalho de pesquisa a respeito do processo de produção das notícias, “um jornal é bem diferente do outro”.

Existe, porém, elementos comuns a todas as redações, inerentes de certa forma à produção das notícias. Na dinâmica do trabalho jornalístico diário, as *pautas* estão sempre orientando o jornalistas quanto aos acontecimentos que merecem atenção, diversas reuniões no dia vão aos poucos modelando o produto final do processo ao definirem o que “entra” e o que “não entra” (o que “é notícia” e o que “não é notícia”, o que “é acontecimento” e o que “não é acontecimento”, enfim, o que é e o que não é “um fato jornalístico”), o período de *fechamento* é sempre o mais tenso do dia e os prazos de término das tarefas são uma obsessão. Além disso, todas as redações contam com algum mecanismo de crítica ao jornal produzido, que funciona como um espécie de controle de qualidade do produto e de seus produtores.

2.1 - No *Correio da Cidade*

A rotina que aqui será descrita diz respeito à da editoria *Nacional*. Assim, o caminho percorrido por uma informação até ser transformada em notícia de jornal corresponde ao percurso que uma informação relativa ao assunto política ou outro a quem cabe a editoria faz durante um dia dentro do jornal. Cabe ressaltar, contudo, que o

jornal. Cada jornal acredita possuir um público específico, que pode coincidir com o de outro jornal. Quando isso ocorre, estabelece-se a concorrência entre as empresas. Pode acontecer, no entanto, de uma empresa considerar que outra é concorrente, mas o inverso não ocorrer ou só ocorrer em algumas situações ou relativos a algumas áreas especificamente. Assim, ao longo do trabalho de campo, a partir de discussões presenciadas, percebi que a **Folha do Rio** concorre com o **Correio da Cidade**, que concorre com o **Jornal Matutino** e vice-versa. Salvo em alguns momentos, o **Correio da Cidade** parece ignorar a concorrência da **Folha do Rio**.

objetivo é detalhar mais especificamente o tratamento conferido à informação dentro da redação e não ao que ocorre do lado de fora, ou seja, quando o repórter apura a informação na rua²¹ e quando as páginas montadas na redação partem para o processo industrial, que não envolve jornalistas.

Por volta das nove horas da manhã, o coordenador da editoria *Nacional* chega à redação. É o primeiro de sua equipe a chegar. Lê os principais jornais da concorrência, em busca de assuntos que podem servir de base para a *pauta* do dia, e começa a fazer o roteiro das matérias, que em parte já está pronta desde a noite anterior - é comum matérias ou assuntos do dia anterior que não entraram no jornal por falta de espaço serem publicados no dia seguinte.

Uma hora mais tarde, começam a chegar os repórteres, que cumprimentam o coordenador, e imediatamente acessam seus terminais de computador para lerem a *pauta* e ficarem sabendo que assuntos irão *apurar*. Feito isso, vão para a *rua*. Aos poucos a redação, até então vazia, vai se enchendo. Por volta das 11 horas o editor costuma chegar ao jornal, embora seu horário de chegada varie bastante, conforme a hora em que saiu do trabalho no dia anterior e as prioridades dos assuntos do dia.

Também em torno dessa hora, todos sabem que está marcada a *Reunião de Pauta* do jornal, que se realiza no *mesão*. Aos poucos vão chegando os editores de cada área,

²¹ O entendimento do processo de produção das notícias seria mais completo com o acompanhamento dos repórteres durante suas apurações na rua. Como já foi dito anteriormente, porém, precisei optar entre acompanhar a reportagem e deixar de presenciar muitas das discussões desenroladas nas redações, inclusive orientações dadas aos repórteres na rua; optei por acompanhar reuniões importantes e diálogos esclarecedores e deixar de observar de perto como repórteres e fontes se relacionam, assim como o comportamento deles durante a apuração. Escolhi permanecer na redação devido ao fato de que, de certa forma, dentro do jornal fica-se sabendo como as matérias estão sendo elaboradas (os repórteres estão sempre mantendo sua editoria informada através de telefonemas) e, por ter trabalhado como repórter, conhecer um pouco mais de perto as atividades e o comportamento dos repórteres. Além disso, no caso do **Correio da Cidade**, tive uma experiência acompanhando uma repórter do jornal e apoio-me também em bibliografia relatando o trabalho do repórter. Acompanhar as atividades na redação, por outro lado, me permitiu ter contato com os processos decisórios, definidores em grande parte das transformações pelas quais os acontecimentos transformam-se em notícia.

ou seus representantes. Da editoria *Nacional* comparecem sempre o editor ou o coordenador, e raramente ambos ao mesmo tempo.

Após a chegada da maior parte dos editores e do editor-chefe ou seu representante, e ligado o aparelho de *phone conference* pelo qual representantes das sucursais de São Paulo e Brasília dela participam, a reunião se inicia com uma discussão sobre o jornal feito no dia anterior e os jornais da concorrência. Em um quadro, um dos presentes - há um revezamento para fazer a tarefa - escreve assim a *análise crítica*. Nela, palavras-chaves antecedidas por sinais de (+), (-) e (+-) indicam a satisfação ou não do grupo com a matéria ou foto comentada (*ver mais sobre o assunto no próximo capítulo*). Em outra parede que cerca o *mesão*, um painel contém a primeiras páginas dos jornais da concorrência e da empresa, além das primeiras páginas da maior parte dos cadernos ou áreas do jornal.

A segunda etapa da reunião consiste na apresentação da *pauta* de cada editoria. Cada representante de área informa de modo abreviado os assuntos que estão sendo ou serão apurados. Os presentes discutem as *pautas* apresentadas, dando sugestões, criticando, questionando ou fornecendo informações adicionais sobre o assunto. As *pautas* também são anotadas no quadro, separadas por editoria. Desta vez, cada responsável por área anota as informações, também expressas através de palavras-chave. Em torno de meio-dia a reunião acaba e todos voltam para seus afazeres.

Até às duas horas da tarde, a maioria dos repórteres já chegou da *rua*. Ao voltarem para a redação, imediatamente procuram o coordenador, relatando como foi a apuração e discutindo a linha da redação da matéria. Depois do almoço, enquanto uns já estão redigindo suas matérias, outros estão saindo para novas *pautas* ou para complementação de informações na rua ou por telefone.

À tarde, entre três e quatro horas, a editoria *Nacional* realiza sua reunião, no *mesão*. Dela participam o editor, o editor-adjunto, os subeditores e o coordenador. Eventualmente, participam também repórteres e redatores - que começam a chegar a partir dessa hora, assim como os subeditores e o editor-adjunto. O coordenador informa aos presentes as *pautas* que se concretizaram e como as matérias foram encaminhadas, uma vez que já foram apuradas. Ele cita também os repórteres que ainda estão *apurando* informações. Todos anotam então essa *pauta*, uma espécie de *pauta* mais concreta, e definem quem é responsável pelo fechamento de quais páginas.

Algumas vezes, a reunião da *Nacional* não está ainda no fim e já há editores em volta da mesa aguardando o início da *Reunião de Consolidação*. Desta, participam os editores ou seus representantes, os fechadores de primeira página e o editor-chefe. Essa é, de modo geral, a última reunião do dia. Ela é chamada de *Reunião de Consolidação* por corresponder à reunião em que a *pauta* é consolidada, ou seja, como a maioria dos repórteres já apurou as matérias que deverão ser publicadas no jornal, os assuntos que de manhã eram apenas sugestões de matérias agora são textos construídos com informações mais concretas. A dinâmica dessa reunião é parecida com a *de pauta*, onde os presentes vão relatando e discutindo os assuntos que deverão entrar em cada parte do jornal. É claro, no entanto, que muitas vezes o que foi apresentado nesta reunião pode mudar: basta ocorrer um fato importante no período de tempo compreendido entre esta reunião e o fechamento do jornal, que haverá um remanejamento ou corte de alguma matéria programada. A duração dessa reunião é de cerca de uma hora. Percebe-se nas expressões dos presentes uma certa inquietação para que a reunião acabe logo, uma vez que todos já começam a entrar em ansiedade, preocupados com o fechamento do jornal,

que está se iniciando²².

À essa altura, a redação está lotada. Redatores e editores começam a trabalhar freneticamente, fazendo *cortes* nas matérias, *titulando*, planejando com diagramadores os *desenhos* das páginas, etc. Inicia-se a fase de *edição* das matérias e *fechamento* do jornal. Alguns repórteres ainda discutem com o coordenador a linha da matéria que estão digitando e eventualmente podem esclarecer dúvidas sobre seus textos com quem os está editando. Estão todos correndo contra o tempo, olhando repetidamente para o relógio. De vez em quando alguém grita na redação: “olha a hora”. Cada editoria tem um prazo preciso para *descer* (enviar através do computador) para o processo industrial as páginas correspondentes à sua área. Cada página ou grupo de páginas tem um prazo máximo específico, um *deadline*. Em cima da hora do fechamento, os repórteres que ainda não finalizaram completamente suas matérias ouvem dos editores: “manda como estiver”. Essa mesma ordem é dada a redatores e seguida pelos próprios editores. Qualquer retificação será feita no segundo clichê.

Entre o fechamento do primeiro para o do segundo clichê, os redatores fazem uma breve revisão de texto, identificando erros no primeiro clichê e consertando-os para o segundo. Entre os dois clichês é comum também a substituição de matérias por outras consideradas mais *frescas*, isto é, trazendo informações mais recentes, ou por aquelas que por algum motivo não ficaram prontas a tempo do primeiro fechamento. Se houverem mais clichês, os procedimentos adotados são os mesmos.

²² Cabe dizer que alguns cadernos semanais fazem fechamento obedecendo a prazos específicos, de acordo com cada editoria responsável. Assim, um dos cadernos que saia somente no sábado, por exemplo, pode ter seu fechamento estipulado às quartas-feiras. Além disso, o fechamento do jornal aos sábados e domingos é realizado bem mais cedo do que nos outros dias, pois nos finais-de-semana funciona o esquema de plantões, em que somente alguns profissionais trabalham, e uma boa parte das matérias já está pronta desde a sexta-feira.

2. 2 - Na Folha do Rio

O pauteiro e chefe-de-reportagem da Folha do Rio chega à redação por volta das cinco horas da manhã. Ele lê os jornais e mensagens deixadas para ele no dia anterior, depois de ter ido embora. Conforme o tempo vai passando, vão chegando à sua mesa faxes das mais variadas pessoas e instituições, contendo convites para eventos e *releases*, que são lidos rapidamente e jogados no lixo quando não interessam. A pessoa responsável pela escuta regularmente leva para o chefe-de-reportagem resumos das principais notícias divulgadas por algumas estações de rádio e televisão e das captadas na frequência da polícia. A *pauta*, que na **Folha do Rio** é chamada de *roteiro*, começa a ser preparada.

Por volta das dez horas da manhã, os repórteres chegam e se dirigem ao chefe-de-reportagem, após terem lido no terminal de computador que assuntos estão destinados a cada um. Em seguida, depois de determinados os fotógrafos e motoristas que os acompanharão, partem para a *rua*.

Entre meia ou uma hora mais tarde, os chefes-de-reportagem já devem estar com seus *roteiros* prontos, pois está na hora da reunião individual com o editor-executivo responsável pela editoria. Nesta reunião, o editor-executivo encontra-se sentado na sala de reuniões, à frente do computador, e os editores ou chefes-de-reportagem das áreas subordinadas a seu comando vão entrando alternadamente um após o outro, depois de discutirem particularmente suas *pautas*. O editor-executivo registra em seu computador os principais assuntos, que terão ou não confirmação na *Reunião de Pauta* da qual participam os editores ou representantes de área, os editores-executivos e eventualmente o editor-chefe e a diretora de redação. O chefe-de-reportagem da editoria *Geral* responsável pelo turno da manhã sai do jornal por volta do meio-dia, mas antes

passa para o chefe-de-reportagem da tarde uma resumo do que aconteceu de manhã, explicando onde estão os repórteres e o que estão apurando. É o chefe-de-reportagem da tarde quem participa da próxima reunião do dia.

A *Reunião de Pauta* têm início aproximadamente às 13h30. Nela, cada pessoa presente apresenta os assuntos que estão sendo apurados. O responsável por conduzir a reunião, que pode ser um dos editores-executivos ou o editor-chefe, atualiza a *pauta* que já estava no computador e, assim como os demais, dá sugestões, levanta questões e critica o encaminhamento das matérias. A reunião tem duração de uma hora.

À tarde, os repórteres começam a chegar da rua e a escrever suas matérias, depois de discutirem com a chefe-de-reportagem a linha da matéria e informarem rapidamente o que foi apurado. Entre cinco e cinco e meia da tarde, os editores de área e/ou seus representantes apresentam-se à *Reunião de Consolidação*, em que será confirmada ou alterada a *pauta* estabelecida no início da tarde. Novamente, cada representante de área *vende* sua *pauta*. Normalmente a maior parte dos assuntos definidos nessa reunião corresponde ao que sairá no jornal. Terminada a reunião, todos voltam a seus lugares para darem encaminhamento ao fechamento do jornal.

A edição das matérias é feita pelos subeditores, editores e pelo *filtro*. Este, composto por redatores, é responsável por uniformizar os textos segundo o estilo do jornal e corrigir erros de português e ortografia. No caso da editoria estudada, a *Geral*, são os subeditores de Cidade, Polícia e Política (o editor da *Geral* é também responsável por fechar a Política) que fecham as páginas correspondentes a suas áreas junto com os diagramadores e que fazem legendas e dão títulos às matérias. De acordo com a explicação de um chefe-de-reportagem a respeito da função dos cargos de chefia no jornal, “os editores são pensadores, os subeditores são fechadores e os chefes-de-

reportagem são executores”.

O prazo de fechamento do primeiro clichê é às 21h30. Diretora de redação, editor-chefe e editores-executivos se revezam e, em dupla, são os responsáveis por fecharem diariamente as primeiras páginas das seis edições do jornal. O Secretário de Redação é o responsável pelas modificações do primeiro para o segundo clichê. O prazo limite para fazer modificações no clichê é às três horas da manhã.

Quadro de horários aproximados das principais atividades desenvolvidas nas redações do *Correio da Cidade* e da *Folha do Rio*

HORA	CORREIO DA CIDADE	FOLHA DO RIO
± 5 h		chegada do pauteiro/chefe-de-reportagem da editoria Geral
± 9 h	chegada do coordenador da editoria Nacional	
± 10 h	chegada dos repórteres da editoria Nacional	chegada dos repórteres da editoria Geral
11 h*	chegada do editor da Nacional e início da Reunião de Pauta	
± 12 h		reunião do chefe-de-reportagem da Geral com o editor-executivo responsável
13h30		início da Reunião de Pauta
16 h**	início da reunião da editoria Nacional	
17 h	início da Reunião de Consolidação	
± 17h30		início da Reunião de Consolidação
21h30***	fechamento do primeiro clichê	fechamento do primeiro clichê
22h30***	fechamento do segundo clichê	fechamento do segundo clichê

**O horário de chegada e saída da redação do editor da Nacional varia de acordo com a programação do dia.*

***O horário do início da reunião da editoria Nacional varia conforme a urgência da discussão e a programação do dia.*

****Esses prazos de fechamento correspondem a todo o jornal e, dependendo da necessidade, podem ser um pouco estendidos ou encurtados. Cada página, no entanto, possui um horário de fechamento específico definido pelo processo industrial.*

Cada etapa da produção das notícias dentro de um jornal, **pauta, reuniões e edição/fechamento**, possui especificidades que ajudam a entender a forma pela qual algo ocorrido se transforma em *notícia de jornal*. Em cada etapa, é possível perceber uma série de interferências que distanciam o *fato* observado da notícia publicada. Talvez fosse mais correto falar, assim, de um processo de produção dos acontecimentos.

Essa produção, no entanto, não resulta unicamente do trabalho dos jornalistas. De acordo com Champagne (1984: 20),

“o que é dito e visto do acontecimento é o produto do encontro entre as propriedades do grupo que se dá a ver e as categorias de percepção sociais e políticas do grupo social formado por jornalistas”.

Para ele, o sentimento de objetividade de um determinado acontecimento, “o fato que parece existir nele mesmo e não é uma ‘invenção de jornalista” (: 30), cresce no interior do próprio campo jornalístico ao mesmo tempo em que cresce o número de jornais diários que fazem disso um ‘acontecimento’.

“Vê-se quanto seria falso acreditar que a imprensa produz sozinha, de maneira totalmente arbitrária e manipuladora, os ‘acontecimentos’. Trata-se na realidade de uma produção coletiva na qual os jornalistas não são senão agentes mais visíveis e os melhor escondidos ao mesmo tempo. Qualquer que seja a maneira, positiva ou negativa, que eles estão falando, são ‘acontecimentos’ os quais os jornalistas não podem não falar; e inversamente, eles não podem constituir não importa o que como ‘acontecimento’ sob pena de perder precisamente o poder próprio de constituição. É na relação entre o campo da imprensa e os diferentes campos sociais que se engendram os ‘acontecimentos” (Champagne 1984: 31).

2.3 - O Ritual Jornalístico

A repetição diária das várias ações que constituem a atividade jornalística, a seqüência de etapas e tarefas de produção das notícias seguem uma ordenação própria, rígida, que reafirmam quotidianamente uma série de práticas, valores e comportamentos dentro das redações. Como já indicou Torres (1994), a rotina do jornal pode ser lida através das lentes das teorias de ritual, dando origem ao que o autor chama de o “ritual jornalístico”.

Para Torres, que segue o conceito definido por Stanley Tambiah, ritual é entendido como “um sistema de comunicação simbólica, construído coletivamente, no sentido de ordenar as relações dos indivíduos com seus pares, com a natureza e com o “divino”. E, lembrando que o ritual prescreveria uma rotina rígida, preparada para o alcance de objetivos estabelecidos, sugere que pensar a mídia como um ritual de comunicação contemporâneo, “equivale a resgatar a consciência de seu papel ordenador, condensador das miríades de eventos, e controlador do fluxo descritivo e interpretativo da história”(: 236-237).

Outro ponto que é apontado por Torres é a rotina circular da atividade jornalística, que se repete a cada 24 horas, num ciclo de produção sem interrupção. O local da preparação e execução do ritual é a redação e, do ponto de vista de Torres, o ritual jornalístico apresentaria três momentos: a *pauta*, a *diagramação* e o *fechamento*. O autor parte, então, para a descrição e análise dessas três fases, tendo por base sua experiência como repórter em uma sucursal de um jornal paulista.

Para a pesquisa realizada no **Correio da Cidade** e na **Folha do Rio**, a leitura da atividade jornalística como a de um ritual contemporâneo ajudou a compreensão das diversas variáveis e agentes que interferem no processo diário de produção das notícias. O ponto de vista do autor, porém, é o de um antropólogo-repórter, que narra suas

experiências pessoais. Portanto, o ponto de vista é de uma pessoa que ocupava, durante o trabalho de campo, uma posição na hierarquia da redação e do jornal.

A ênfase na posição ocupada por Torres tem aqui o propósito de mostrar como, dependendo do local de observação do objeto, este pode ganhar contornos diferentes. Assim, levando-se em conta que são jornais diferentes, editorias diferentes, níveis de comprometimentos dos analistas distintos e propostas de trabalho parecidas mas não iguais²³, as fases do “ritual jornalístico” aqui descritas são a *pauta*, as reuniões e a edição/fechamento.

A descrição e a análise da *pauta* e do *fechamento* feitos tanto por Torres como por mim são semelhantes, mesmo que as redações dos jornais tenham características particulares e comportem pessoas com experiências profissionais e pessoais distintas. É na etapa “diagramação” que há uma divergência. Neste trabalho, a *diagramação* é uma atividade concebida como fazendo parte do processo de edição/fechamento, uma vez que diz respeito a definições finais, a destinos que terão dados textuais e de imagem, além de a *diagramação* ser resultado do trabalho conjunto dos diagramadores com editores e subeditores.

Difícilmente, depois de feito o desenho da página, dos repórteres terem digitado as matérias na *fôrma* e os redatores terem feito títulos, legendas e subtítulos nas medidas estipuladas, a diagramação da página mudará. Isso ocorrerá, obviamente, se acontecer algum fato importante que justifique a mudança, seja ele um acontecimento tido como de impacto, ou mais recente, ou a orientação de alguém da chefia da redação.

²³ Torres se propõe a fazer aproximações entre a Antropologia e as atividades jornalísticas, construindo um paralelo entre diversas teorias antropológicas e o seu trabalho de campo. Desta forma, mesmo que realizando uma etnografia da sucursal do jornal, não parece ser este o objetivo principal de sua dissertação. A etnografia das redações dos jornais pesquisados ocupa aqui, ao contrário, a própria razão de ser do trabalho. Trata-se, deste modo, de um trabalho de pesquisa mais empírico do que teórico, onde as descrições tem tanto peso quanto as análises das situações e rotinas descritas.

Outra razão que introduz a *diagramação* na fase de **edição/fechamento** é a prática comum, apesar de não corresponder às regras formais da atividade de edição, de *cortar a matéria pelo pé*. Essa expressão significa que perto da hora do fechamento, se for preciso fazer cortes no texto da matéria para que ela caiba em determinado espaço estipulado pelo diagramador - que muitas vezes executa ele mesmo a tarefa de corte em concordância com o editor ou subeditor -, o critério de seleção do que eliminar segue a lógica de tirar as informações menos importantes na matéria, que supostamente se encontram no último parágrafo do texto, o *pé da matéria*. Os repórteres já escrevem seus textos pensando nessa lógica de ordenação das informações.

Em tese, seguindo a técnica de redação do texto jornalístico, as informações mais importantes são encontradas no *lead* (o primeiro parágrafo da matéria), que normalmente responde às perguntas *quem, como, quando, onde, por que e o que*, e no *sublead* (o parágrafo seguinte). Partindo, então, de cima para baixo, ou do começo para o final da matéria, a importância das informações também decresceriam.

Assim, neste trabalho, a inclusão da *diagramação* na fase de **edição/fechamento** do jornal se justifica porque as pessoas envolvidas em sua execução (diagramadores e subeditores/editor) fazem parte do processo de definição final do tratamento dado às informações, do ponto de vista de que graficamente dentro da redação - sem levar em conta o processo industrial realizado do lado de fora da redação - nada mais é feito.

Outra distinção - mais fundamental - em relação à classificação de Torres é a inclusão das reuniões como uma etapa relevante do processo de produção das notícias e do ritual que marca essa produção. Por ter feito o trabalho de campo atuando no duplo registro de antropólogo e repórter, é possível que não tenha podido participar de reuniões restritas a editores ou cargos de chefia, não acompanhando de perto as

decisões aí tomadas. Para usar uma linguagem do campo do ritual, a participação nas reuniões pode ter sido para ele um tipo de interdição, de local proibido, assim como para autora deste trabalho foi interditado o acompanhamento de repórteres durante as eleições, por falta de credencial.

A inclusão aqui das reuniões como uma etapa fundamental no ritual pode ser explicada pelo fato de que nelas ficam patentes as disputas por status e poder e o desejo de reconhecimento dos colegas e superiores. Além disso, são também momentos onde a hierarquia das redações é reafirmada, por definirem quem deve e pode participar, quem decide o que fazer e quem julga o trabalho feito, e são ainda ocasiões de reuniões de representantes de áreas diversas da redação que nem sempre se encontrariam em outro momento do dia. Nelas, é possível acompanhar como são geradas grande parte das decisões tomadas para transformar a vida em notícia de jornal.

2. 4 - A Pauta

A *pauta* é considerada o ponto de partida para a execução das matérias. Como já foi dito anteriormente, funciona como um programa ou uma sugestão a ser seguida, uma direção. No entanto, como um programa, uma sugestão ou uma direção, serve apenas como um norteador e não como um *limitador de passos a serem dados*. O repórter pode sair da redação com o intuito de registrar uma troca de cargos no governo, por exemplo, e, durante sua apuração, descobrir um escândalo envolvendo os partidos dos políticos que estão trocando de cargo. Outra possibilidade comum é o repórter ter uma *pauta* que no final não se consolida, como é o caso de uma denúncia que não se confirma.

As *pautas* podem ser construídas a partir de várias fontes de informação: sugestões de leitores (ver Burke 1996), observações do dia-a-dia, noticiário da concorrência (outros jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão), assessorias de imprensa e outros órgãos de informação, dicas de colegas de redação, *suites* de matérias já publicadas pelo próprio veículo ou pela concorrência, discussões de temas variados nas reuniões com editores, a *apuração* do repórter na rua e “encomendas” do *Aquário*. Existem também *pautas* que nascem de discussões dentro da própria redação e de jornalistas que se colocam a imaginar “*pautas* mais criativas”, que têm ou não ligação com os assuntos considerados “quentes” mas que normalmente independem dos acontecimentos ocorridos no dia.

Nos jornais pesquisados tive oportunidade de presenciar situações em que as *pautas* surgiram a partir de conversas informais e experiências vivenciadas por jornalistas no cotidiano²⁴. No **Correio da Cidade**, por exemplo, uma matéria com uma mulher de mais de 40 anos que sempre votara em branco nas eleições surgiu a partir de uma conversa, em um salão de beleza, entre uma editora e sua cabeleireira, que contou que nunca havia votado em ninguém.

Na **Folha do Rio**, quase vim a ser personagem de uma matéria sobre fogões: no final de uma *Reunião de Consolidação*, discutiu-se a reincidência de casos de explosões causados por vazamento de gás. Não me lembro como, começou-se a falar de fogões e eu, despretensiosamente, disse que uma vez havia comprado um fogão e que, ao chegar em casa, notara que deveria fazer modificações no eletrodoméstico adquirido, já que em Niterói, onde moro, só existe gás em botijão e o fogão comprado na cidade do Rio

²⁴ As *pautas* elaboradas a partir de outros veículos de comunicação são as mais comuns. Partindo das notícias divulgadas pelos concorrentes, os jornais **Correio da Cidade** e **Folha do Rio** elegiam os assuntos que mereciam *suites*, ou seja, que mereciam ser desdobradas, trazendo novas informações e dando um passo adiante às informações levantadas por outros veículos.

de Janeiro servia somente para gás encanado, comum em algumas regiões dessa cidade. Uma jornalista da área de Economia disse, então, que uma repórter pegaria mais tarde meu depoimento e que seria realizada uma matéria sobre os diversos tipos de fogão existentes no mercado, a fim de alertar o consumidor para que comprasse o fogão adequado. Para meu alívio, a notícia não foi feita por que eu só voltei à redação quando o assunto já era considerado “frio”. Na condição de entrevistada me mostrei uma *fonte* completamente envergonhada.

A *pauta* pode surgir, assim, a partir de qualquer *fonte*. Os assuntos a serem abordados devem sair da normalidade (como tragédias ou mudanças, por exemplo) ou, ao contrário, ser algo comum a uma fatia expressiva das pessoas (como uma tendência de comportamento). Seja como for, o mais importante é que o assunto interesse ao *leitor do jornal*, um leitor ideal com quem todo jornalista dialoga dentro das redações.

Se o jornal for pensado em termos de produtor de realidades, pode-se dizer que existem várias pessoas interferindo tanto no processo de seleção do que é considerado acontecimento como em seu processo de tratamento - isto é, na forma como algo que é transformado em acontecimento a ser apurado torna-se, em seguida, notícia dentro da redação e depois vira novamente acontecimento aos olhos dos leitores.

Repórteres e pauteiros (ou aquele que sugere a *pauta*) seriam, então, os primeiros a participarem do processo de *criação* do acontecimento. Elegendo o que pode vir a ser notícia e, de outro modo, o que não merece atenção da imprensa, eles constróem um determinado olhar sobre o acontecimento, o que significa dizer que de certa forma constróem também o próprio acontecimento. Mesmo quando as *pautas* são inspiradas em notícias dos meios de comunicação concorrentes, cada chefe-de-reportagem ou pauteiro faz uma leitura diferente e determina uma abordagem própria para o assunto,

apesar de às vezes serem próximas dos outros veículos de comunicação.

De modo geral, o conteúdo das *pautas* é composto pelos assuntos a serem cobertos, seguidos de algumas perguntas a serem respondidas através da apuração e comentários, além do nome do repórter(es) designado(s) para a cobertura e outras informações de interesse dos repórteres, como pode-se constatar em dois exemplos de *pautas* - ou roteiro - dos jornais pesquisados²⁵.

“PAUTA (de um dia de novembro) do **Correio da Cidade**
POLÍTICA

IBOPE. Hoje temos: MACEIÓ, NATAL E TERESINA. O texto vai estar com *Maria*

A PREPARAÇÃO PARA O DEBATE.

-- CONDE. *José* e o candidato do PFL. Segundo a *Helena*, hoje de tarde ele fará novo ensaio, o último para o debate. Ele vai se concentrar nas respostas, no debate dos assuntos (ontem o ensaio teria sido mais sobre a movimentação no estúdio). Precisamos de um grande material sobre o dia do candidato para o primeiro clichê. COM FOTO.

--SÉRGIO. *João* faz o dia do Cabral. Toma água de coco? Dorme? Estuda os dossiês contra Conde? É preciso escrever bom material sobre o dia do candidato para o primeiro clichê. COM FOTO.

-- O estúdio da TV. O clima e a preparação na TV. Podíamos entrevistar o William Bonner. *Carla* pede pesquisas.

-- O balanço dos candidatos anteriores. O da Tupi e o da CBN (quem ganhou, frases e temas discutidos, impacto sobre a campanha). *Francisco*

-- PEGAR CREDENCIAIS

-- AS FOTOS DO CONDE E DO SÉRGIO PARA A EDIÇÃO DE SEXTA E DOMINGO.

O DEBATE.

-- O CLIMA DA CHEGADA. *Patricia* com Conde e *Augusto* com Sérgio. VAMOS TENTAR PASSAR ALGO PARA O PRIMEIRO CLICHÊ?

-- NA RUA. *Adriana* lá embaixo, com a torcida. FOTO.

-- O DEBATE. *André* e ... se revezam, na redação, bloco a bloco, no texto principal. No texto, tem que ter a audiência.

-- BASTIDORES. *Vanessa* com os bastidores, com os intervalos.

-- O CLIMA. ... pega o clima pelo tel (o clima será passado por *Adriana*, *Augusto* e *Francisco*).

--SÉRGIO. *João* com Sérgio. Durante e depois do debate, avaliando o seu desempenho.

-- CONDE. *José* com Conde. Durante e depois (avaliação do debate).

-- BOSSAS??? ... faz as FRASES.

-- QUEM GANHOU? Dez pessoas analisam. A gente podia ligar agora e combinar de ouvi-las mais tarde, depois de encerrado o debate. Pode ser, Chico Alencar, Humberto Motta, Ciro Gomes, um diretor de teatro (que não esteja envolvido em campanha), uma pessoa que faça algo com a voz etc. (*Nome de repórter*) lista e ouve.

-- CÉSAR e MARCELLO? *Mauricio* vai ver se marca com César e Marcello. A idéia é fotografá-los e acompanhar do seu lado o debate. Se eles não toparem, vamos pelo menos combinar de pegar por telefone as suas avaliações sobre o debate.

-- IBOPE vai ouvir na hora ou só amanhã de manhã? *Maria* liga e vê como será a apuração, quantos serão ouvidos etc.

-- NOS BARES. Gente que vê o debate. Mercado São José é uma opção.

²⁵ Abrindo o *roteiro* do jornal, é comum uma listagem dos repórteres que estão doentes ou de férias e não comparecerão à redação no dia, dos que estão prontos para trabalhar e dos que chegarão mais tarde. O objetivo disso é facilitar o trabalho do chefe-de-reportagem na hora de escalar os repórteres para cobrirem os assuntos do dia, tarefa que às vezes tem que ser executada rapidamente.

-- CÉSAR E MARCELLO. *Cláudio* fala com o prefeito.

-- *Eduarda* fez MARCELLO, de manhã.

O ÚLTIMO PROGRAMA ELEITORAL DA TV.

-- É só ver e contar. Teve baixaria? VEREZA fez um depoimento emocionado pró-Conde. Conde mostrou a família, a mulher falou de Deus. *Fonseca*

-- A agenda de manhã. Acabou a campanha, mas o que os candidatos vão fazer na rua a partir de amanhã? O que a legislação permite?. *Ana Maria*

A CAMPANHA DO VOTO NULO.

18h30m Uerj Os partidos de esquerda estão defendendo o voto nulo fazem reunião para organizar ato público que ocorrerá no dia 15, na Praça Saens Peña. Ligar para *Andréa Souza* e saber em que sala será da Uerj (*número de telefone dela*). VAMOS TENTAR FOTOS DOS BOTONS E ADESIVOS.
Lucas

QUEM INVESTIU NA CAMPANHA? A história das empresas de ônibus, A prestação de contas dos candidatos.

O NOVO SECRETARIADO. O do Conde e o do Sérgio. O que rola por aí? Quem negocia?

MERITI, CAXIAS ETC. *Cristina* faz raio X da campanha dos dois municípios da Baixada. Quem é quem? O que está em jogo (o espaço político de Marcello e César, claro).

TRE e 2 TURNOS. Preparativos para a eleição. SERÁ QUE ROLA FOTO DAS URNAS?
Marcela

VELHINHOS VOTAM. *Eduarda e Márcio*

-- O artiguete.

ELEIÇÃO EM BH. Ontem teve debate na Band. Amílcar suavizou suas críticas a Célio de Castro. Hoje é o do *Correio da Cidade*.

-- ITAMAR.

ELEIÇÃO EM SP.

-- O debate (o que não vai ter): Erundina na TV Globo; Pitta, na Band.

-- Como vota FH em SP?

-- O outros paulistas do ministério.

ELEIÇÃO NO NORDESTE.

-- Maceió. *Fernando* cobre o debate lá.

“ROTEIRO (de um dia de novembro) da **Folha do Rio** POLÍTICA

(Nº do dia de hoje) CONDE - Marcou coletiva, às 11h30, num local ignorado porque está com medo das bombas. Temos que ligar logo cedo para a assessoria dele. Telefones: (.....). Quem está de plantão é *Gonçalves*. Para domingo, a decisão da assessoria é a mesma: os endereços serão divulgados apenas no dia. A agenda dele, domingo, começa às 9h, em Jacarepaguá.

Hoje, sábado, é fundamental tirar do Conde a decisão sobre o debate da Bandeirantes, que começa na segunda-feira. Em uma reunião, ontem à noite, o PFL discutiu a proposta de regra enviada pela Band.

(Nº do dia de hoje) CABRAL - O Sérgio está com uma agenda horrível, ou seja: manhã reúne-se com assessores do plano de governo. Tarde: grava programa de rádio e TV e noite reúne-se com assessores.

Ou seja, precisamos ligar para o próprio ou para seus assessores para arrancar alguma coisa. De repente esquentar mais essa briga de Conde dizendo que o terrorismo - ameaças de bomba - partem da campanha de Cabral (matéria de hoje no jornal)

Aí vão os telefones: Cabral: (número do telefone)

Rogério Monteiro(assessor) : (número do telefone)

Einar (produtor do programa de TV e marketing): (número do telefone)

Atenção - agenda de domingo - 9h, faz corpo a corpo na feira de Inhaúma, seguindo para o Conjunto Coroado e Engenho da Rainha. Ponto de encontro: Praça 24 de Outubro, em frente ao Posto Esso, na Estrada Velha da Pavuna.

12h30 - Visita, com Ciro Gomes, à Feira de São Cristóvão.

15h - Visita à Zona Oeste - Ponto de encontro: esquina das ruas Augusto de Figueiredo com Desenhista, em Vila Aliança.”

Ao construir as *pautas*, os pauteiros ou chefes-de-reportagem procuram dar o máximo de informações sobre cada tema a ser apurado de uma forma sintética, já que nem ele tem muito tempo para escrevê-la, nem os repórteres podem perder muito tempo fazendo sua leitura. É comum também, dependendo do tema a ser explorado, a *pauta* conter certas doses de ironia e opiniões a respeito do assunto. Um exemplo é o texto feito por um editor-executivo da **Folha do Rio** e enviado para os chefes-de-reportagem da editoria *Geral*, que ficou conhecido como “o *pautão* das Armas”.

O *pautão* foi elaborado a partir de uma crítica realizada por alguns presentes em uma *Reunião de Pauta* (da qual participaram o editor-chefe, os editores-executivos e os editores de área ou seus representantes) à cobertura feita pela editoria *Geral* sobre o tema “balas perdidas”. O texto orienta minuciosamente o caminho que deve ser seguido pelos repórteres envolvidos na cobertura do assunto e a linha das matérias que serão redigidas a partir da apuração. O *pautão* foi enviado para os chefes-de-reportagem da *Geral*. A seguir:

“Caros,

Como sugeri o MC[editor-chefe], nossa cobertura sobre balas perdidas será transformada em mais uma campanha pelo desarmamento. Algo que possa durar uma semana e tenha além do factual do dia-a-dia coisas fortes sobre o assunto. De acordo com o velho jargão dos açougueiros, vamos por partes:

1. Com campanhas de conscientização pública ou sem elas, as armas continuam chegando e sendo vendidas livremente na cidade. Vamos conversar com os Caio Fábio e Luiz César Fernandes [sic] sobre o assunto para nos explicarem porque os esforços deles em coibir tão nefasto comércio resultou num fiasco tremendo, Quantas armas eles conseguiram recolher? Que fim elas tiveram? Parece que nos Estados Unidos esse tipo de mobilização deu certo. Por que aqui no Brasil elas não avançam?

2. O comércio de armas dito legal continua a todo vapor. Aquela famosa loja de Niterói vende pistolas, revólveres e fuzis como banana em final de feira. Há uma discussão já encanecida sobre isso, Um blá-blá infernal. O que ocorre é que por trás

da legalidade há uma imensa atividade clandestina. Devemos mergulhar neste mundo. Em Caxias e Nilópolis existem dezenas destas lojas especializadas em material bélico. O biombo para tal atividade escusa é de que se dedicam à venda de caça e pesca. Vamos desmascarar os espertalhões.

3. Também cabe na nossa programação uma alentada matéria sobre os colecionadores. Fazem tudo dentro da lei, não há menor dúvida. O que é estranho são as razões pelas quais um clube importa 30 metralhadoras estalando de novas, sem qualquer valor histórico. Mesmo que fosse por curiosidade, por que tantas metralhadoras e AR-15? Outro detalhe que podemos explorar com a ajuda de juristas diz respeito ao decreto que garante a importação de armas. Parece que está completamente equivocado. O pessoal do Exército já se queixou, várias vezes, de que não consegue coibir as importações. Reclamam de dispositivos legais mais claros impedindo a compra pelos colecionadores. O curioso, neste capítulo, é que os clubes ou associações de colecionadores são formados por antigos policiais, juizes e militares de pijama e pilantras de toda ordem.

4. Com fronteiras, secas e molhadas, que somam quase 20 mil quilômetros, o Brasil não tem como conter a entrada de armamentos. Por mais que a Polícia Federal e as Forças Armadas se empenhem. É besteira achar que o policiamento ostensivo vai resolver alguma coisa nesta área. O problema é que os maiores fornecedores de armas aos traficantes cariocas são os próprios policiais. Eles são beneficiados por uma lei - as leis novamente! - que permitem que comprem no exterior material bélico para uso próprio. Há gente que enriqueceu na polícia indo e vindo para Miami. Vamos denunciá-los. A Polícia Federal sabe exatamente quem são essas figurinhas. Um farto material já foi publicado na imprensa. Basta recuperá-los e atualizá-los.

5. Seria o caso de mergulharmos de cabeça nas investigações: uma parrelha de repórter e fotógrafo deve seguir em direção ao Paraguai. Assuntaremos o comércio de armas, especialmente em Assunción e Ciudad Del Leste. Dizem que é moleza comprar trabuço nestes locais. Vamos conferir. A viagem já está autorizada pelo MC.

6. Há um outro ponto delicadíssimo na história: armas militares frequentemente são desviadas dos quartéis para os morros. Vale um bom levantamento dos casos já registrados nos jornais. Independente disso, vamos conversar com o pessoal do comando Leste. O coronel relações públicas, do tipo *Antônio Augusto*, jura que isso não acontece. Com os dados nas mãos colocaremos o homem em córner. Se tudo está direitinho, por que prende-se tantas fúzi-metralhadoras nas mãos dos bandidos. A *Folha do Rio* fez um belíssimo trabalho de investigação nesta área. Chegou a descobrir um maluco, filho de um brigadeiro, que ganhava a vida vendendo armas militares. O cara era treinador de tiro do Exército, Há quantos meses mofa no cárcere? Com certeza, continua livre, leve e solto vendendo suas pistolinhas por aí.

7. É necessário ainda um bom infográfico, mostrando a rota dos pau-de-fogo. O pessoal que organizou a Operação Rio, entre eles o general *Clodoaldo* - jurava que o porto e o aeroporto do Rio são as principais portas de entrada das armas ilegais vendidas no país. E aí? Tomaram alguma providência? Quantos carregamentos de armas foram capturados no porto da Praça Mauá?

8. Todos os dias - ao longo de nossa série - vamos contar uma aterrorizante história de vítimas do uso indevido de armas. Coisa do tipo: o pai que matou o filho acidentalmente; a arma que disparou nas costas do sujeito e o deixou tetraplégico; o cidadão que mantinha a arma em casa para uso pessoal e ela acabou sendo usada pela mulher suicida e por aí afora. Coisa para deixar o sujeito estarecido em casa. Sem o menor desejo de pendurar um trabuco na cintura”.

2. 5 - Reuniões

As reuniões que ocorrem diariamente nos jornais podem ser lidas como uma espécie de fórum do qual participam representantes de diversas áreas da redação. A partir de debates, críticas, sugestões, questionamentos e ordens, as discussões levantadas basicamente pelas *pautas* criam um certo consenso nos presentes às reuniões, que empiricamente se reflete sobre os vários critérios que interferem no processo de produção das notícias: noções de ética e indicação de abordagens dadas aos assuntos levantados, perguntas que deveriam ser respondidas nas matérias para a satisfação da curiosidade do leitor do jornal, atendimento aos interesses da empresa jornalística, atribuição de importância e hierarquização dos assuntos que serão publicados, entre outros.

Durante o acompanhamento dos trabalhos desenvolvidos nas redações dos jornais pesquisados, foi possível observar semelhanças e diferenças na condução das reuniões. Apesar de terem rotinas parecidas (apresentação das *pautas*, críticas e discussões sobre as matérias realizadas e as que ainda estão em andamento etc.), o modo de abordagem dos assuntos discutidos diferem quanto ao clima em que se realizam e, com exceção da rotina comum, dos propósitos que motivam certas condutas dentro do tempo de duração das reuniões.

No *Correio da Cidade*, a figura do editor-chefe provoca tensão nas pessoas presentes às reuniões. O clima de competição e disputa para angariar o máximo de atenção do editor-chefe e o máximo de espaço no jornal²⁶ para a alocação das matérias

²⁶ Aqui faço uma generalização das situações em que ocorre disputa por espaço. Para ser mais fiel, contudo, é preciso dizer que existem dias onde as editorias possuem poucos assuntos, o que faz com que estejam satisfeitas com o espaço destinado à alocação de suas matéria ou mesmo a quantidade de espaço que na maior parte das ocasiões é menor do que a quantidade de matérias, nesses casos torna-se um problema por existir falta de assunto para preenchê-lo. A regra, no entanto, é que a quantidade de matérias feitas seja muito superior ao espaço a elas destinado; daí a generalização.

correspondentes à editoria de cada um é observado diariamente na fisionomia das pessoas, no que se fala e no modo como se comportam. Não é sem razão que o termo *vender uma matéria* corresponde à prática de apresentação dos assuntos explorados pela editoria, de forma atraente e com forte apelo de convencimento de que são importantes.

Como em um mercado onde os vendedores disputam o cliente baixando seus preços e apregoando as vantagens de se obter o produto, nas reuniões (*de Pauta, de Editoria e de Consolidação*) os jornalistas relatam seus assuntos com empolgação (cujo grau varia de um assunto para outro), de modo a despertar o interesse dos colegas e sensibilizar o editor-chefe, ou um presente que pertença a um alto nível hierárquico, para a importância do assunto que está relatando - ou *vendendo*. Assim, é comum as pessoas começarem sua apresentação dizendo "...tenho uma historinha legal..." ou "...tenho uma matéria que merece chamada na primeira página...".

A disputa por atenção também é rotineira: os presentes esperam ser ouvidos pelos demais, tarefa que nem sempre é tão fácil, já que pelo número de participantes nas *Reuniões de Pauta e de Consolidação* podem ocorrer conversas paralelas. Algumas vezes, o sentimento de não atrair atenção vem acompanhado de um certa disputa por atenção, onde quem julgou ter tido menos atenção do que um outro presente à reunião expressa verbalmente isso. Um desses casos ocorreu no **Correio da Cidade**, em que um editor se sentindo preterido pelo editor-chefe, que no momento de sua apresentação de *pauta* estava conversando com outra pessoa, disse, exaltado: "todos aqui receberam toda a atenção... eu também quero. Se você não acha importante o que eu tenho a dizer, então eu vou embora". Esse sentimento, porém, parece estar relacionado a um desejo de reconhecimento profissional mais do que a um sentimento ligado à pessoa do editor-chefe.

Já na **Folha do Rio**, a presença do editor-chefe ou alguém que presida as reuniões de *Pauta* e de *Consolidação* não causa tanta tensão e, portanto, as discussões tendem a ser menos acaloradas do que no **Correio da Cidade**. O clima de competição da **Folha do Rio** também é menor durante as reuniões e é mais comum serem ouvidos comentários elogiosos ou de incentivo em comparação ao **Correio da Cidade**. Um dos fatores que explica isso talvez seja a diferença de tamanho das redações e a quantidade de jornalistas lá trabalhando: segundo me disse um chefe-de-reportagem (e que um editor classificou como “choro de chefe-de-reportagem”), na **Folha do Rio** há mais matérias a serem apuradas do que repórteres disponíveis.

Outro motivo de tensão é o julgamento do desempenho de cada um pelos colegas. Abrindo a *Reunião de Pauta*, seja de um modo mais formal como no **Correio da Cidade** ou mais fluido como na **Folha do Rio**, a análise crítica diária dos jornais concorrentes e da própria empresa tem a pretensão de funcionar como um referencial para os jornalistas, mostrando o que é válido, e elogiável, dentro do jornal e o que não está de acordo com as “expectativas” dos participantes da reunião. Mais significativo do que isso, porém, é o jogo de poder, prestígio e vaidade que envolve a todos que da reunião participam e, particularmente, aqueles que tem alguma matéria, foto ou cobertura constando ou não em uma listagem do que é criticável.

As críticas no **Correio da Cidade**, em que constam os sinais (+), (-) e (+-) antes de palavras-chave que indicam a que se referem, ficam expostas à leitura de qualquer pessoa na redação até serem substituídas pela crítica do dia seguinte. Receber um desses sinais é, portanto, uma forma pública de reconhecimento de competência ou não no tratamento dado ao objeto da crítica. E, como já foi dito anteriormente, o reconhecimento entre os pares é um dos objetivos desejados pelos jornalistas, uma vez

que funciona como uma forma de ascensão profissional dentro da redação e, também, no mercado jornalístico, onde o *valor* do profissional depende em grande medida do grau de disputa entre os meios de comunicação pelos jornalistas.

A análise crítica feita pelos jornais tem repercussões dentro das redações e algumas das informações nela contidas circulam entre as pessoas, seguidas de comentários de concordância ou não e avaliações próprias. Normalmente, quando ocorrem comentários dentro de cada editoria, eles dizem respeito aos assuntos de sua área. Não é sem motivo, portanto, que no instante em que a análise crítica está sendo realizada, é comum alguns editores argumentarem com os presentes, em particular com o editor-chefe ou alguém que ocupe alto grau na hierarquia, defendendo os assuntos que lhe dizem respeito. Algumas vezes existe uma espécie de negociação e convencimento, o que pode causar uma troca de sinal ou a retirada do assunto do quadro, no caso do **Correio da Cidade**, ou verbalmente, no caso da **Folha do Rio**, em que as críticas são feitas oralmente durante as reuniões e por escrito através do computador.

Ao longo das *reuniões de pauta*, pode ocorrer do editor-chefe ou alguém da alta esfera hierárquica fazer queixas sobre como uma editoria está conduzindo a cobertura de um determinado assunto. Geralmente, nesses casos, quem critica assume o papel de responsável por adequar as abordagens dos assuntos e pessoas ao que se chama nos jornais de *linha editorial*, que muitas vezes se traduz em uma explicitação da posição da direção dos jornal frente a um determinado tema. Esse foi o caso do “pautão das armas” da **Folha do Rio**, que assumiu uma campanha pelo desarmamento.

Outro caso foi a reclamação do editor-chefe em uma das primeiras reuniões a que assisti no **Correio da Cidade**, em que ele criticou abertamente a cobertura feita pela equipe da editoria *Nacional*, que estaria favorecendo o então candidato a prefeito, Luís

Paulo Conde, em detrimento do candidato Sérgio Cabral Filho²⁷. Segundo o editor-chefe, estava sendo dado mais espaço a Conde e ao prefeito César Maia, que o apoiava, e as matérias e fotos relativas a eles eram mais favoráveis do que as do outro candidato. Em seguida, disse que acreditava que isso não estava ocorrendo “de má-fé, caso em que tomaria uma outra atitude que não a de conversar”, mas que era uma coisa feita “inconscientemente pelos repórteres”, porque Conde e César Maia tinham um melhor relacionamento com os jornalistas e porque o primeiro estava liderando as pesquisas eleitorais, enquanto o prefeito criava *factóides* para chamar a atenção da imprensa. Disse também que os *factóides* do prefeito não deveriam deixar de ser publicados mas que “se deveria mostrar nas matérias os objetivos desses *factóides*”. Por fim, enfatizou que o editor deveria dar espaços iguais para os dois candidatos e que as matérias sobre Sérgio Cabral Filho deveriam receber um tratamento melhor “pois não é possível que só o Conde ou o César Maia façam algo de bom ou significativo”. O editor da *Nacional* concordou com a crítica e disse que conversaria com sua equipe em uma reunião.

Assim que o editor notou que a maioria dos repórteres estava na redação, convocou a reunião, que incluiu também o coordenador - com o editor-adjunto e os subeditores ele falaria em outra reunião, já que eles chegariam mais tarde na redação. Reproduzindo o que o editor-chefe dissera e reafirmando sua crítica, ouviu de boa parte dos repórteres que eles concordavam com a crítica, mas que não havia como fazer diferente, pois, como disse uma repórter, “o Conde, o César Maia e suas assessorias atendem bem jornalistas, eles *dão frase* [isto é, dizem frases de impacto], são

²⁷ Curiosamente, foi exatamente após essa reunião que o editor-chefe notou minha presença na redação. Com isso, no final do dia, o editor da *Nacional* me chamou “para um café”, onde me disse que o editor-chefe perguntara por mim e expressou um certo desconforto por não ter sido consultado acerca da minha presença no jornal, pedindo que eu fosse conversar com ele. Assim o fiz e, após ouvir de mim que eu manteria em sigilo o nome da empresa, disse que o jornal não tinha “nada a esconder”. Durante todo o trabalho de campo, sempre tive acesso aos lugares e eventos de meu interesse, sem que eu tivesse sofrido qualquer tipo de constrangimento.

fotogênicos, ao contrário de Sérgio Cabral Filho, que é antipático com jornalistas e não fotografa bem”. Um outro argumento levantado pelos repórteres foi o da liderança de Conde nas pesquisas. Segundo essa mesma repórter, que diz procurar algo de negativo no Conde mas não conseguir encontrar, “a única crítica que eu faria a ele é a falta de empatia, mas nem isso eu posso falar, porque como é que um *cara* que não tem empatia lidera as pesquisas de opinião?”. Por fim, depois da discussão sobre o assunto, os repórteres concordaram em ter “mais boa-vontade com o Cabral”, como disse o editor. Assim como o editor frente ao editor-chefe, os repórteres também não pareceram ter opção de escolha. Nos dias que se seguiram, era comum ver os repórteres e subeditores preocupados em seguir as recomendações.

Da mesma forma como em algumas reuniões de pauta discutia-se o tipo de abordagem a ser dada a determinados assuntos²⁸, a partir daí eram também levantadas questões relativas a um código de ética para o encaminhamento ou a divulgação de um assunto considerado delicado. No *Correio da Cidade*, em uma das *reuniões de pauta* assistidas, o editor do caderno cultural comentou que um cantor de rock nacional estava com Aids e que os coquetéis de remédios já não estavam fazendo efeito. Disse que o cantor nunca assumira publicamente a doença e que não gostaria de dar, por este motivo, uma notícia sobre seu estado de saúde. O editor-chefe concordou com seus argumentos e indicou que fosse feita uma grande reportagem contando o drama do cantor, que já não saía mais de casa há alguns dias, em depressão. No dia seguinte, o cantor morreu. Foi feito então um caderno especial sobre ele e sua trajetória. O editor do caderno cultural mostrava-se ao mesmo tempo triste pela morte do cantor e exultante

²⁸ Na abordagem de alguns temas, os editores de área tem maior ou menor liberdade, dependendo do interesse da direção da empresa no assunto. É regra, por exemplo, que uma matéria sobre algum evento que está sendo patrocinado ou promovido pelos jornais pesquisados tenha um tratamento mais cuidadoso; por exemplo, a matéria não deve estar do lado de uma reportagem sobre um crime ou sobre corrupção.

por ter falado no assunto no dia anterior, seguindo uma tendência dos jornalistas que, diante de uma tragédia ou fato mórbido, experimentam sensações contraditórias pelo assunto “ser quente” e por terem morrido pessoas.

Como é possível perceber, se os primeiros a moldar a informação são os pauteiros/chefes-de-reportagem e repórteres - salvo quando a matéria é *recomendada* pela direção do jornal, que define primeiramente o assunto a ser apurado e o tipo de abordagem -, é na *Reunião de Pauta* que ocorrem as interferências provenientes de jornalistas de outras áreas, que trazem visões diferentes sobre os assuntos.

O editor-chefe, ou a pessoa presente de nível mais alto na hierarquia da redação, também dá sugestões, e suas observações ou questionamentos têm um peso maior que os dos demais, apesar de, na maioria das vezes, ele não interferir muito no tipo de abordagem e na escolha apresentada pelo editor de área ou seu representante. Nesse sentido, de modo geral, o editor tem quase total autonomia para trabalhar as informações como quiser, claro que levando em consideração que existem normas formais e regras consensuais por ele internalizadas e que ele também delega poderes de decisão para o editor-adjunto e subeditores. Além disso, é ele ou seu representante que transmite aos demais as *pautas* a serem apuradas, ou que já o foram apuradas, cabendo às outras pessoas na reunião discutir os temas e, no dia seguinte, criticar ou não o que foi publicado.

As reuniões realizadas entre as pessoas da editoria *Nacional do Correio da Cidade* têm características diversas, e podem ser convocadas pelo editor sempre que achar necessário discutir ou transmitir algum assunto para as pessoas sob sua responsabilidade²⁹. No entanto, pelo menos uma vez por dia, normalmente entre a

²⁹ Na **Folha do Rio**, como já foi descrito, é feita uma reunião entre o editor-executivo e o chefe-de-reportagem da editoria Geral, em que se discute as pautas de política, polícia e cidade da editoria. Não

Reunião de Pauta e a *de Consolidação*, ocorre a reunião para a definição de quem é responsável pelo fechamento de quais páginas e dos locais em que as matérias serão publicadas. Essa reunião serve também para que o editor se informe com o coordenador sobre o desenvolvimento das *pautas* e o que foi apurado. Enfim, é feita uma atualização dos assuntos que provavelmente serão publicados, tendo por base as apurações já feitas pelos repórteres. Depois disso, e de posse de anotações atualizadas sobre as matérias que deverão entrar no primeiro clichê, o editor participará da *Reunião de Consolidação*.

O objetivo dessa reunião é o de confirmar e atualizar os assuntos apresentados na *Reunião de Pauta*. Cabe observar que nem sempre quem participou da *Reunião de Pauta* estará presente novamente na *de Consolidação*. É comum um revezamento de representantes de cada área. Assim, por exemplo, o coordenador da *Nacional* poderá comparecer à reunião da manhã e o editor à reunião da tarde. Nas duas reuniões cada representante de área faz rapidamente uma apresentação de seus temas, sem obedecer a uma regra definida de ordem de apresentação por editoria.

Uma das características marcantes da *Reunião de Consolidação* é a preocupação com o tempo. Ela é realizada próxima ao horário do início do fechamento do jornal, o que faz com que principalmente os editores desejem voltar o mais rápido possível para seus lugares. Uma situação ocorrida no **Correio da Cidade** expressa exemplarmente isso. Em uma *Reunião de Consolidação*, os editores ou representantes estavam apresentando suas matérias; entre a apresentação de uma e outra pessoa, ocorreu um breve silêncio. Nesse intervalo, um editor levantou parcialmente o corpo da cadeira, gesto que foi interpretado por alguns dos presentes como o término da reunião. Quatro

existe nenhum tipo de reunião formal envolvendo repórteres. Estes, por sua vez, estão sempre em contato com o chefe-de-reportagem, que muitas vezes participa ele próprio das reuniões de pauta e consolidação no lugar ou em conjunto com o editor.

peessoas se levantaram para sair do *mesão*, quando o editor-chefe perguntou seriamente: “onde é que vocês vão? A reunião ainda não acabou”. O editor que havia se levantado primeiro se justificou imediatamente: “eu só levantei para ajeitar o corpo na cadeira, para mudar de posição...” A reunião então continuou, até que, um pouco mais tarde, houve um novo momento de silêncio. Uma das participantes levantou-se e, percebendo que mais uma vez a reunião ainda não havia terminado, rapidamente olhou para todos, embaraçada, e pediu desculpas. Essa situação ilustra bem a vontade dos participantes da reunião de que esta seja curta, além de ter deixado claro que, salvo quando o editor-chefe tem que sair antes de seu término, é ele quem determina o fim das reuniões. A palavra-final é sempre dele.

A pressão do período de edição e a obsessão dos jornalistas em respeitar o horário de fechamento das páginas do jornal são dois dos fatores que fazem com que a *Reunião de Consolidação* tenha menos discussão dos assuntos que a de *Pauta*. Outro fator é que, em sua maioria, as *pautas*, nesse momento, já se transformaram em matérias, confirmando ou não as *pautas* e as linhas de construção dos textos discutidas na *Reunião de Pauta*. Mesmo as *pautas* que passaram a existir depois dessa reunião, normalmente já são apresentadas como uma matéria, o que não permite muitas alterações devido ao avançar da hora.

Claro que se o assunto está sendo conduzido de uma forma considerada equivocada, o trabalho do repórter pode vir a começar quase do zero ou o redator responsável pelo texto pode ter que mudá-lo. Além disso, os acontecimentos que ocorrem depois da *Reunião de Consolidação*, com exceção de assuntos considerados de extrema importância pela direção do jornal ou pelo editor-chefe, estão quase exclusivamente sob responsabilidade do editor de área, que decide o encaminhamento

da matéria e o local em que será alocada.

2. 6 - Edição e Fechamento

A definição dada pelo Manual de Redação da **Folha do Rio** para o termo “edição” corresponde ao “trabalho de selecionar matéria, definir a sua importância e supervisionar a paginação”. Dito de outro modo, de acordo com um subeditor do jornal **Correio da Cidade**, o trabalho de edição é um trabalho de opção, onde se define o que é e o que não é aproveitado no jornal. “Errar e optar fazem parte do jogo”, explica.

De acordo com o subeditor, o editor deveria dar uma ordem lógica às matérias na página, seguindo um critério de qualidade e importância das informações. A realidade, contudo, é bem diferente. Na prática, segundo ele, o que ocorre é que a ordem efetiva seja determinada pelo horário, pela proximidade da hora do fechamento da página e do jornal.

Levando-se às últimas consequências esse fato, se o termo “edição” está diretamente relacionada à idéia de seleção, pode-se dizer que quem escolhe as *pautas* edita os assuntos a serem cobertos, escolhendo aqueles que merecem ser explorados pelo jornal. É correto afirmar também que o repórter, durante a apuração dos assuntos, seleciona as informações que merecem constar em sua matéria, assim como o redator opta por palavras e trechos dos textos dos repórteres a serem modificados ou eliminados. Da mesma forma, subeditores e editores escolhem o local em que matéria será posicionada e optam por uma determinada hierarquia das matérias, distribuídas pelas páginas. O manual de redação do **Correio da Cidade** diz o seguinte sobre o processo de seleção:

“Todo jornalista, do repórter ao editor, seleciona e dá pesos diferentes aos

elementos de informação que passam por suas mãos. Isso é inevitável - pois não há outra maneira de trabalhar - e representa o exercício de considerável poder: o de decidir como determinado aspecto da realidade será apresentado à opinião pública. A primeira necessidade ética que se põe para o jornalista é aprender a não abusar desse poder”.

Ao se perguntar para os jornalistas diretamente quais os critérios de seleção adotados, a resposta é tautológica: “critérios jornalísticos”. Da observação direta e concreta, foi possível perceber que os critérios podem estar condicionados a diversos fatores. Entre eles, as relações entre as pessoas envolvidas no processo de produção do jornal, como foi o caso de um editor querer agradar politicamente a um jornalista de uma sucursal, dando mais destaque para sua matéria do que deveria ter sido dado (o que foi objeto de crítica do editor-chefe). Outros “critérios jornalísticos” podem obedecer a regras expressas no Manual de Redação e até mesmo a preferências pessoais, cujo exemplo pode ser a diferença de cobertura das campanhas dos candidatos a prefeito do Rio no segundo turno, como ocorreu no **Correio da Cidade**. Isso tudo sem levar em consideração o fator tempo, cujo critério de edição segue as instruções “manda como estiver” ou “corta pelo pé [o último parágrafo da matéria]”.

Em resumo, os “critérios jornalísticos” adotados para escolha dos temas que serão transformados em matérias, das informações que nelas constarão, assim como a arrumação e hierarquização das matérias nas páginas só podem ser definidos tendo como ponto de partida as situações concretas em que ocorrem e as experiências pessoais de cada um dos envolvidos nesse processo de edição (termo aqui utilizado com o sentido mais amplo de seleção e opção).

Por volta das 16 horas, redatores e subeditores começam a chegar na redação. De

modo geral, passam a trabalhar imediatamente. A partir daí, os ponteiros do relógio parecem se movimentar mais rapidamente para eles. Quanto mais perto do horário do fechamento, maior a tensão. E é essa tensão e a pressão do tempo que marcam a edição das matérias e das páginas.

Os redatores, em frente ao computador, vão recebendo as matérias dos repórteres. Eles têm como função elaborar os textos finais das matérias. Reescrevem os textos dos repórteres, se necessário, e pré-editam as matérias, dando títulos, subtítulos, entretítulos e legendas para fotos. Os redatores também podem ser responsáveis por adequar a matéria escrita pelo repórter à *fôrma* determinada pela *diagramação*, quando não tiver sido digitada no tamanho previsto. Por fim, os redatores fazem, ainda, a revisão dos textos do *primeiro clichê*, corrigindo os erros para o *segundo clichê*.

Depois de terem trabalhado os textos, os redatores enviam as matérias para algum subeditor ou editor, que tem uma visão total da página do jornal sob sua responsabilidade, onde as matérias encontram-se em seus devidos lugares. A partir dessa panorâmica geral das páginas, seus fechadores verificam se há repetição de palavras nos títulos das matérias, se as legendas das fotos estão corretas, enfim, tudo o que poderia atrapalhar uma certa harmonia da página, segundo padrões relativos ao projeto gráfico e editorial do jornal. Tendo constatado que nada mais há a fazer na página, anunciará para todos, em voz alta, que a página está fechada e, a seguir, a enviará para o processo industrial, que executará os trabalhos gráficos de impressão.

Vale lembrar que dependendo da quantidade de serviço a ser feito, os subeditores e editores podem também executar o trabalho de redator, para não atrasar o fechamento. A responsabilidade por tudo o que saia publicado no jornal referente às suas áreas, porém, recai sobre o editor. Ele tem que ter uma visão global das páginas de

sua editoria, conferindo se os assuntos mais importantes estão ocupando os locais considerados mais nobres³⁰ e se as *retrancas* estão nos lugares certos. O editor deve decidir ainda a substituição de matérias já preestabelecidas por outras mais recentes ou mais importantes. Além disso, diante de uma grande cobertura, por exemplo, fica em contato permanente com o editor-chefe, seguindo instruções e informando-o de novos acontecimentos.

É importante salientar que de acordo com o tempo disponível e as atividades que o editor tenha que executar, pode ocorrer dos subeditores ou o editor-adjunto tomarem quase todas as decisões em relação ao fechamento das páginas. Eventualmente, a consequência disso é que ao ler o jornal e/ou sua crítica, o editor pode não concordar com a edição feita por seus substitutos. O motivo do desacordo pode ser o destaque dado para uma matéria na página ou o título escolhido para a matéria principal, entre outras razões. Isso ocorre porque, apesar de existir um consenso sobre determinados critérios do que seja importante e “jornalístico”, cada um executa sua função de acordo com experiências pessoais e formas particulares de concepção do mundo, dados cuja análise não é objetivo deste trabalho. Como disse Champagne (1984:31), “entre os acontecimentos que tendem a atrair a atenção da maior parte dos jornalistas, há todos os fatos que rompem com o ordinário, o habitual, o cotidiano, o repetitivo, o banal (para um jornalista). ‘Um trem que chega na hora não é um acontecimento’”.

A proximidade do *deadline* (prazo final) do *fechamento*, vai aumentando o ritmo da edição do jornal. As pessoas na redação vão ficando cada vez mais angustiadas. As palavras ditas por uma repórter da Folha do Rio mostram o grau de tensão: “vou ficando nervosa quando vai chegando *a hora* [do fechamento] e eu não consigo falar

³⁰ As páginas ímpares, os cantos em direção ao lado de fora das páginas e o alto delas são considerados pelos jornalistas o locais mais nobres.

com ninguém [fontes]”. Ela sabe, assim como os outros, que em um processo de produção como o de um jornal, se a matéria atrasa, a edição poderá atrasar e o fechamento também, ou, dependendo do teor da matéria, ela não sairá publicada ou sairá no próximo clichê ou no jornal do dia seguinte. Dependendo do motivo do atraso, poderá sofrer algum tipo de sanção ou advertência.

O tempo age dentro das redações como uma variável que pode influenciar, em última instância, o próprio conteúdo das matérias produzidas. De certo modo, é desejável que o repórter tenha tempo para apurar suas informações, confirmá-las com mais de uma fonte, dependendo do caso, e redigi-las na forma de texto final, e que os redatores e subeditores sejam criteriosos no momento de interferir no texto do repórter e na organização das páginas; de outro modo, porém, numa situação em que a quantidade de tarefas a serem desenvolvidas é maior do que o tempo disponível para isso, o que ocorre concretamente é que o repórter apure um mínimo de dados considerados imprescindíveis e redatores e subeditores adotem como critério de edição, “cortar pelo pé” e, no *deadline* do fechamento, “mandar [a matéria] como estiver”. Os ajustes nos erros causados pela pressão do horário do fechamento serão realizados depois, para o *segundo clichê*.

Talvez em decorrência dessa *angústia do fechamento*, são vistas nas redações situações inusitadas. Se uma diagramadora está no banheiro e é solicitada para voltar ao trabalho, pois o prazo do fechamento da página está se esgotando, e a distância até seu computador é relativamente longa - como ocorre na redação do **Correio da Cidade** -, o tempo do percurso é contabilizado negativamente como tempo que poderia ser utilizado para a execução do trabalho. A distância entre o banheiro e seu lugar é percorrido com uma corrida. Correr significa, por um lado, aumentar o tempo de

trabalho e, por outro, é uma forma de expressar e extravasar a tensão vivenciada no momento.

Outras características típicas do período de fechamento estão relacionados ao modo de tratamento dispensado entre os jornalistas. Dificilmente alguém guarda rancor quando, no fechamento, um colega é mais grosseiro ou fala mais alto do que o habitual. Todos estão conscientes de que estão sob pressão. Quando há algum desentendimento, a questão normalmente é logo resolvida.

Durante um fechamento do **Correio da Cidade**, duas repórteres ainda estavam envolvidas em suas matérias: uma fazia entrevista por telefone e outra já estava redigindo. Esta última, interrompendo a que estava ao telefone, perguntou se ela havia visto uma outra repórter. Não obteve resposta. Insistiu, e nada. Ela se afastou um pouco da colega ao telefone e fez reclamação para os que estavam em volta. A que estava fazendo a entrevista desligou e se dirigiu imediatamente para a colega, dizendo que ela estava atrapalhando seu trabalho e que não via motivo para reclamação. As duas tiveram uma discussão, e cada uma foi para seu lado. Uma delas chegou a chorar. As pessoas em volta foram logo conversar com as duas, dizendo que a briga delas era uma “besteira”. Após a interferência de outros colegas, as duas se reconciliaram, reafirmando a amizade com um abraço. No resto do tempo em que permaneceram na redação, o desentendimento era lembrado por alguém, em tom bem-humorado.

Após o fechamento do *primeiro clichê*, no entanto, o clima na redação (que a esta altura está bem mais vazia) é geralmente de maior relaxamento. Como que para compensar o clima de tensão de instantes atrás, as pessoas chegam a arriscar brincadeiras umas com as outras, em um clima de *camaradagem*. As modificações são feitas, então, para o *segundo clichê*.

A alternância de emoções e humores experimentados pelos jornalistas ao longo de um dia de trabalho, relacionados a momentos de maior ou menor tensão, talvez explique o porquê da insistente pergunta dirigida à “antropóloga”: “você acha que nós somos malucos?”, “você acha que isso aqui é uma loucura?” e “você sabia que os jornalistas também fazem brincadeiras ou pensou, como eu imaginava antes de vir trabalhar aqui, que eram todos muito sérios?”.

A auto-imagem ligada à idéia de loucura também pode ter relação com o ritmo e o grau de dedicação dos jornalistas à profissão. Eles agem como profissionais em tempo integral, sempre atentos às coisas que acontecem à sua volta e constantemente bem informados: em qualquer lugar pode estar ocorrendo algo que irá se transformar em notícia ou, o que é mais desejado ainda, em “furo de reportagem”.

O término da edição e das atividades de fechamento do jornal, assim, não significa necessariamente o fim das atividades do jornalista no dia. Ele pode estar voltando para casa e ser testemunha de algum acontecimento importante, ou estar no bar, falando de trabalho com colegas de profissão. O ritual jornalístico, desse modo, obedece a um movimento circular, ou espiral, que não tem fim. Mas mesmo obedecendo regras e preceitos que se repetem, um dia de trabalho nunca é igual ao outro.

Depois do expediente de trabalho, independente da hora, é comum os jornalistas se reunirem em bares para “*um chope*”. Em uma dessas ocasiões, fui convidada pelo editor da editoria *Nacional* a acompanhar a equipe em um desses programas, enfatizando que “sem ir a uma mesa de bar não se conhece verdadeiramente um jornalista”. Segui para o local indicado de carona com um jornalista da equipe. No caminho, este me disse que “a ida ao bar” significava mais do que uma simples forma

de relaxamento. Para ele, *tomar um chope* e freqüentar a casa dos colegas eram formas de estreitar as relações pessoais entre os jornalistas. “E tudo no meio jornalístico depende das relações pessoais que o profissional estabelece. Promoção, emprego, aumento de salário, free-lances...”.

No bar, além dos jornalistas da equipe, colegas de profissão de outros jornais, que discutiam basicamente assuntos apurados por eles no dia. Também se conversava sobre a vida pessoal de cada um e, um ou outro jornalista comentava, preocupado, que a mulher ou o marido o estava esperando em casa e que precisava ir. A decisão de ir embora, porém, era constantemente adiada. Deixei o local às cinco horas da manhã, mas a maioria dos jornalistas ainda estava lá. Fiquei me perguntando como é que eles conseguiriam acordar para o trabalho no dia seguinte, se é que dormiriam?

No dia seguinte, experimentei pessoalmente o que dissera o jornalista a respeito das relações pessoais. O comentário dos jornalistas da *Nacional*, entre eles e com alguns de outras editorias, era de que eu “era animada”. Meu *status* na redação aumentou e as pessoas passaram a me tratar com maior intimidade. A partir desse episódio, passei a ser informada do circuito de caronas para Niterói e, ao me oferecer para ajudar em algum trabalho no horário de fechamento, a oferta era aceita naturalmente (antes eu sempre ouvia a resposta que não precisava). Cheguei a emprestar uma pequena quantia de dinheiro para uma jornalista, que precisava de trocado na hora; esta, “preocupadíssima”, me pagou poucos dias depois. Recusar o *chope*, recusar a carona, não oferecer ajuda, seria o mesmo que recusar estabelecer relações. Eu entrara finalmente no circuito das trocas que se desenvolvem dentro das redações.

Nos jornais - assim como em outros universos - mais importante do que a troca em si é o laço social que se estabelece entre aqueles que trocam que é fundamental³¹. Ao se privilegiar na análise o poder, o prestígio e a honra que perpassa a transação de troca, na verdade o que se está falando é de formas de diferenciação social. Pensando o poder político em outros contextos sociais - Grécia e Roma antigas -, Veyne (1976) mostra que ele é visto como uma dignidade social. O autor explica que o poder é muito pouco sem o prestígio, pois o que se quer é “governar os sentimento dos quais a obediência exterior não é senão a expressão, reinar sobre os corações” (:406). O poder é concebido não apenas como exercício, mas como uma relação entre pessoas e expressão de prestígio. O poder político consiste em ser amado.

Quando o analista pergunta “quem dá o que para quem”, ele parte para situar as pessoas envolvidas na relação de troca em um quadro hierarquizado de relações, permanentemente avaliado e construído pela coletividade. Doar era um valor em si mesmo e, como afirma Veyne, entre os nobres e ricos doar estava relacionado a uma certa concepção de si como homens e como classe. O notável grego e o romano oligarca deviam colocar suas riquezas e suas influências em função de sua cidade ou província, pois encontravam-se pressionados pela opinião e por suas próprias vaidades enquanto homens honrados e distintos³². No caso dos jornalistas, não ser “generoso” ou não aceitar trocar implica em ser considerado “pela opinião” (os demais jornalistas) um profissional de menor qualidade, um *coleguinha*. A generosidade pode ser vista,

³¹ Malinowski (1976 [1922]; 1935), Mauss (1974), Bourdieu (1980; 1996a) e Veyne (1976) enfatizam o caráter relacional envolvido na prática da troca de dons, apesar de produzirem suas análises com abordagens particulares a cada um e em contextos sociais distintos, e mostram que falar em dons implica em falar de prestígio, poder e honra.

³² A vaidade e a pressão da opinião também são detectados por Bourdieu (1995) a respeito dos homens de honra na Kabília. Segundo ele, é o medo da reprovação coletiva e o cuidado em ser digno de uma certa imagem de si que leva os homens de honra a obedecerem aos imperativos da honra (: 64-65).

deste modo, como uma obrigatoriedade.

Assim como Mauss (1974) e Malinowski (1935; 1976) falavam de rivalidade entre parceiros da troca, Bourdieu (1995) fala da competição de honra entre os *kabile* como algo ritualizado e institucionalizado. Para ele, os objetos trocados em várias economias arcaicas valem como meios de se demonstrar o poder, através de sua exibição, como capital próprio - como capital simbólico - para ajudar a reproduzir e legitimar hierarquias sociais. É isso que possibilita aos envolvidos na troca - sejam eles pessoas pertencentes ao povos ditos “primitivos” ou os jornalistas - conceber o ato de dar como se fosse um ato de generosidade, mesmo sendo obrigatório. Nesse estatuto de generosidade e obrigatoriedade, em que os parceiros vêm-se mutuamente obrigados, o que se instala entre eles é um tipo de dominação simbólica e legítima, em que um parceiro depende diretamente da opinião e dos atos dos demais.

CAPÍTULO 3

CONTROLE E DISCIPLINA: CONSTRANGIMENTOS

As atividades dos jornalistas, no exercício da profissão, dentro e fora da redação, são reguladas por regras e normas estipuladas pelas empresas jornalísticas e pelas interações do meio jornalístico. Diversos são os instrumentos de controle agindo sobre a produção e os profissionais: manuais de redação, avaliação de desempenho e formas de crítica e correções públicas. Cada empresa possui um conjunto de regras próprias, que fazem parte do processo de construção da identidade de cada jornal. Há instruções que dizem respeito ao modo como os textos devem ser escritos (estilo), ao projeto gráfico, às normas de conduta, às posições éticas adotadas e às linhas editoriais.

Do ponto de vista dos mecanismos de controle, os jornais poderiam ser definidos como instituições marcadas por uma forte disciplina agindo sobre seus membros. Dotados de um quadro de pessoal fortemente hierarquizado, sobre o qual agem mecanismos de avaliação, fiscalização, punição e sanção, as redações de certa forma se aproximam das análises feitas por Michel Foucault sobre as instituições disciplinares.

“O poder disciplinar, graças a ela [a vigilância hierarquizada], torna-se um sistema ‘integrado’, ligado do exterior à economia e aos fins do dispositivo onde é exercido. Organiza-se assim como um poder múltiplo, automático e anônimo; pois, se é verdade que a vigilância repousa sobre os indivíduos, seu funcionamento é de uma rede de relações de alto a baixo, mas também até um certo ponto de baixo para cima e lateralmente; essa rede ‘sustenta’ o conjunto, e o perpassa de efeitos de poder que se apóiam uns sobre os outros: fiscais perpetuamente fiscalizados. (...) E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um ‘chefe’, é o aparelho inteiro que produz ‘poder’ e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte à escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente ‘discreto’, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio” (Foucault 1988:158).

A aproximação feita com a análise de Foucault sobre as instituições disciplinares diz respeito, no entanto, a um ponto de vista interno à redação, ou seja, tendo por base comportamentos e regras pertencentes à esfera das relações dos jornalistas com seus pares e com a empresa para a qual trabalham. É esse ponto de vista interno que constitui o objeto deste trabalho.

É preciso esclarecer, porém, que de um ponto de vista “externo”, isto é, do papel do “jornal” diante da sociedade na qual está inserido, é difícil dizer que os jornais funcionem como instituições disciplinares. Eles devem ser percebidos, diferentemente, como algo próximo a instituições de controle, nessas “sociedades de controle” que, segundo Deleuze (1992: 220), teriam substituído as “sociedades disciplinares” analisadas por Foucault. Os jornais fornecem “visões de mundo” particulares àqueles que os lêem, e esses leitores são disputados pelas empresas jornalísticas que lhes oferecem diferentes “visões de mundo”. Como afirma Deleuze (: 224), “o marketing é agora o instrumento de controle social”.

Dentro da redação, a importância dada ao julgamento feito pelos colegas de profissão, pelos superiores e o desejo de reconhecimento de todos, além da competição existente, levam cada indivíduo a obedecer às regras e a exercer um tipo de fiscalização sobre si mesmo e sobre os outros. Conforme a opinião de um jornalista da **Folha do Rio**, tanto o olhar do chefe quanto o dos colegas quase sempre está direcionado para encontrar o que há de errado e não para os acertos. Ainda segundo Foucault, ao se referir à oficina, à escola e ao exército, existiriam micropenalidades (de tempo, de

atividade, da maneira de ser, do corpo e da sexualidade) que são combinados com diversos tipos de punição, tornando o indivíduo “preso numa universalidade punível-punidora” (Foucault 1988:160).

Foucault sugere também que a penalidade disciplinar diz respeito ao que está inadequado à regra, o que se afasta dela, os desvios. De seu ponto de vista, os castigos disciplinares são tidos como ao mesmo tempo artificiais (com regras explicitadas a partir de um programa, um regulamento) e naturais (definidos a partir de processos observáveis, que têm por referência uma suposta regularidade das condutas). A função dos castigos seria a de reduzir os desvios, e as punições disciplinares não passariam de um elemento pertencente a um sistema duplo de gratificação-sanção, onde comportamentos e desempenhos seriam contabilizados qualitativa e quantitativamente.

“Em suma, a arte de punir, no regime do poder disciplinar, não visa nem a expiação, nem mesmo exatamente a repressão. Põe em funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto - que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como ótimo de que se deve chegar perto. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a ‘natureza’ dos indivíduos. Fazer funcionar, através dessa medida ‘valorizadora’, a coação de uma conformidade a realizar. (...) A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares compara, diferencia, hierarquiza, homogeneiza, exclui. Em uma palavra, ela *normaliza*” (Foucault 1988:162).

O autor chama a atenção, ainda, para o fato de que se de um lado o poder de regulamentação homogeneiza, de outro, ele também individualiza. Isso ocorre porque ao permitir medir desvios, determinar níveis e estipular especialidades, introduz a gradação das diferenças individuais, ajustando-as dentro de um sistema de igualdade formal.

Os manuais de redação elaborados pelos jornais estudados são uma tentativa de normatização de um modo de trabalhar e escrever. Eles trazem, ao mesmo tempo,

juntos, instruções referentes à grafia de palavras, estruturas dos textos jornalísticos, palavras que não podem ser utilizadas nos textos e em outros idiomas, expressões jurídicas e da área médica, estilo, fotografia, técnicas de entrevista, ética e dicas de comportamento para os profissionais.

Antes de entrar na análise dos manuais de redação, é importante mencionar que, concretamente, dentro das redações dificilmente se vê alguém consultando o manual. O que se percebe é que as normas nele apresentadas são imediatamente internalizadas pelos jornalistas, através da repetição diária de certos procedimentos. Daí ser rara a necessidade de consulta ao manual.

A presença física dos manuais é, por isso, discreta. No **Correio da Cidade**, por exemplo, passei todo o período de pesquisa tentando adquirir um exemplar na redação, o que não foi possível. Os jornalistas me diziam que tinham o manual em casa e na redação, me informavam que talvez no departamento de pessoal fosse possível adquiri-lo. O exemplar aqui utilizado foi comprado em banca de revistas localizada em frente ao jornal. Na **Folha do Rio**, os manuais estavam armazenados em um armário na sala do editor-chefe e dos editores-executivos, tornando a tarefa de aquisição mais fácil.

Se, por um lado, as regras e normas instituídas pelos e nos manuais de redação entram em ação no desenvolvimento mesmo das atividades executadas, por outro lado, é partir do próprio desenvolvimento das atividades que ocorrem as “exceções” às regras. Diante de determinadas situações, dependendo do teor do assunto e do caráter inusitado do fato ocorrido, pode ser levantada para discussão a necessidade de “ferir” o projeto gráfico ou o posicionamento ético do jornal. De acordo com um subeditor do **Correio da Cidade**, com a realização diária da análise crítica do jornal, ocorre a criação de novos parâmetros, que produzem uma reavaliação das normas a partir de

casos específicos.

As individualidades pessoais de cada profissional - que tem que tomar decisões a todo instante - e as singularidades das situações vivenciadas pelos jornalistas fazem com que as normas e regras tenham que ser constantemente reavaliadas. Como lembra Foucault, a normatização se dá tanto através de formas explícitas quanto a partir da repetição de comportamentos e condutas silenciosas. A combinação dessas duas variáveis é que compõem um conjunto de regras particulares a cada instituição.

Como os jornais funcionam como instituições disciplinares, os profissionais têm constantemente seus desempenhos e sua produção avaliados. As críticas feitas à produção do dia anterior (os jornais publicados) e sua publicização, a contabilização de erros e a premiação ou punição dos profissionais são formas de controle sobre o produto (o jornal) e os funcionários (os jornalistas). Tendo por base esse sistema regular de avaliação e gratificação/punição, as normas se reafirmam constantemente. Assim, ter um bom desempenho pode significar uma promoção e, ao contrário, um mau desempenho pode fazer com que haja uma transferência para uma editoria de menor prestígio, ou até mesmo a demissão do emprego.

Além disso, como apontou Foucault, são aplicadas micropenalidades referentes ao tempo, atividade, maneira de ser e corpo. Nos jornais, todos esses itens são também observados: os prazos devem ser respeitados, as atividades devem ser executadas a contento e as pessoas devem se portar e se vestir de um determinada forma. As sanções variam de olhares de reprovação vindos de colegas e superiores até advertências verbais ou ações administrativas.

3. 1 - Manuais de Redação

O manual de redação do **Correio da Cidade** - que atualmente corresponde à sua quarta versão - contém mais de 200 páginas e foi redigido pelo editor de Opinião, que é quem faz também uma das análises críticas sobre o jornal. Segundo consta em sua apresentação à primeira edição, o manual “tem como ponto de partida a crítica diária de cada edição do **Correio da Cidade**³³, registro necessário (às vezes cruel, segundo opiniões respeitáveis) de erros e equívocos. Essa análise é enviada a toda a redação pelo sistema integrado de terminais de vídeo e também arquivada na memória do computador”. Cabe dizer que, anteriormente, o manual de redação circulava somente em âmbito interno, mais tarde sendo ampliada sua distribuição.

O manual de redação traz temas variados que dizem respeito à forma de se comportar e a atitudes que os jornalistas devem assumir no exercício da profissão, bem como regras a que o jornalista deve obedecer ao escrever textos a serem publicados no jornal. Traz ainda dicas de grafia de palavras da língua portuguesa e de como utilizar expressões provenientes de outras áreas de conhecimento ou idiomas.

Sem fazer uma análise detalhada do conteúdo do manual de redação, o que seria tema para outro trabalho, existem alguns pontos que merecem ser comentados. Um deles diz respeito ao capítulo referente às questões éticas. Na abertura do texto, é dito que as exigências éticas não prejudicam a prática do jornalismo e que só “elevam a qualidade da informação”. Diz que a atividade jornalística “tem obrigação de cumprir as leis do país” e que tem “critérios éticos próprios”, lembrando que a imprensa é responsável pela escolha de suas “regras específicas de conduta”. Afirma ainda que “a

³³ Apesar da condição de sigilo das empresas, a força dos conteúdos presentes nos manuais tornou obrigatória a transcrição de trechos literais neles contidos. Conto, porém, com uma certa cumplicidade do leitor para que a identidade das empresas se mantenha ocultada.

maioria das decisões de natureza ética depende das circunstâncias de cada caso. E nem sempre são decisões sobre publicar ou não publicar: as considerações éticas começam com o comportamento do repórter na busca de notícias e podem determinar a extensão do texto e o destaque gráfico, porque influem na importância dada pelo jornal a determinados assuntos.”

Outros trechos interessantes dizem respeito à *pauta*, à atitude e ao estilo dos jornalistas. Sobre a *pauta*:

“Muitas pautas podem ser ditadas por certezas morais ou convicções pessoais levando o impulso inicial da apuração numa determinada direção. Nada há de mal nisso. Mas, quando os fatos aparecem à tona, eles é que mandam, até mesmo para decretar que não existe matéria a ser feita. Corretamente entendida e concebida, a pauta é fundamental para a organização do trabalho de cada dia; nela estão a memória e a imaginação do jornal”. (Manual de redação do *Correio da Cidade*)

Neste momento, a leitura feita por Foucault sobre a combinação dos casos particulares com as regras gerais estipuladas pela instituição se aplica nitidamente. Pode-se dizer que ao longo de todo o manual existe um jogo em que se explicita o que é proibido, o que é permitido, o que é desejável e o que é obrigatório. No item referente à atitude do repórter, é indicado tanto o modo como ele deve se comportar em público quanto a forma como se veste e outros detalhes sobre a aparência.

Já quando o manual versa sobre o “estilo” do texto, aponta que o jornalista deve escrever “depressa.” O que se diz a seguir é que independente da velocidade em que o texto for escrito, o jornalista tem que ser fiel a três requisitos: “exatidão (para não enganar o leitor), clareza (para que ele entenda o que lê) e concisão (para não desperdiçar nem o tempo dele nem o espaço do jornal)”. E acrescenta que somente isso não basta, pois é preciso talento e aptidão “que cada um desenvolve por conta própria”.

O manual de redação da **Folha do Rio** aborda questões de ordem mais prática, a partir de exemplos, apesar de tratar os assuntos referentes à grafia de palavras e

estruturação de texto de modo bem semelhante ao manual do **Correio da Cidade**. A linguagem do manual da **Folha do Rio** é mais direta e contém pouco mais que 100 páginas.

Logo na Apresentação do manual, é contada a história da mudança sofrida pelo jornal há alguns anos, a partir de uma analogia com “o doente grave” [o jornal], que estaria precisando de um “remédio forte”, a mudança.

“(…) Certas drogas, contudo, trazem efeitos colaterais perigosos. O jornalismo desqualificado de antes deu lugar a outro, sério, objetivo, mas quase tão burocrático quanto o praticado pelos demais jornais. E é isto que queremos mudar”.

Desse modo, o manual pretende estimular seus leitores - os jornalistas da empresa ou os que estejam iniciando sua carreira no jornal - a dar continuidade à mudança realizada, até que o ideal editorial do jornal seja alcançado e seu caráter esteja claramente definido, segundo ele, o de ser um “jornal popular”.

O objetivo do manual, de acordo com sua auto-definição, é servir para “consulta ágil e rápida”. E em seus capítulos estariam resumidos “nossos editoriais básicos e padrões de grafia”. O manual seria “sobretudo, um referencial para o aperfeiçoamento profissional e ético”. Por fim, o manual afirma que o jornal fez a opção pela “criatividade, pela emoção, pelo estilo ficcional” e, por isso mesmo, pela precisão.

No capítulo referente a questões éticas, o manual de redação da **Folha do Rio** é mais sucinto do que o do **Correio da Cidade**, que antes de entrar em instruções mais específicas sobre o que se deve fazer diante de determinadas situações, discute o próprio papel da ética e da postura ética dos jornalistas de um modo genérico. No manual da **Folha do Rio**, há instruções sobre como falar de “menores”, “violência contra a mulher”, “Aids, overdose e causa mortis”, “off the record” e “correções e

retratações”, entre outros assuntos considerados delicados.

Além dos procedimentos de como agir em relação a esses casos, indica também sobre como agir diante da situação de guarda de documentos, cessão de fotos e textos para investigações policiais ou judiciais e como os jornalistas devem agir caso tenham algum envolvimento com a lei (isto é, venham a ser testemunhas, réus ou acusados). Tendo por base o conteúdo dos itens que constam no manual de redação - o que por si só já é um indicativo do que é considerado importante -, a preocupação ética da **Folha do Rio** está diretamente relacionada às possibilidades da empresa ser acionada pela Justiça, o que nenhum jornal deseja.

Durante o trabalho de campo na **Folha do Rio**, ocorreu um caso em que um repórter foi demitido do emprego por fazer uma foto “armada, em que um militar de farda fizera uma declaração polêmica. Uma das forças armadas avisou que iria processar o jornal, pois o militar, fora do horário de trabalho, não poderia estar fardado. A direção da redação descobriu, então, que o repórter havia pedido para o militar vestir a farda para que fosse fotografado. O repórter infringiu uma regra básica do manual de redação, relativo à postura ética e profissional, que diz respeito à precisão da informação.

No trecho relativo à postura ética e profissional, é determinado o “dever social” dos jornalistas do jornal:

“É dever do jornalista da **Folha do Rio** contribuir para a informação, o lazer e o consciente exercício da cidadania dos seus leitores, esclarecendo-os, ajudando-os na interpretação e tomada de posição sobre os fatos. São compromissos irrefutáveis da **Folha do Rio** a defesa da democracia, da ordem e da justiça social, de liberdade de informação, de livre iniciativa e liberdade de mercado, de moralidade administrativa, do patrimônio público e do bem-estar da comunidade.”³⁴

³⁴ Cabe observar que nos dois manuais de redação estudados, mostra-se que a apresentação dos fatos aos leitores não tem a pretensão de ser completamente objetiva. Ao contrário, está presente a dimensão subjetiva, seja quando, como neste trecho, é afirmado que o jornalista esclarece e “ajuda” a interpretação dos leitores, ou quando é dito, como no **Correio da Cidade**, que os critérios éticos diante de determinados assuntos dependerão do julgamento de cada jornalista.

Além do “dever social”, outros itens discutidos no capítulo dedicado à postura dos jornalistas são: qualidade da edição, horário de fechamento, opinião de jornalista, pool jornalístico e fale com a **Folha do Rio**. Este último indica que o leitor é o maior “patrimônio” do jornal e que, por isso, deve ter “tratamento VIP”, ou seja,

“é dever de todo funcionário ouvir e procurar resolver questões levantadas pelo leitor, seja por carta, telefone ou em visita à redação. Não atender ligações telefônicas - prática tristemente usual nas redações - é falta grave no [Folha do Rio]. Idem, deixar o leitor por longo tempo *mofando* na sala de entrevistas”.

Fazendo uma comparação entre o que é estipulado pelos manuais de redação e o que foi observado na dinâmica diária das atividades dos jornais pesquisados, percebe-se que as situações descritas nos manuais tendem a corresponder à realidade das redações, que, no entanto, não se resumem ao que é apresentado nos manuais. A coincidência entre o que está escrito e o que foi visto pode ser explicada porque, em parte, a rigidez disciplinar das empresas gera sanções para aqueles que não cumprem as normas; em parte, porque os próprios manuais de redação expressam uma realidade já existente. Assim, os manuais indicam as condutas e atividades dos jornalistas nas redações, do mesmo modo que as condutas e atividades atualizam os manuais, gerando novas versões deles.

As mudanças, no entanto, ocorrem geralmente em função das normas previstas nos manuais não responderem, ou responderem insatisfatoriamente, a questões colocadas por novas situações. A relevância do fato justificaria, assim, o não obediência às regras ou, caso se trate de situações não previstas nos manuais mas de frequência constante, sua inclusão nos manuais. Uma vez quebrada a regra, o habitual é que esse acontecimento particular gere precedente em casos de situações semelhantes.

3. 2 - Formas de crítica, contabilização dos erros e correções públicas

O desempenho dos jornalistas nas redações dos jornais **Correio da Cidade** e **Folha do Rio** é avaliado, principalmente, através de críticas diárias realizadas por alguém do *Aquário* a respeito do produto de suas atividades, o jornal publicado. As críticas acessíveis a todos os jornalistas da redação são comentadas por eles, e causam satisfação ou discórdia, às vezes orgulho ou revolta, mas quase nunca indiferença.

Na **Folha do Rio**, existem dois tipos de crítica pública: uma, é a própria discussão que se realiza na *Reunião de Pauta* ou de *Consolidação*, em que estão presentes representantes de todas as áreas do jornal; outra, mais formal que a anterior, é realizada por escrito e enviada por terminal de computador a todos na redação. Os responsáveis por esta última são os editores-executivos, que se revezam no cumprimento da tarefa.

Um exemplo de crítica escrita:

“Fomos bem:

1 - Explosão demográfica: Oportuno o trabalho de *Mário Augusto*. Em cima de um fato - o nascimento, hoje, dos quadrigêmeos na clínica de Laranjeiras -, produziu uma matéria didática sobre fertilidade in vitro. A concorrência limitou-se às pequenas notas. Avançamos. Exemplo a ser seguido.

2 - Balé de Kirov: belo trabalho da diagramadora *Patricia*. Exemplo de bom gosto. Estamos diante de um caso típico em que a diagramação bem feita valorizou a matéria.

(...)

Bom desempenho:

1 - A tragédia de Jabaquara: apesar de todas as dificuldades, vencemos o desafio. Sem o indispensável apoio de um sucursal, num momento deste, fizemos um trabalho correto e sem maiores problemas. A concorrência derramou-se em páginas. (...)

5 - Debate Conde Versus Cabral: repetimos na edição de hoje, os mesmos truques utilizados no debate César Maia com Ciro Gomes. Bom resultado. O problema é que os debatedores-prefeitáveis não ajudam muito. Tudo é previsível quando Conde e Cabral abrem a boca. Até mesmo nas agressões verbais não conseguem emitir um raio de originalidade sequer. É isso aí, temos que nos desdobrar nas edições para tornar as coisas atraentes.

Poderíamos ter feito melhor:

1 - O trágico destino de Reinaldo: fomos extremamente tímidos com o drama do carismático jogador Reinaldo. O homem é uma lenda do futebol. Poderíamos ter lembrado sua combatividade, quando estava na ativa. As perseguições que sofreu do regime militar por ter idéias próprias e avançadas

para a sua época. Este episódio mostra ainda que cocaína, nos campos de futebol, não é um fenômeno típico da Itália, Espanha ou Argentina. Está por toda a parte. Com toda a certeza, o envolvimento é assunto muito mais interessante que o dilema de Antônio Lopes na escolha entre Celso ou Macedo.

(...)

Quem não faz, leva

1 - Onda verde: hoje, começa a funcionar o novo sistema de controle eletrônico do trânsito e dos sinais. Temos hoje nos concorrentes novidades sobre o assunto. Temos quase meia página com um deslizamento chinfrim na Ilha, não podemos nos queixar da falta de espaço. Aliás, num jornal tão carente de espaço e repleto de boas matérias, não se pode destinar para um inconseqüente deslizamento de encosta, na Ilha do Governador, tanto espaço.

Fomos mal:

1 - Jogo errado: demos no Primeiro Clichê, que o Flamengo jogará contra o Paraná, logo mais à noite, no Maracanã. Que barriga! O adversário do time rubro negro é o Sport. Nossa sorte foi que uma alma caridosa percebeu a mancada e fez a correção, na Segunda Edição. Pelo número de telefonemas recebidos na Redação, a tiragem com exemplares errados foi grande.”

No **Correio da Cidade**, além da *Análise Crítica* realizada na *Reunião de Pauta*, que fica exposta em um quadro, existem mais três tipos de correções públicas: uma feita pelo editor de Opinião (uma espécie de *ombudsman* interno), que é enviada a todos na redação; outra que diz respeito ao aspecto gráfico, que é feito pelo editor de arte, um tipo de *guardião* do projeto gráfico do jornal, onde as páginas referentes a cada editoria enviadas ao editor de área trazem marcações de erros, em vermelho; e as correções de erro de português e *pastel* (por exemplo quando uma palavra junta na outra ou um parágrafo foi interrompido no meio). Cada uma dessas correções está relacionada a um tipo de erro. Eles são classificados em três tipos: de informação, gráficos e em geral, respectivamente.

Semelhante a uma empresa qualquer em que funcione uma rígida linha de produção, no **Correio da Cidade** cada editoria também tem metas a cumprir mensalmente e anualmente quanto à quantidade e à qualidade dos erros cometidos. Na redação, o desempenho dos jornalistas é medido em erros, que são contabilizados em

cotas pelo jornal. Quando as pessoas da editoria conseguem cumprir suas metas, elas recebem como gratificação a participação nos lucros da empresa, seguindo o modelo já comentado de punição-gratificação.

Há, no entanto, uma hierarquia dos erros cometidos. Os erros de informação são considerados os mais graves. A editoria *Nacional* tem direito a cerca de dois ou três erros desse tipo por mês. Os erros gráficos também são importantes, e podem ser cometidos também pela editoria duas ou três vezes mensalmente. Já os erros gerais, que são os de português e de *pastel*, são os menos importantes, e a cota mensal para a editoria é de 10 a 12 por mês³⁵.

Para entender melhor a dinâmica de normatização das condutas nas redações dos jornais, além de Foucault, pode-se também associá-la à análise de Weber (1944[1922]: 251-272, 532-588) acerca dos vários tipos de direito e sua constituição. O autor, em seu estudo, aponta duas noções que são concebidas como fundamentais para a melhor compreensão das condutas das pessoas nas sociedades ditas primitivas: a de convenção e a de reprovação social, ou “desaprovação do meio ambiente”.

Ao refletir sobre os vários motivos de submissão aos preceitos jurídicos, Weber afirma que esses motivos variam segundo um caráter mais utilitário, mais ético ou mais convencional. Weber aponta que no âmbito da convenção - que é o que interessa aqui - não se identifica um aparato coativo, já que não se trata de influir em uma conduta determinada por meio de coação física ou psíquica. Mas, ao contrário, a única reação

³⁵ Segundo a explicação de um jornalista, esse sistema faz parte de uma avaliação de produção na redação, uma vez que todo jornal está agora fazendo parte de um sistema de participação nos lucros.

permitida em relação às condutas adotadas é a aprovação ou desaprovação “de um círculo humano que forma um “mundo circundante” específico do ator” (idem: 258). É o medo da reprovação social, portanto, que leva os indivíduos a obedecerem às convenções. A desaprovação social funciona assim como um tipo de sanção.

Uma vez que o indivíduo encontra-se envolvido numa rede de relações pessoais, é possível pensar a obediência se for levado em consideração que essas pessoas **crêem** na obrigatoriedade de obediência às normas de conduta e possuem um “sentimento de obrigatoriedade” que as faz respeitar as convenções. As regularidades da conduta, que Weber define como costumes, podem converter-se em fonte de nascimento para as regras de conduta, que seriam a convenção e o direito. Num movimento contrário, as normas convencionais ou jurídicas produzem também regularidades que constituem os conteúdos das ordenações (: 265-268). Com base nisso, é possível entender como os jornalistas, ao mesmo tempo, obedecem e atualizam, com novas regras de comportamento, os manuais de redação.

As condutas, porém, são norteadas também pelo que Sánchez-Jankowski (1994), em seu trabalho sobre as gangues e a imprensa, entende como constrangimentos próprios do meio jornalístico³⁶. Entre as regras que os documentaristas sobre gangues seguem - na minha opinião comum à cobertura de quase todos os assuntos e também aos jornais impressos -, está a pergunta “Em que minha reportagem pode interessar o conjunto da sociedade?”. Outra regra condicionando a reportagem é “o imperativo do inédito”. Os jornalistas têm sempre que buscar alguma coisa nova, conseguir “um furo de reportagem”. A terceira regra diz que a reportagem deve comportar bastante “ação”, no caso da televisão, e muita “emoção”, no caso dos jornais. A quarta regra consiste no

³⁶ Mesmo se referindo basicamente à imprensa televisiva, os constrangimentos apontados por ele servem também, a meu ver, para uma análise das atividades jornalísticas em jornais impressos.

“ritmo”, para que o interesse do espectador não se perca (no caso dos jornais, poderíamos dizer que no lugar do ritmo, os textos devem ter uma certa harmonia de construção, de modo que ao terminar de ler um parágrafo o leitor sinta interesse em ler o seguinte). A quinta exigência é a clareza da reportagem, de modo que o trabalho do jornalista seja compreendido pelo conjunto do público. Por fim, é a instrução de que a reportagem seja produzida de forma equilibrada, dando prova da diversidade tanto na igualdade da escolha dos sujeitos quanto na expressão das orientações políticas.

Sánchez-Jankowski (:107) enumera também o que ele chama de “constrangimentos técnicos”: 1) o tempo - o jornalista trabalha pouco tempo sobre o mesmo sujeito, em que é comum perder-se informações de base; 2) dificuldade de acesso às fontes (ou, generalizando, às fontes) - é preciso ganhar a confiança deles; 3) formação do jornalista - quase todos os jornalistas ambicionaria produzir um diagnóstico sociológico (neste caso, acredito que isso depende do assunto abordado); e 4) espaço ou duração imposto à emissão ou ao artigo.

Assim, levando-se em consideração esses constrangimentos próprios e característicos do meio jornalístico, que interferem em grande medida no resultado final do trabalho produzido pelos jornalistas - o jornal, os noticiários de televisão, etc. - e que se reflete em seus comportamentos, percebe-se que para explicar o processo de construção das notícias é preciso considerar que este é um processo sobre o qual agem inúmeras variáveis. E para detectá-las, somente a observação direta da dinâmica do dia-a-dia das redações, em que pode-se verificar, caso a caso, o que deve ter contribuído para que uma notícia fosse publicada de uma forma e não de outra: preferências pessoais, pressa, falta de espaço, convenções expressas nos manuais, etc.

CONCLUSÃO

Bourdieu (1996b: 18), em sua análise sobre a televisão, afirma que os jornalistas possuem “lunetas” particulares a partir das quais “vêm certas coisas e não outras; e vêem de uma certa maneira as coisas que eles vêem”, fazendo uma seleção e uma construção do que é selecionado. Essa observação, a meu ver, não se restringe à televisão. O estudo do processo de construção das notícias nos jornais indica diversos níveis e espécies de interferências atuando nesse processo.

Explicar o motivo pelo qual uma notícia sai de determinada forma utilizando-se um único viés, como o ideológico ou o comercial, por exemplo, significa empobrecer a análise da dinâmica de uma atividade - a jornalística - rica em experiências. Afinal, os jornalistas, em um certo sentido, constroem o “mundo” em torno de si, cercados pelos monitores de computador e pelas paredes das redações, sob o olhar dos colegas e superiores. “Mundo” que, neste caso, está relacionado a duas idéias distintas: a de um “mundo” próprio dos jornalistas dentro das redações, ou no desenvolvimento de suas atividades, e o “mundo” produzido e divulgado por eles, a partir da “construção” e transmissão dos acontecimentos.

O trabalho de campo nos jornais **Correio da Cidade** e **Folha do Rio** permitiu observar como esse “mundo” é construído por um meio jornalístico mais do que por um jornalista ou por uma empresa jornalística. As notícias são construídas a partir de uma rede ampla de relações, sejam elas relações entre empresas jornalísticas através de pessoas ou de pessoas que por pertencerem às empresas, ou a um mesmo segmento profissional, se relacionam.

De um modo geral, as relações de amizade, profissionais e de concorrência são os três tipos de relações que se estabelecem entre os jornalistas dentro das redações e muitas vezes fora delas, apresentando-se misturadas. A natureza das relações pode pertencer a diversas ordens, inclusive à ideológica e à comercial

São os tipos de relações pessoais que se estabelecem entre os jornalistas que determinam, muitas vezes, o lugar ocupado por alguém na hierarquia do jornal, da mesma forma que podem influenciar o local e o tamanho que uma matéria ocupará em uma página do jornal. Do *chope* depois do expediente até visitas às casas de cada um, em que a vida profissional se confunde com a vida pessoal, quase tudo é contabilizado, mesmo que inconscientemente, em favor da primeira. O desejo de reconhecimento pelos colegas de profissão pode ser entendido como um dos motivadores dos jornalistas no desenvolvimento de suas atividades diárias.

Já segundo Bourdieu (1996b: 39), as relações de concorrência são também relações de conivência, “de cumplicidade objetiva, fundada sobre os interesses comuns ligados à sua posição no campo de produção simbólica e sobre o fato que eles [o jornalistas] têm em comum estruturas cognitivas, categorias de percepção e de apreciação ligadas à sua origem social, à sua formação (ou à sua não-formação).”

Se é possível dizer que existem obsessões próprias ao meio jornalístico, estas seriam a preocupação com o “tempo” e a preocupação com a “concorrência”. Os relógios estão presentes em locais onde, dentro das redações, é impossível não acompanhar o movimento dos ponteiros em direção ao *deadline*. É o tempo que deixa sua marca nos acontecimentos, tornando-os *velhos* e *frios* ou tornando os assuntos *quentes*, novos, ou seja, notícias.

Pode-se dizer que as notícias, por sua vez, dialogam entre si, através da

concorrência entre aqueles que as produzem. Saber o que foi ou está sendo produzido pela concorrência também é uma obsessão. As *pautas* assim como as *críticas* são em grande medida elaboradas a partir do trabalho dos concorrentes. De acordo com Bourdieu (1994:5), a “concorrência incita a exercer uma vigilância permanente (...) sobre as atividades dos concorrentes”, mais para impedir que os concorrentes tenham alguma informação do que pelo próprio desejo de possuí-la. “É assim que, neste domínio, como em outros, a concorrência, longe de ser automaticamente geradora de originalidade e de diversidade, tende freqüentemente a favorecer a uniformidade da oferta”.

A preocupação com a concorrência é tanta que, por vezes, gera cenas insólitas no cotidiano dos jornalistas, confirmando concretamente a metáfora das notícias que, autônomas, tendem a dialogar mais entre si do que com o fato ocorrido. Uma destas situações foi presenciada por mim no **Correio da Cidade**: por volta de meia-noite, uma repórter que estava *coabrindo* um candidato a prefeito acabara de participar de uma reunião na casa dele. No final do encontro de cunho político, em que jornalistas de vários órgãos haviam sido convidados a participar, só restaram dois repórteres no local. A repórter do **Correio da Cidade** e um outro do **Jornal Matutino**. A repórter ligou para a redação e perguntou ao editor se era para ela continuar ali, uma vez que exceto o *colega*, todos já tinham saído há mais de meia hora. O editor (eu me encontrava ao seu lado quando o telefone tocou) disse para ela esperar até que ele fosse embora e procurasse descobrir o porquê dele ainda estar lá. Afinal, talvez ele estivesse esperando conseguir alguma informação *exclusiva*. Quinze minutos depois, a repórter ligou novamente: o repórter só estava lá porque ela também estava, e ele tinha instruções de só ir embora quando a repórter também fosse. Ou seja, a presença de um se justificava

somente pela presença do outro. Desfeito o *mal-entendido* os dois puderam, então, finalmente ir embora.

Ao lado da concorrência e da competição que norteiam as atividades jornalísticas e as relações entre jornalistas, o meio jornalístico é fortemente marcado por um dia-a-dia construído em bases de trocas. Trocas de gentilezas, de favores, de informações, de experiências, etc., onde aceitar trocar significa aceitar fazer parte de uma rede de relações própria ao meio jornalístico.

Por fim, pode-se dizer que as páginas dos jornais encerram muito mais do que simples “pedaços de realidade”: intermediando a vida cotidiana (com suas mazelas) e a curiosidade a respeito do que acontece a nossa volta, existe um “mundo” complexo, construído e composto pelos jornalistas.

GLOSSÁRIO³⁷

Abertura: é aquele primeiro parágrafo onde o repórter põe as informações principais visando atrair o leitor para o resto do texto. Também se chama **lead**.

Angulação: é o enfoque da matéria. A maneira de apresentar o assunto.

Alinhar à direita: recurso de diagramação no qual o texto é bloqueado à direita. A margem esquerda fica irregular. O texto não é hifenado.

Alinhar à esquerda: fazer com que as linhas do texto comecem no limite da margem esquerda, sem a obrigatoriedade de ficarem bloqueados junto à margem direita. O texto não é hifenado.

Análise: texto que explora diversos aspectos de um fato ou uma situação, em especial seus antecedentes e suas consequências. Em geral, o autor da análise se abstém de opinar. Pode ser assinada ou não.

Artigo: texto de interpretação ou opinião do autor. Deve ser sempre assinado. Pode ser escrito na primeira pessoa.

Assinatura: é o ato de pagar pelo recebimento diário do jornal em determinado local por um período de tempo proposto pela empresa que edita o jornal e aceito pelo comprador (assinante).

Barriga: é a publicação de um grave erro de informação ou a veiculação de uma notícia falsa.

Blocar: levar todas as linhas até o fim da margem para evitar os ‘degraus’, ‘joelhos’ ou

³⁷ A maior parte das definições e termos apresentados resulta de reprodução de vocabulário presente nos manuais de redação da **Folha do Rio** e da **Folha de S. Paulo**. Aqui encontram-se também expressões e palavras que são utilizadas cotidianamente nas redações mas que não constam nos manuais, sendo resultado da observação da analista.

'dentreamento' no texto.

Bomba: notícia muito importante, sensacional.

Boneca: modelo de projeto gráfico de uma nova publicação, para se ter uma idéia do seu tamanho, aspecto visual e distribuição do material jornalístico e publicitário, conforme a idéia básica inicial.

Boneco fotográfico: é a fotografia de um personagem em que aparecem apenas seu rosto e parte do tronco; na tradição da reportagem policial significa a fotografia dos seus documentos ou álbuns de família.

Box: é um texto que aparece na página entre fios, sempre em associação íntima com um texto principal.

Briefing: palavra inglesa assimilada da imprensa norte-americana. É o resumo de informações sobre um determinado fato, transmitido verbalmente para os jornalistas.

Buraco: também conhecido como 'branco'. Ocorre quando o texto não preenche o espaço que lhe foi reservado.

Cabeça de página: é a notícia que, por sua importância, merece estar no alto da página, com seu título logo abaixo do cabeçalho. Uma página pode ter mais de uma 'cabeça'.

Cabeçalho: são as informações contidas no alto de cada página que informam o nome do jornal, a data de cada edição, a editoria ou subdivisão da editoria e o número da página. Em suplementos tablóides essas informações podem vir no pé da página.

Caderno: é um conjunto de folhas de jornal que constitui uma unidade descartável do restante.

Caixa alta/baixa: caixa alta é uma letra maiúscula e baixa é minúscula.

Calhau: anúncios do próprio jornal, utilizados como recurso de fechamento, para preencher um buraco na página.

Cascata: o mesmo que laranjada. Matéria vazia de informação, meramente especulativa.

Chamada: texto com título ou simplesmente um título que anuncia, na primeira página dos jornais e revistas, a matéria publicada no 'miolo'.

Chupar: aproveitar, em uma nova matéria, informações já publicadas.

Cineminha: é a publicação simultânea de fotos tiradas uma imediatamente após a outra. O objetivo do cineminha é revelar ao leitor o desenvolvimento visual de uma ação, geralmente muito rápida, ou chamar sua atenção para a descontinuidade surpreendente entre os momentos registrados.

Clichê: a expressão *segundo clichê* designa a nova impressão da página para inclusão de notícia importante de última hora; chapa de metal para onde a imagem de uma fotografia ou ilustração era transposta para ser impressa. A palavra também tem sentido de "frase feita".

Cobertura: é o trabalho de apuração dos fatos e de coleta de informações realizado no próprio local dos acontecimentos.

Coletiva: é a entrevista que qualquer personalidade dá e para a qual são convidados jornalistas de vários órgãos de comunicação.

Coluna: tem dois sentidos: ou é o espaço usualmente reservado a um colunista ou cada uma das faixas verticais em que as páginas são divididas.

Colunão: recurso do jornal para colocar num determinado espaço notícias que não merecem destaque maior.

Copidesque (copydesk): na Folha do Rio, o *copy* reescreve todo o texto do repórter, quando necessário, e pré-edita a matéria, fundindo ou separando retrancas. O *copy* é uma versão moderna do velho redator, que se restringia a fazer correções básicas no

texto.

Corpo: em composição, designa o tamanho dos tipos ou caracteres tipográficos, que compreendem letras, sinais de pontuação, acentos.

Corte: nos jornais e revistas significa reduzir matérias por falta de espaço. Também significa escolher o melhor ângulo de uma fotografia, demarcá-lo e eliminar o restante.

Cozinha: aproveitar, reescrevendo, uma reportagem publicada em outro órgão ou captada pelo rádio.

Deadline: palavra inglesa que significa o prazo final para se executar um trabalho.

Diagramação: tarefa que consiste em dispor plasticamente no diagrama todo o material de edição: textos, títulos, fotos, ilustrações, gráficos, legendas etc.

Edição: é o trabalho de selecionar matéria, definir a sua importância e supervisionar a paginação; é o processo através do qual material jornalístico chega à forma final em que aparece aos olhos do leitor. A palavra também é usada para designar o conjunto final do material jornalístico produzido para o consumo do leitor ('a edição do dia').

Editor: é o jornalista responsável pela edição de uma página, seção ou caderno.

Editorias: cada uma das seções especializadas que agrupam o noticiário por temas afins e que, em conjunto, formam o jornal.

Editorial: é o texto em que o jornal exprime de maneira formal suas opiniões. Nunca é assinado.

Entrelinhamento: medida de espaço existente entre duas linhas impressas.

Enxugar: eliminar adjetivações desnecessárias, informações insignificantes e observações secundárias de um texto.

Espelho: é a programação do espaço da publicação, com a localização do anúncio já demarcada, feita pelo Departamento de Publicidade.

Estourar: quando o texto é maior do que o espaço reservado, ocorre o 'estouro'.

Fechamento: é o fim dos trabalhos de edição, a entrega do material para o processo gráfico.

Fonte: pessoa ou órgão que presta informações.

Free-lance: palavra de língua inglesa que designa uma tarefa realizada para o jornal mediante pagamento de quantia combinada entre as partes sem que haja vínculo empregatício. Aportuguesado para *frila*. **Free-lancer** é o jornalista que faz **free-lance**.

Fio: traço impresso para separar colunas, delimitar boxes, contornar fotos etc.

Foca: é o jornalista iniciante.

Furo: matéria de grande interesse, divulgada com exclusividade.

Gancho: tanto designa gerador da notícia, como a informação que 'puxa' a matéria.

Gaveta: textos de gaveta são aqueles artigos ou reportagens 'frios' que o editor deve ter sempre à mão, preparados antecipadamente para serem usados numa emergência.

Íntegra: transcrição completa de um discurso, declaração, documento e debates de grande interesse geral.

Janela: recurso gráfico para tornar mais atraente uma capa ou página. É um espaço delimitado para nele se colocar uma fotografia, um desenho, um título ou uma citação.

Lead: é o primeiro parágrafo do texto jornalístico que deve conter todos os elementos essenciais da informação. De modo geral, ele deve responder às perguntas "quem", "como", "quando", "onde", "por que" e "o que".

Legenda: texto curto, sintético, de uma a duas linhas de composição, às vezes três ou quatro palavras, que acompanha a foto.

Macarrão: uma folha (duas páginas) inserida no caderno. O mesmo que *solteira*.

Mídia: é o aportuguesamento da palavra inglesa *media*, que se refere ao conjunto dos

meios de comunicação em geral.

Olho: texto curto, geralmente com linhas irregulares. Muitas vezes o olho é utilizado para destacar, na edição, declarações do entrevistado.

Pastel: é a inversão de letras ou mistura desordenada de palavras e até parágrafos inteiros.

Pauleira: é uma matéria feita às pressas que exige malabarismos da equipe ou do repórter.

Pé: é o fim de um texto jornalístico.

Perfil: é um texto onde o jornalista procura oferecer um retrato de corpo inteiro de uma pessoa.

Pingue-pongue: é uma clássica entrevista de pergunta e resposta.

Telefoto: é a fotografia transmitida para a sede do jornal por telefone, de qualquer ponto do país ou do mundo.

Registro: nota curta que não merece mais que algumas linhas.

Release: é o texto feito por uma agência de divulgação ou assessoria de comunicação.

Repercutir: entrevistar pessoas sobre um determinado acontecimento ou assunto, para definir a repercussão.

Reportagem: é o relato do acontecimento importante, feito pelo jornalista que tenha estado no local em que o fato ocorreu ou tenha apurado as informações relativas a ele. É o produto essencial da atividade jornalística.

Resenha: resumo crítico, geralmente de livros.

Retranças: são matérias coordenadas à principal numa grande cobertura; palavra usada genericamente para identificar cada unidade de texto em jornal. Especificamente, significa a identificação, feita através de números e letras, que permite localizar a

unidade de texto no diagrama de um página.

Segundo clichê: parte da tiragem do jornal cujo conteúdo é alterado ou corrigido após o fechamento.

Selo: recurso gráfico para marcar visualmente uma reportagem.

Setorista: jornalista encarregado de cobrir o dia-a-dia de uma fonte permanente de notícias.

Suíte: é o prosseguimento de uma matéria publicada, geralmente, no dia anterior.

Texto final: texto pronto para a edição.

Tipo: qualquer sinal tipográfico. Os tipos se agrupam em fontes, conforme seu tamanho e forma.

Titular: é dar título à matéria.

Vazamento: informação que deveria permanecer sigilosa e que, por alguma razão, chega à redação e é divulgada.

Vender (uma matéria): fazer uma breve descrição da matéria, de modo persuasivo e com o objetivo de despertar a atenção daquele (s) para quem se faz a descrição - geralmente alguém que ocupa uma posição superior na hierarquia da redação.

Vinheta: pequena ilustração para enriquecer o aspecto visual de um texto e reforçar a informação.

BIBLIOGRAFIA

Actes de La Recherche en Sciences Sociales, 101-102, março de 1994

BONELLI, Marcos Antônio Gusmão.

1996 - "O Retrato da Política: Cobertura Jornalística e Eleições". In: GOLDMAN, Marcio. PALMEIRA, Moacir (orgs). *Antropologia, Voto e Representação Política*. Rio de Janeiro: Editora Contracapa Livraria.

BOURDIEU, Pierre.

1980 - *Le sens pratique*. Paris: Minuit.

1995 - "O senso de honra". In: CORRÊA, Mariza (org). *Três Ensaio sobre a Argélia & um Comentário*. Campinas: IFCH/Unicamp.

1996 a - "Marginalia - algumas notas adicionais sobre o dom". In: *Mana* 2/2.

1996 b - *Sur La Télévision - Suivi de L'Emprise du Journalisme*. Paris: Liber Éditions.

BURKE, Patrícia Santos Neve.

1996 - *O Jornal em Pauta: Um Estudo sobre a Coluna de Cartas dos Leitores do Jornal do Brasil*. Dissertação de Mestrado, PPGAS, Museu Nacional (UFRJ).

CHAMPAGNE, Patrick.

1984 - "La Manifestation. La Production de L'événement Politique". In: *Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, 52-53.

DARNTON, Robert.

1990 - *O Beijo de Lamourette. Mídia, Cultura e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras.

DELEUZE, Gilles.

1992 - *Conversação*. Rio de Janeiro: editora 34.

ELIAS, Norbert.

1987 - *A Sociedade de Côrte*. Lisboa: Editorial Estampa.

FOUCAULT, Michel.

1988 [1975] - *Vigiar e Punir*. (6ª edição) Petrópolis: Vozes.

GÓMEZ, Héran E.

1997 - “Las Noticias como Ámbitos de Construcción de Hegemonia Discursiva”.

In: Comunicação & Política, vol. IV, nº 1, nova série.

GALVÃO, Jane.

1992 - *Aids e Imprensa*. Dissertação de Mestrado, PPGAS, Museu Nacional (UFRJ).

KUSCHNIR, Karina.

1993 - *Política e Mediação Cultural, um estudo na Câmara Municipal do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado, PPGAS, Museu Nacional (UFRJ).

MALINOWSKI, B.

1976 [1922] - *Argonautas do Pacífico Ocidental*. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural.

1935 - *Coral Gardens and Their Magic*. Londres: George Allen & Unwin.

MAUSS, M.

1974 - “Ensaio Sobre a Dádiva. Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas”. *In: Sociologia e Antropologia*, Vol. II. São Paulo: Edusp e Epu.

SÁNCHEZ-JANKOWSKI, Martin.

1994 - “Le Gangs et la Presse. La Production d’un Mythe National”. *In: Actes de La Recherche en Sciences Sociales*, 101-102.

SPITULNIK, Debra.

1993 - "Anthropology and Mass Media". In: *Annual Review of Anthropology*, volume 2.

TORRES, João Batista de Miranda.

1994 - *As Folhas do Mal? Espectros da Antropologia na Imprensa*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia, UNB.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira.

1993 - *O Mundo dos Jornalistas*. São Paulo: Summus.

VEYNE, P.

1976 - *Le Pain e le Cirque. Sociologie Historique d'un Pluralisme Politique*.

Paris: Editions du Seuil.

1982 - *Como se Escreve a História*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

WEBER, M. 1944 [1922] *Economia y Sociedad. Esbozo de Sociologia Comprensiva*. (I)

México: Fondo de Cultura Económica.